



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS – FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
E LITERATURA – PPGLL



MAX SILVA DA ROCHA

**AS PRÁTICAS ARGUMENTATIVAS DE ORADORES RELIGIOSOS CRISTÃOS
DO AGRESTE ALAGOANO**

Maceió, AL
2020

MAX SILVA DA ROCHA

**AS PRÁTICAS ARGUMENTATIVAS DE ORADORES RELIGIOSOS CRISTÃOS
DO AGRESTE ALAGOANO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística e Literatura, na área de concentração Linguística Aplicada e processos textual-enunciativos.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos.

Maceió, AL
2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

R672p Rocha, Max Silva da.

As práticas argumentativas de oradores religiosos cristãos do agreste alagoano /
Max Silva da Rocha. – 2020.

151 f. : il., grafs. color.

Orientadora: Maria Francisca Oliveira Santos.

Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas.

Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió,
2020.

Bibliografia. f. 131-135.

Anexos: f. 136-151.

1. Sermões cristãos - Oralidade. 2. Análise do discurso. 3. Argumentação. 4.
Análise retórica. I. Título.

CDU: 81'42:28(813.5)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA



TERMO DE APROVAÇÃO

MAX DA SILVA ROCHA

Título do trabalho: "AS PRÁTICAS ARGUMENTATIVAS DE ORADORES RELIGIOSOS CRISTÃOS DO AGRESTE ALAGOANO"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

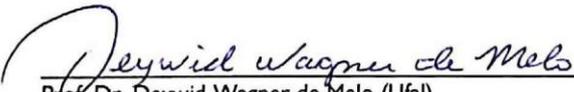


Prof. Dr. Maria Francisca Oliveira Santos (PPGLL/Ufal)

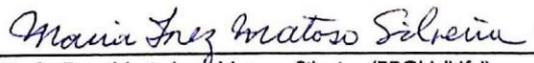
Examinadores:



Prof. Dr. Eduardo Pantaleão de Moraes (Uneal)



Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo (Ufal)



Prof. Dr. Maria Inez Matoso Silveira (PPGLL/Ufal)

Maceió, 18 de fevereiro de 2020.

AGRADECIMENTOS

“Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé”.

II Timóteo 4:7.

Ao Senhor Jesus, por tudo que Ele tem feito em minha vida. A conclusão deste trabalho e do curso de mestrado só foi possível porque Deus, em sua infinita graça, me deu forças, coragem, saúde e tantas outras dádivas para concluir. Senhor Jesus, obrigado por cuidar de mim!

Aos meus pais, pois eles são os meus alicerces em todos os momentos da vida. José da Silva e Maria do Carmo são um exemplo de luta e dedicação para dar o bom e o melhor aos três filhos. Pai e mãe, a labuta de vocês na roça, em um sol escaldante, fez com que eu pudesse estudar e, depois de alguns anos, concluir este mestrado. O que dizer de vocês? Dizer que os amo de todo o coração ainda é pouco para o tanto que fizeram por mim e meus irmãos.

Aos outros integrantes da minha família, como os meus irmãos Marcondes Rocha e Morgana Rocha; minha Avó Dona Alcina Maria, minha luz encantadora; minha tia Rosineide Bezerra; meu tio, filósofo e incentivador escolar José Bezerra da Silva. Todos vocês, assim como os outros familiares, moram em meu coração.

A minha esposa Danielly Rocha, pois teve paciência e compreensão durante todo o meu curso. Mesmo quando viajei para vários eventos no Brasil e fora dele, Danielly sempre me incentivou. Por isso e tantos outros motivos, é que sou apaixonado pela minha linda esposa.

A minha querida orientadora Prof^a. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos, por ter, inicialmente, me aceitado em seu grupo de pesquisa e, posteriormente, como orientando de mestrado. As suas contribuições em minha formação acadêmica são valiosas.

Aos professores Prof. Dr. Eduardo Pantaleão de Moraes, Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo e a Profa. Dra. Maria Inez Matoso Silveira, pois a escolha dos ilustres componentes da banca examinadora não se deu aleatoriamente, mas sim pelo fato de tê-los como referências e modelos; assim, tenho grande carinho e admiração por cada um.

Ao Prof. Dr. Jairo José Campos da Costa, pois, quando ocupava a posição de Reitor da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), sempre me ajudou.

À Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), especialmente, ao curso de Letras/Português e ao corpo docente da unidade de Palmeira dos Índios, pois foi esta instituição, curso e corpo docente que me projetaram para o universo acadêmico.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, bem como ao coordenador, secretário, docentes e discentes, por todo o tratamento cordial para comigo.

Ao governo federal (2002-2010), por ter criado políticas públicas, permitindo que os filhos dos trabalhadores (assim como eu) pudessem ter acesso ao ensino superior. Graças a esse governo é que estou concluindo um curso gratuito, de qualidade, em uma das melhores universidades do mundo.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) que, por meio de parceira, mesmo em tempos de crise, financiou este trabalho na forma de bolsa de mestrado. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradeço, enfim, a todos aqueles que, de alguma maneira, colaboraram para que eu realizasse esse sonho de concluir um curso de mestrado em Linguística, na Universidade Federal de Alagoas. A todos vocês, obrigado, muito obrigado por tudo!

Dedico esta conquista aos meus pais, José da Silva e Maria do Carmo, pois foram eles, dois agricultores, que trabalharam na roça para que eu, um singelo matuto do sítio Palanqueta (Igaci, AL), pudesse conhecer e enveredar pelo prazeroso mundo da escolarização.

O coração do sábio é mestre de sua boca e aumenta a persuasão nos seus lábios. Palavras agradáveis são como favo de mel: doces para a alma e medicina para o corpo.

Provérbios, 16: 23-24.

RESUMO

Os estudos em Retórica apontam para a importância de analisar e identificar como práticas argumentativas, provindas das relações entre *ethos*, *pathos* e *logos*, numa ação conjunta, em diferentes espaços sociais, no caso específico, o religioso, possibilitam provocar a adesão de espíritos a um determinado propósito comunicativo. Partindo desse entendimento, este trabalho teve por objetivo analisar as práticas argumentativas de oradores religiosos cristãos do agreste alagoano, evidenciando como se dá a negociação argumentativa entre os atores sociais (orador e auditório) de um evento comunicativo específico: o sermão oral. Este é definido como um gênero pertencente ao domínio discursivo religioso cristão, na modalidade de língua oral, em que líderes religiosos (pastores) se utilizam de textos bíblicos com o objetivo de convencer e persuadir o auditório social (*pathos*), entendido como os membros/fiéis da denominação religiosa a que são pertencentes. A Retórica, conforme a sua própria definição, é entendida como a arte de convencer e persuadir o outro pelo discurso, no plano das ideias e das emoções. Diante disso, esta investigação seguiu uma linha de pesquisa de abordagem qualitativa, com um olhar descritivo e interpretativista, observando os dados de maneira processual e dinâmica. Embasou-se nos referenciais teóricos de Aristóteles (2011), Abreu (2009), Breton (1999), Ferreira (2015), Fiorin (2017), Marcuschi (2003, 2008), Meyer (2007), Mosca (2004), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]), Plantin (2008), Reboul (2004), Santos (2018), entre outros. Para realizar as análises, optou-se por um *corpus* constituído por 5 (cinco) sermões orais gravados em áudio durante celebrações religiosas cristãs em denominações do agreste de Alagoas. Eles foram ouvidos e transcritos a partir de normas específicas. Assim, dos 5 (cinco) sermões escolheram-se aleatoriamente apenas 3 (três) para a análise retórica. Esse procedimento foi realizado a fim de identificar como líderes/chefes religiosos (*ethos*) utilizam elementos retóricos (argumentos, lugares da argumentação, entre outros), objetivando convencer e persuadir o auditório social. Observaram-se quais argumentos apareceram com maior recorrência durante o discurso religioso cristão, o que mostra se o discurso persuasivo dos oradores caminhou pela lógica, pela realidade, pela criação da realidade ou pela separação das noções. As análises realizadas no gênero discursivo sermão oral propiciaram evidenciar que argumentos (os quase lógicos, os baseados na estrutura do real, as ligações que fundam a estrutura do real e a dissociação das noções) foram utilizados de maneira estratégica, buscando ganhar a adesão e, sobretudo, convencer e persuadir o auditório social.

Palavras-chave: Gênero discursivo sermão oral. Práticas argumentativas. Estudos retóricos.

ABSTRACT

Studies in Rhetoric point to the importance of analyzing and identifying as argumentative practices, arising from the relationships between ethos, pathos and logos, in a joint action, in different social spaces, in the specific case, the religious, make it possible to provoke the adherence of spirits to a given communicative purpose. Based on this understanding, this work goal to analyze the argumentative practices of Christian religious orators from the wild of Alagoas, highlighting the argumentative negotiation between social actors (orator and audience) of a specific communicative event: the oral sermon. This is defined as a genre belonging to the Christian religious discursive domain, in the oral language mode, in which religious leaders (pastors) use biblical texts in order to convince and persuade the social audience (pathos), understood as the members/faithful of the religious denomination to which they belong. Rhetoric, by its very definition, is understood as the art of convincing and persuading others through discourse, in the plane of ideas and emotions. Given this, this investigation followed a line of research of qualitative approach, with a descriptive and interpretative look, observing the data in a procedural and dynamic way. It was based on the theoretical references of Aristóteles (2011), Abreu (2009), Breton (1999), Ferreira (2015), Fiorin (2017), Marcuschi (2003, 2008), Meyer (2007), Mosca (2004), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]), Plantin (2008), Reboul (2004), Santos (2018), among others. To perform the analysis, a corpus consisting of 5 (five) oral sermons recorded in audio during Christian religious celebrations in denominations of the rough of Alagoas was chosen. They were heard and transcribed from specific norms. Thus, of the 5 (five) sermons, only 3 (three) were randomly chosen for rhetorical analysis. This procedure was performed in order to identify how religious leaders/bosses (ethos) use rhetorical elements (arguments, places of argument, among others), aiming to convince and persuade the social audience. It was observed which arguments appeared most frequently during Christian religious discourse, which shows whether the persuasive discourse of the orators walked by logic, by reality, by the creation of reality or by the separation of notions. The analyzes performed in the oral sermon discursive genre provided evidence that arguments (the almost logical ones, those based on the structure of the real, the links that underlie the structure of the real and the dissociation of the notions) were used strategically, seeking to gain adherence and, above all, to convince and persuade the social auditorium.

Keywords: Discourse genre oral sermon. Argumentative practices. Rhetorical studies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. CONHECENDO A RETÓRICA	17
1.1 Acerca da retórica	17
1.2 As primeiras definições	20
1.3 Os gêneros do discurso em retórica.....	23
1.4 A tríade aristotélica.....	26
1.5 O sistema retórico	27
1.6 As funções retóricas	29
1.7 O acordo argumentativo	30
1.8 Os lugares da argumentação	31
1.9 O auditório.....	33
1.10 O declínio da retórica	33
1.11 A nova retórica	36
1.12 As novas definições	38
1.13 As condições da argumentação	41
1.14 O ato de argumentar	43
1.15 Convencer e persuadir	44
2. A RETÓRICA NO GÊNERO DISCURSIVO SERMÃO ORAL	46
2.1 Aspectos do discurso religioso	46
2.2 O sermão oral enquanto gênero.....	52
2.3 A definição do gênero sermão oral.....	56
2.4 Os elementos que constituem o sermão oral	59
2.5 O gênero discursivo sermão oral e sua relação com os argumentos	61
2.6 Os argumentos quase lógicos	62
2.7 Os argumentos baseados na estrutura do real	66
2.8 As ligações que fundamentam a estrutura do real	70
2.9 A dissociação das noções	72
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DO TRABALHO E AS ANÁLISES	76
3.1 As características da pesquisa qualitativa	78
3.2 O universo da pesquisa	79
3.3 A pesquisa qualitativa com análise retórica.....	81
3.4 Análise dos momentos retóricos	83
3.4.1 Momento retórico 1	84
3.4.2 Momento retórico 2	88
3.4.3 Momento retórico 3	91
3.4.4 Momento retórico 4	96
3.4.5 Momento retórico 5	100
3.4.6 Momento retórico 6	104
3.4.7 Momento retórico 7	109
3.4.8 Momento retórico 8	114
3.4.9 Momento retórico 9	118
3.4.10 Agrupamento das categorias encontradas	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	131
ANEXO 1 – Normas de transcrição	136
ANEXO 2 – Transcrições do <i>corpus</i>	137

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Tipos de discurso retórico	24
Quadro 2. Agrupamento dos gêneros orais e escritos do domínio religioso	55
Quadro 3. Síntese da tipologia dos argumentos	74
Quadro 4. Síntese das categorias analisadas no primeiro sermão oral	96
Quadro 5. Síntese das categorias analisadas no segundo sermão oral	109
Quadro 6. Síntese das categorias analisadas no terceiro sermão oral	124
Quadro 7. Síntese das categorias analisadas nos momentos retóricos	125

INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere nos constructos teóricos e metodológicos da Nova Retórica e mostra um estudo do gênero sermão oral do domínio discursivo religioso cristão. Nesse sentido, não surge aleatoriamente, mas a partir de vivências e percepções do pesquisador em relação às ações discursivas de oradores religiosos de instituições cristãs, no interior de Alagoas, tendo em vista o alcance acentuado do referido gênero como prática social e discursiva.

O estudo entende a Retórica como uma arte de persuadir o outro pelo discurso; de levar o outro ao assentimento de proposições apresentadas; de observar o que cada caso comporta de elementos persuasivos; e de analisar as negociações das diferenças entre os interlocutores. Assim, surge a necessidade de um olhar retórico para um gênero de cunho religioso que exerce grande relevância social no espaço onde acontece.

O domínio discursivo religioso¹ cristão comporta gêneros orais e escritos argumentativos, entendidos como aqueles que visam convencer e persuadir o outro. Entre esses gêneros, tem-se o sermão, na modalidade de língua oral, caracterizado histórico e socialmente como o principal gênero de uma celebração religiosa cristã.

Assim, tomando o sermão oral como um gênero do discurso cristão, o presente trabalho persegue a linha de análise retórica, uma vez que essa área do conhecimento fornece subsídios teórico-metodológicos para que o analista retórico adquira a competência de explicar e/ou desnudar de que maneira elementos persuasivos, durante o evento comunicativo sermão, são utilizados por oradores religiosos cristãos para convencer e persuadir o auditório social.

Neste trabalho, o gênero sermão encontra-se na modalidade de língua oral, que orienta analisar como categorias retóricas (argumentos, lugares da argumentação, entre outras) atuam conjuntamente na construção dos sentidos persuasivos do discurso religioso², proferido por oradores cristãos do agreste alagoano.

¹ Domínio discursivo provém de Marcuschi (2008).

² Em Retórica, toma-se o termo discurso como sinônimo de texto. Essas duas categorias são produzidas pelo orador, neste caso, o religioso cristão.

Mesmo sendo trabalhado o tema acerca dos gêneros orais nas esferas política, jornalística, escolar e até mesmo religiosa, ainda aparece a necessidade de estudo que analise, por exemplo, o gênero discursivo sermão oral, proferido em denominações cristãs do agreste de Alagoas, numa perspectiva de análise retórica como a que consta nesta proposta. Por não existir nada a esse respeito, isso é o que justifica a realização deste trabalho.

O objetivo desta investigação foi identificar e analisar as práticas argumentativas de oradores religiosos cristãos do agreste alagoano. Para tanto, escolheram-se sermões orais realizados durante as pregações religiosas em diferentes denominações cristãs do agreste de Alagoas, em que os oradores realizaram o gênero sermão oral.

Assim sendo, os discursos orais adquiridos por meio de gravação em áudio foram dirigidos aos fiéis das respectivas denominações religiosas cristãs. Após essa aquisição, procedeu-se à transcrição e às análises dos dados selecionados. A perspectiva de análise retórica empreendida neste trabalho centra-se na análise de um gênero discursivo que possui grande relevância e importância na esfera cristã, o que pode trazer importantes contribuições para um melhor entendimento do gênero sermão oral.

A grande questão deste trabalho é o estudo retórico do sermão oral enquanto gênero discursivo do domínio religioso cristão, abrangendo temas que deem conta de valores morais, sociais e éticos, pronunciados por líderes religiosos cristãos, como um texto prenhe de elementos persuasivos. Foi feito um percurso analítico acerca do sermão oral e não se encontrou nenhum outro trabalho com a temática deste.

Nesse sentido, a realização de um estudo, fundamentado em elementos da Antiga e da Nova Retórica, representa uma contribuição para desnudar as práticas argumentativas, bem como as perspectivas dos oradores e da instituição que representam quando argumentam. Os resultados puderam mostrar as escolhas e estratégias persuasivas mais utilizadas e recorrentes dos oradores religiosos cristãos, bem como possibilitar um melhor entendimento de como esses atos comunicativos acontecem na linha cristã.

A partir dessas considerações, algumas perguntas norteadoras foram elaboradas em torno do gênero discursivo sermão oral e dos elementos

persuasivos que estão imbricados no referido gênero, como: a) qual a importância de elementos retóricos para a efetividade comunicativa e persuasiva do gênero discursivo sermão oral? b) qual a função social e discursiva desse gênero de cunho religioso cristão? c) quais técnicas argumentativas são utilizadas por oradores religiosos cristãos do agreste alagoano? As respostas a esses questionamentos constituíram o percurso deste trabalho e serão indicadas no decorrer do estudo e, certamente, comentadas nas considerações finais.

Algumas pesquisas de Mestrado³ que tiveram a Retórica como linha teórica, mesmo promovendo o diálogo com a Análise da Conversação, Linguística Textual, Semiótica, entre outras áreas, já foram realizadas no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/FALE/UFAL). No entanto, nenhum dos trabalhos tem as características deste estudo.

Mesmo existindo relevantes trabalhos de Mestrado desenvolvidos no Grupo de Estudos do Texto e da Leitura (GETEL), na linha da Retórica, percebeu-se que não há referência ao estudo do gênero discursivo sermão, na modalidade de língua oral, proferido por oradores religiosos cristãos em denominações do agreste de Alagoas. Assim, por não aparecer explicitamente alusões ao gênero citado, no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/FALE/UFAL), justifica-se a necessidade de realizar este trabalho destinado a analisar e identificar as técnicas argumentativas utilizadas por oradores religiosos do agreste alagoano.

O estudo teórico-metodológico realizado para a execução deste trabalho de dissertação postula-se na linha de teoria e análise retórica, seguindo uma linha processual da pesquisa de abordagem qualitativa. Perseguindo esse caminho, foi elaborada uma divisão em três seções.

³ Melo (2008) realiza um estudo do gênero discursivo defesa pública, na modalidade de língua oral, na esfera jurídica; Alves (2008) trabalha a Retórica no sermão da sexagésima de Padre Antônio Vieira; Cavalcanti (2010) realiza um estudo em torno do gênero discursivo artigo de opinião; Nunes (2012) parte dos estudos em Teoria dos Gêneros Textuais com a Sociorretórica, investigando o gênero discursivo carta do leitor; Morais (2015) analisa a citação como argumento de autoridade no gênero discursivo artigo científico; Silva (2015) procede ao estudo do uso de metáforas persuasivas e das quatro funções retóricas para a construção de reportagens; Soares (2017) focaliza o estudo dos argumentos no gênero discursivo debate regado em sala de aula; Freitas (2018) faz uma junção entre a Retórica e a Semiótica, objetivando estudar o gênero discursivo charge no jornalismo impresso; e Silva (2018) estuda o uso dos argumentos persuasivos no gênero discursivo debate político televisionado, com candidatos presidenciais durante as eleições de 2014.

A primeira seção apresenta considerações históricas e conceituais da Retórica; dos três gêneros do discurso (judiciário, deliberativo e epidítico); da tríade aristotélica (*ethos*, *pathos* e *logos*); das condições, do acordo e lugar argumentativos; do sistema retórico e das funções retóricas, bem como dos tipos de auditório e das ações de convencer e persuadir.

A segunda seção descreve as características do discurso religioso cristão, enfatizando, também, o valor social do gênero sermão oral. Nesta seção, também é possível observar os caracteres teóricos, conceituais e organizacionais do gênero sermão, bem como dos quatro tipos de argumento postulados pela Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]).

A terceira seção mostra os métodos que foram utilizados para a construção deste trabalho. Nesse sentido, a terceira seção indica as perspectivas metodológicas da pesquisa de abordagem qualitativa de cunho descritivo-interpretativista, bem como discorre acerca da análise dos 9 (nove) fragmentos dos sermões orais que foram devidamente transcritos com o objetivo de explicar os sentidos do uso dos argumentos persuasivos pelos oradores religiosos cristãos do agreste alagoano. Por fim, há as considerações finais, nas quais se apresentam os resultados obtidos por meio das análises embasadas na linha da Retórica. Além disso, mostra as possíveis respostas para os questionamentos que nortearam a realização deste trabalho.

O valor social e histórico presente no gênero discursivo sermão oral é algo que merece ser analisado, pois esses aspectos organizam o referido gênero na sociedade. Assim sendo, a partir da análise retórica, é possível explicar como líderes religiosos se servem de técnicas argumentativas, visando à persuasão do auditório social, neste caso, dos fiéis das denominações cristãs do interior do Estado de Alagoas.

As categorias da Retórica, numa construção conjunta, são os caminhos analíticos que sustentam as análises empreendidas nesta dissertação. Assim, a grande contribuição deste trabalho reside no fato de analisar e identificar como oradores religiosos cristãos do agreste alagoano utilizam técnicas argumentativas (argumentos, lugares da argumentação) quando proferem o sermão oral em suas denominações religiosas cristãs. Estudar como isso acontece é a principal tarefa nas páginas a seguir.

1. CONHECENDO A RETÓRICA

Nesta seção, foram apresentadas pontuações históricas e conceituais da Retórica, dos gêneros do discurso; da tríade, das condições, do acordo e lugar argumentativos; do sistema retórico e das funções retóricas, bem como dos tipos de auditório e das ações de convencer e persuadir.

1.1 Acerca da retórica

A Retórica remonta a um período que é anterior a Aristóteles (384-322 a.C.), por isso é necessário tecer alguns comentários sobre os aspectos históricos da Antiga Retórica, que era considerada como a arte de bem falar em público, motivo que explica a oralidade ser o principal recurso para que um orador⁴ pudesse conseguir o assentimento das proposições apresentadas a determinados auditórios em momentos de debates em praças públicas ou tribunais.

Quanto ao nascimento da Retórica, há autores que discordam entre si, a exemplo de Abreu (2009), Ferreira (2015) e Reboul (2004). Para o primeiro, a Retórica surgiu em Atenas, na Grécia Antiga, por volta de 427 a.C.; o segundo, em Siracusa entre 455 a.C. a 388 a.C; o terceiro, na Sicília grega, por volta de 465 a.C., depois da expulsão dos tiranos⁵.

Diante dessas posições contrárias entre os autores, segue-se a linha teórica de Reboul (2004), pelo fato de o autor direcionar a Retórica como pertencente aos laços judiciais e não literários, e por afirmar que ela é “anterior à sua história, e mesmo a qualquer história, pois é inconcebível que os homens não tenham utilizado a linguagem para persuadir. Pode-se, aliás, encontrar retórica entre hindus, chineses, egípcios, sem falar dos hebreus” (REBOUL, 2004, p.1).

Apesar de o referido autor afirmar ser a Retórica anterior à sua própria história, localizando-a em outra época, percebe-se que Abreu (2009), Ferreira

⁴ Os sofistas foram os grandes oradores do período anterior à chegada da Nova Retórica.

⁵ Em Fiorin (2017, p. 22), os tiranos eram da Sicília grega e chamavam-se Gelon e Hieron que, durante seu governo, tinham expropriado muitas terras com a finalidade de distribuí-las a seus soldados.

(2015) e o próprio Reboul (2004) concordam com o fato de que, na Antiga Retórica, o gatilho propulsor do surgimento da arte persuasiva foram as disputas por restituições das terras tomadas pelos tiranos.

De acordo com Reboul (2004), aqueles que tiveram suas terras e outros bens tomados por tiranos começaram, depois da queda da tirania, a reclamar os direitos e, sobretudo, a devolução das propriedades e dos bens ora despojados. Por esses motivos, foram montados tribunais para que os debates pudessem acontecer, e cada cidadão pudesse ser defensor da sua causa. Naquela época, não existiam advogados para defender os cidadãos, mas sim apenas um grupo de pessoas denominado de sofistas, cuja função era o ensino do uso de argumentos convincentes.

Os sofistas eram considerados sábios e professavam a sabedoria, além de possuírem competência para ensinar aos cidadãos como deveriam argumentar perante as assembleias populares e, sobretudo, os tribunais. Fiorin (2017) lembra que os impactos causados pela tomada das propriedades “mobilizavam grandes júris populares, que precisavam ser convencidos da justiça da reivindicação. A eloquência necessária para impedir o ânimo dos jurados tornou-se objeto de ensino” (FIORIN, 2017, p. 22).

Assim sendo, os sofistas eram professores da arte de bem falar e, principalmente, de argumentar em público, em defesa de uma causa específica, neste caso, a devolução das propriedades ora tomadas pelos tiranos. Nas palavras de Abreu (2009) e Fiorin (2017), os primeiros e mais importantes sofistas na história da Antiga Retórica foram Empédocles, Córax, Protágoras, Górgias e Tísias.

Conforme Meyer (2007), os sofistas foram os primeiros “advogados”, pois eles intervinham em favor do destino das vítimas espoliadas pelos tiranos. Isso mostra que a Retórica, desde a Antiguidade, repousa no princípio judiciário e democrático. Concordando com a mesma ideia, Fiorin (2017, p. 26) faz a seguinte afirmativa: “a retórica é, de certa forma, filha da democracia. Nas ditaduras, não se admitem pontos de vistas divergentes. É na democracia que floresce a contradição, base da retórica”.

Os laços com a democracia permitiram o livre ensinamento dos sofistas, devendo-se a eles o fato de serem os primeiros a caracterizar a Retórica como a

arte do discurso persuasivo. Os professores de retórica tinham um domínio acentuado de técnicas capazes de tornar os discursos sedutores, belos e, principalmente, convincentes e persuasivos.

No entanto, os ensinamentos sofistas não eram gratuitos, e os cidadãos tinham que pagar para que os professores de retórica pudessem ensinar a argumentar diante do público. Além disso, os sofistas ensinavam que qualquer argumentação seria válida, desde que conseguisse alcançar o fim desejado. Esses e outros motivos desencadearam os conflitos com os filósofos da época, entre eles, Platão. Nesse sentido, os filósofos observavam apenas as oposições entre o certo e o errado, o bem e o mau, o falso e o verdadeiro e a Retórica, em contrapartida, apenas à representação do real.

Segundo Abreu (2009), é Platão quem faz duras críticas à Retórica por ela não se preocupar com o verdadeiro e o falso, mas apenas com a teoria dos pontos de vista, do verossímil. Portanto, é na ideia de verossímil que a Antiga Retórica se baseava e isso não agradava os filósofos da época. Sem dúvida, a crítica que a Retórica sofreu foi um dos motivos que fez com que ela ganhasse uma imagem desprestigiada perante o público em geral. E isso também contribuiu para que, posteriormente, fosse esquecida “dos programas escolares e universitários, enquanto matéria de ensino e até como tema de um saber, a partir do século XIX” (BRETON, 1999, p. 16).

Apesar das críticas que os professores de Retórica receberam dos filósofos da época, “pode-se dizer que os sofistas criaram a retórica como arte do discurso persuasivo, objeto de um ensino sistemático e global que se fundava numa visão de mundo” (REBOUL, 2004, p. 9). Sem dúvidas, os sofistas foram os primeiros pedagogos, pois ensinavam os alunos a argumentar e a fazer uso das habilidades retóricas em momentos necessários.

Mesmo criticando, até o próprio Platão fez uso dos elementos retóricos em seus escritos, tendo em vista ser impossível, em algum momento da vida, que alguém não utilize a Retórica para algum propósito comunicativo, pois todos os homens são seres retóricos, já que possuem crenças, valores, opiniões e utilizam a palavra como instrumento para tentar influenciar as pessoas, orientando o pensamento, as emoções, a fim de guiar suas ações e casar interesses pessoais (FERREIRA, 2015).

A crítica platônica não foi de todo modo em vão, pois, ao menos, serviu para reafirmar ainda mais os valores da Retórica, sendo possível perceber um aspecto positivo ao evidenciar que alguns oradores deturpavam o uso da arte Retórica. Nesse sentido, Santos (2018, p. 17) explica: “apesar dos males que tenha causado ao pensamento sofístico, a doutrina platônica tem o mérito inegável de rebelar-se contra os oradores que utilizavam seu talento para fins contraditórios à moral vigente” do que se infere que a Retórica pode ser utilizada tanto para o bem quanto para o mal, dependendo de cada orador.

1.2 As primeiras definições

De acordo com Reboul (2004, p. 2), a primeira definição de Retórica foi dada por Córax, como criadora de persuasão, a qual tomava como base a publicação de um tratado intitulado Arte Oratória, uma espécie de coletânea de preceitos práticos que continha exemplos para uso das pessoas que recorressem à justiça, cuja publicação foi feita por Córax⁶ e seu discípulo Tísias.

Para Meyer (2007), as diferentes concepções de Retórica podem ser classificadas em categorias: a) a Retórica é uma manipulação do auditório (Platão); b) a Retórica é a arte de bem falar (Quintiliano); c) a Retórica é a exposição de argumentos ou de discursos que devem ou visam persuadir (Aristóteles). A primeira definição centra-se nas concepções de Retórica com base nas emoções e paixões despertadas no auditório; a segunda, no próprio orador, ou seja, no modo como se expressa; a terceira, nos meios que tornam um discurso persuasivo.

A definição de Retórica como criadora de persuasão não contradiz as definições posteriores, mas apenas sofre complementos mais modestos; a de Retórica como manipulação ocorre pelo fato de Platão ser um crítico e opositor da Retórica; a da Retórica como a arte de bem falar revela a preocupação com o discurso belo, sedutor, aquele que impressiona; e a Retórica como sendo um caminho por meio do qual são desvelados os meios persuasivos do discurso; eis a razão por que a definição aristotélica recebe mais comentários neste trabalho.

⁶ Córax é considerado o inventor do argumento que leva seu nome, o córax, e que deve ajudar os defensores das piores causas. Consiste em dizer que uma coisa é inverossímil por ser verossímil demais (REBOUL, 2004, p. 3).

É com Aristóteles (2011) que a Retórica é, de fato, sistematizada e recebe uma definição que não se distancia muito da de Córax. Para o filósofo estagirita, “pode-se definir a retórica como a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de propósito para criar a persuasão. Nenhuma outra arte possui tal função” (ARISTÓTELES, 2011, p. 44).

A partir da definição aristotélica, é possível desmistificar a ideia de que a Retórica é a persuasão em si. Ao contrário desse posicionamento equivocado, defende-se que a persuasão é o objeto estudado pela Retórica. Nesse sentido, é por meio dos recursos retóricos que qualquer orador pode conseguir persuadir alguém. Aristóteles (2011, p. 45) ratifica: “quanto à retórica, todavia, vemo-la como o poder, diante de quase qualquer questão que nos é apresentada, de observar e descobrir o que é adequado para persuadir”. A definição aponta para o fato de que a Retórica dispõe de mecanismos capazes de explicar como acontece e como proceder à persuasão.

Assim, na primeira definição (Córax), viu-se que a Retórica é criadora de persuasão; e em (Aristóteles), ela é uma faculdade que observa quais elementos criam a persuasão e o que é adequado para persuadir. Observa-se, desse modo, que há uma proximidade entre ambas as definições de Retórica, visto que o principal objetivo é verificar como acontece a persuasão, pois esta é, de fato, o objeto central da Retórica.

Segundo Mosca (2004), o principal aspecto da contribuição de Aristóteles (2011) para a Retórica reside no fato de esse filósofo considerá-la no campo dos conhecimentos prováveis e não das certezas, verdades e evidências, pois estes são ligados aos raciocínios científicos, lógicos e demonstrativos. Em contrapartida, o campo da Retórica, segundo a concepção aristotélica, é o do conflito, da controvérsia, do mundo da opinião, que se dá por meio das tensões, dos debates, das ideias e, sobretudo, dos discursos que visam à persuasão do auditório.

Desse modo, foi em Aristóteles em quem se encontrou a possibilidade entre a verdade e a aparência de verdade. Esse é o lugar do verossímil, isto é, de uma espécie de representação da verdade que se encontra nos discursos retóricos, entendendo que a “retórica, por sua vez, só atinge o verossímil, aquilo

que acontece no mais das vezes, mas que poderia acontecer de outra forma. Equivale a dizer que ela só é possível em certo mundo” (REBOUL, 2004, p. 40).

Perseguindo esse caminho da verossimilhança, Aristóteles (2011) mostrou que a Retórica não lida com a verdade absoluta, mas sim com os meios pelos quais os discursos se tornam persuasivos. Esse foi o grande impacto na época, pois o filósofo grego ampliou o campo da Retórica, o que prova a vitalidade do seu sistema, cuja utilidade permanece até os dias atuais, como explicam Mosca (2004), Reboul (2004) e Santos (2018).

Ainda sobre a sistematização da Retórica elaborada por Aristóteles (2011), tem-se que, com a contribuição da sua obra, houve, assim, a primeira reabilitação da Retórica ao integrá-la numa visão sistemática do mundo, onde ocupa seu lugar sem ocupar, como entre os sofistas, o lugar todo. Aliás, nas palavras de Reboul (2004, p. 24), Aristóteles “dando à retórica uma definição mais modesta que a dos sofistas, ele a torna muito mais plausível e eficaz”. Nesse sentido, a definição dada por Aristóteles (2011) vigora até os dias atuais e é encontrada em inúmeros estudos já realizados.

Para Mosca (2004), quando se fala que a Retórica, desde a sistematização realizada por Aristóteles, ganhou o nome de técnica, ratifica-se simultaneamente que se trata de uma técnica argumentativa que exhibe habilidades nas escolhas adequadas de elementos para executá-la. No entendimento de Fiorin (2017), a Retórica é a disciplina precursora nos estudos do discurso. Segundo o referido autor, a Retórica tira “o nome do grego *rhéseis*, que quer dizer ‘ação de falar’, donde ‘discurso’. *Rhetoriké* é a arte oratória, de convencer pelo discurso” (FIORIN, 2017, p. 22).

A partir das habilidades discursivas do orador e das suas técnicas empreendidas é que se pode mover o auditório para que seja conduzido a aceitar as proposições que lhe são apresentadas. É nesse espaço no qual habita a Retórica, uma vez que “o discurso retórico se configura pela intenção de persuadir um auditório que se encontra diante de uma questão polêmica” (FERREIRA, 2010, p. 15), pois onde não existem diferenças, conflitos, controvérsias, não há também Retórica.

Não restam dúvidas entre autores como Abreu (2009), Fiorin (2017), Reboul (2004), entre outros, que foi Aristóteles (2011) quem transformou a

Retórica num sistema organizado e que seus sucessores, como Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]), complementaram as ideias até então construídas, mas sem perder de vista as contribuições do filósofo de Estagira. Assim, a Retórica foi considerada, posteriormente, como a arte de persuadir por meio do discurso.

1.3 Os gêneros do discurso em retórica

Um dos principais contributos provindos da Retórica de Aristóteles (2011) é a classificação dos gêneros do discurso. O filósofo apresenta três gêneros da Retórica e três categorias do próprio discurso. Acerca das categorias, Aristóteles (2011) explica que a primeira categoria diz respeito à pessoa que fala; a segunda trata do assunto de que se fala; e a terceira diz respeito à pessoa de quem se fala. Para maiores esclarecimentos, tem-se que:

Os gêneros da retórica são três, bem como são três as classes de ouvintes de discursos que os determinam. De fato, dos três elementos que compõem o discurso – o orador, o assunto e a pessoa a que se dirige o discurso – é este último elemento, ou seja, o ouvinte, aquele que determina a finalidade e o objeto do discurso (ARISTÓTELES, 2011, p. 53).

Nesse sentido, as categorias dos gêneros do discurso retórico, assim como os próprios gêneros, são aspectos direcionados a um auditório social específico. É este auditório que tem o poder de determinar o gênero, o tempo, o público, o discurso, entre outros elementos. Desse modo, o orador precisa se adaptar ao auditório, pois este determina e influencia diretamente as escolhas do orador.

Aristóteles (2011) dividiu os gêneros da Retórica em judiciário (forense), deliberativo (político) e epidítico (cerimonial). O primeiro “comporta a acusação ou a defesa de alguém; uma ou outra tem sempre que ser sustentada pelas partes em um caso” (ARISTÓTELES, 2011, p. 53). O segundo aconselha ou desaconselha “a fazer ou a não fazer algo. [...] é sempre adotado por conselheiros sobre questões de interesse particular, bem como por indivíduos que se dirigem a assembleias públicas a respeito de questões de interesse público” (ARISTÓTELES, 2011, p. 53). O terceiro “ocupa-se do louvor ou da censura de alguém” (ARISTÓTELES, 2011, p. 53).

Definidos os três gêneros do discurso em Retórica, Aristóteles (2011) ainda mostra que cada um dos gêneros pertence a um tempo distinto. No gênero judiciário, trabalha-se com o tempo passado, pois é sempre em torno de fatos passados que ocorre tanto a acusação quanto a defesa. Já o orador do gênero deliberativo tem a ver com o futuro, tendo em vista que é sobre as coisas a serem realizadas doravante que se aconselha ou desaconselha. No gênero epidítico, o essencial é o tempo presente, já que se louva ou se censura em vista do estado de coisas presentes, embora seja frequente o orador do discurso demonstrativo também evocar o passado e efetuar conjeturas a respeito do futuro.

Perseguindo o mesmo entendimento, Mosca (2004) elaborou um quadro com o objetivo de melhor explicar cada tipo de discurso, o tempo quando eles geralmente acontecem, a categoria envolvida em cada gênero, o tipo de auditório a que o discurso se destina, os critérios de avaliação e o argumento-tipo. A autora mostra didaticamente como esses elementos estão organizados, como é possível observar no quadro a seguir:

Gênero	Finalidade	Tempo	Categoria	Auditório	Avaliação	Argum. tipo
Judiciário	Acusar/ defender	Passado	Ética	Juiz/jurados	Justo/ injusto	Entimema (dedutivo)
Deliberativo	Aconselhar/ desaconselhar	Futuro	Epistêmica	Assembleia	útil/ prejudicial	Exemplo (indutivo)
Epidítico	Elogiar/ censurar	Presente	Estética	Espectador	belo/feio	amplificação

Quadro 1: tipos de discurso retórico.

Fonte: Mosca (2004, p. 32).

A autora ainda explica que mesmo os gêneros sendo distintos, é possível haver uma relação entre eles. Assim, dentro da mesma argumentação, segundo Mosca (2004), podem aparecer traços dos três gêneros do discurso, numa relação imbricada. Por isso, “os diversos tipos de discurso convivem, na tentativa de ganhar a adesão do público e o seu assentimento, ou seja, de convencê-lo da validade da causa proposta e persuadi-lo à sua aceitação” (MOSCA, 2004, p. 32).

Por causa do expressivo número de meios de comunicação de massa que se proliferaram na sociedade ao longo do tempo, tem-se uma diversidade de manifestações discursivas de todas as ordens, que influenciaram os gêneros do

discurso em Retórica, fazendo com que eles (judiciário, deliberativo e epidítico) fossem aplicados em diferentes espaços sociais e para diferentes tipos de auditório. Mosca (2004) caracteriza minuciosamente os três gêneros da Antiga Retórica, seus domínios discursivos e seus oradores.

O gênero judiciário se encontra nos tribunais, nos sermões, em manifestos, cartas abertas, notas oficiais, entre outras categorias de eventos comunicativos; o deliberativo, em documentos técnicos a exemplo de pareceres, em discursos políticos, em pronunciamentos que aconselhem ou não, entre outros empregos; o epidítico se instaura em discursos comemorativos e fúnebres, cerimônias de formatura, entre outras atividades comunicativas (MOSCA, 2004).

A explicação pormenorizada de Mosca (2004) mostra como os gêneros em Retórica se caracterizam. Além disso, em consonância com o pensamento aristotélico, é possível observar que cada gênero tem um tipo de argumentação específica. O judiciário comporta raciocínios silogísticos, uma vez que se insere em um espaço onde há leis e elementos que precisam ser provados; o deliberativo recorre mais ao exemplo, tendo vista seu caráter do mundo da opinião; e o epidítico utiliza-se da amplificação, pois os fatos são conhecidos, públicos, cabendo ao orador elogiá-los ou não. Tem-se, desse modo, que os três gêneros do discurso possuem especificidades próprias o que os diferenciam.

A partir do que foi dito, no tocante aos gêneros teorizados por Aristóteles (2011) e explicados de forma didática por Mosca (2004), afirma-se que o gênero discursivo sermão oral, proferido em denominações religiosas cristãs do agreste de Alagoas, pertenceria ao gênero judiciário, tendo em vista que os oradores são chefes religiosos que comumente acusam ou defendem as condutas dos integrantes da cristandade.

No entanto, evidencia-se que o sermão oral não se fixa⁷ apenas no judiciário, pois os oradores, no momento das pregações, aconselham, desaconselham (deliberativo), elogiam e censuram (epidítico) algumas atitudes dos fiéis das denominações religiosas. Neste trabalho, defende-se a ideia de que

⁷ Fiorin (2017, p. 233) discorda da classificação de Mosca (2004). O autor classifica o sermão como pertencente ao gênero epidítico, afirmando categoricamente que “a esfera do discurso religioso vale-se desse gênero nos sermões”. Por isso, defende-se que o gênero sermão oral pertence aos três gêneros do discurso.

o sermão oral é híbrido, no sentido de transitar entre os três gêneros da Antiga Retórica de Aristóteles.

1.4 A tríade aristotélica

O discurso retórico, desde a sistematização de Aristóteles (2011), possui três elementos: *ethos*, *pathos* e *logos*; os dois primeiros são de ordem afetiva; o *logos*, de ordem racional. Essa tríade, com o passar do tempo, ainda se configura a base persuasiva de todo discurso. Assim, existem três tipos de meios para persuadir pela palavra falada ou escrita. “O primeiro depende do caráter pessoal do orador; o segundo, de levar o auditório a uma certa disposição de espíritos; e o terceiro, do próprio discurso no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar” (ARISTÓTELES, 2011, p. 45).

O *ethos*⁸ é entendido como o caráter que o orador constrói diante de um auditório universal e/ou particular; além disso, é tido como a imagem daquele que fala ou produz o discurso. Por isso, a imagem e o caráter do orador precisam transmitir confiança para todos aqueles que ouvem a palavra falada. Assim, “a persuasão é obtida graças ao caráter pessoal do orador, quando o discurso é proferido de tal maneira que nos faz pensar que o orador é digno de crédito” (ARISTÓTELES 2011, p. 45).

O *pathos* diz respeito ao conjunto de emoções, sentimentos, paixões que o orador precisa despertar no auditório social. O auditório ou o espectador constrói um modelo de comportamento e integra-se à verdade do orador com suas paixões. Desse modo, “a persuasão pode ser obtida através dos ouvintes quando o discurso afeta suas emoções; com efeito, os julgamentos que emitimos variam segundo experimentamos sentimentos de angústia, ou júbilo, amizade ou hostilidade” (ARISTÓTELES, 2011, p. 45-6).

O *logos* é a disposição dos argumentos, encadeados em ordem lógica e convincente, estruturando o discurso e, por sua vez, a persuasão. Refere-se à argumentação propriamente dita, ou seja, ao discurso oral ou escrito que é proferido pelo orador. “Enfim, a persuasão é obtida através do próprio discurso

⁸ Morais (2019, p. 79) afirma que o *ethos* “é o caráter moral do retor, não tendo sua validação em si, mas no seu auditório, que poderá aprova-lo ou reprová-lo”.

quando demonstramos a verdade, ou o que parece ser a verdade, graças à argumentação persuasiva apropriada ao caso em pauta” (ARISTÓTELES, 2011, p. 46).

Esses três meios de persuadir, de maneira distinta, constituíram o foco de atenção na Antiga Retórica. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, o *ethos*, o *pathos* e o *logos* passaram a ser vistos de maneira imbricada, conjunta, como explica Meyer (2007).

Em se tratando do gênero sermão oral, o *ethos* é caracterizado pelo caráter do orador religioso, tendo em vista que ele é o porta-voz do discurso sagrado; o *pathos* é caracterizado pelas emoções despertadas no auditório social, ou seja, na cristandade que está presente durante a pregação do sermão; o *logos* diz respeito à mensagem sacra, isto é, ao próprio discurso religioso.

Portanto, há esses três meios para se obter a persuasão e aquele que conseguir utilizá-los de maneira eficiente será capaz de “raciocinar logicamente, compreender costumes e virtudes, e conhecer as emoções, ou seja, o que são, sua natureza, suas causas e o meio pelo qual são despertadas” (ARISTÓTELES, 2011, p. 46).

1.5 O sistema retórico

As partes componentes do sistema retórico apresentam quatro elementos imprescindíveis para a operacionalização do discurso. São eles que mostram que qualquer orador quando realiza uma proferição necessita, antes de qualquer coisa, encontrar o que dizer; depois, organizar as ideias encontradas e realizar uma espécie de plano para escolher os pontos a serem explorados no discurso. As partes do sistema retórico são: invenção (*heurésis*), disposição (*taxis*), elocução (*lexis*), ação (*hypocrisis*) e a memória (*mnéme*), esta posteriormente acrescentada pelos romanos.

Segundo Ferreira (2015), a invenção (*heurésis*) diz respeito à busca que o orador faz para agrupar o máximo de argumentos possíveis. É nesse momento quando o orador demonstra conhecimento acerca do assunto tratado, por isso consegue reunir todos os argumentos plausíveis para a interpretação do discurso. É também nesse momento quando se interroga sobre o auditório, procurando

identificar-se com ele para que possa estabelecer acordos, encurtar distâncias por meio do assunto que irá desenvolver.

De acordo com Reboul (2004), a disposição (*taxis*) trata de um lugar para se construir o discurso. A construção acontece por meio das partes desse discurso, sendo elas: exórdio, narração, confirmação e peroração. A primeira caracteriza-se como sendo a parte inicial e/ou introdutória do discurso; a segunda refere-se à exposição dos fatos; a terceira aborda o conjunto de provas, seguido por uma refutação, ou seja, destruição dos argumentos adversários; a quarta é entendida como tudo aquilo que se põe no fim do discurso, isto é, a conclusão.

Conforme Santos (2018), a elocução (*lexis*) diz respeito à redação do discurso. Trata-se da criação do discurso por parte do orador. A autora ressalta que a elocução é a parte reservada à expressão do sentido, ou seja, tudo aquilo que o orador já criou e organizou é, na elocução, colocado em prática. Assim, a elocução é a fase do momento retórico que está à mercê exclusivamente das artimanhas empreendidas pelo orador.

Nas palavras de Mosca (2004), a ação (*hypocrisis*) tem o objetivo de atualizar o discurso, ou seja, executá-lo. É na ação que se tem a presença de aspectos como ritmo, pausas, entonação, timbre de voz e a gestualidade. A autora ainda reforça que há lugar até para os elementos não verbais, já que estes fazem parte de qualquer evento comunicativo. Outro ponto é a consideração da presença de um auditório, já que este é o princípio básico da adequação, cuja finalidade maior é a persuasão.

De acordo com Mosca (2004), a memória (*mnéme*) é a retenção do material a ser transmitido, considerando-se, sobretudo, o discurso oral, em que um orador transmite mensagem a um auditório específico, conhecido. Alguns elementos são imprescindíveis para a retenção, tais como: a estrutura do discurso, o encadeamento lógico das partes, a eúritmia de suas frases. A autora ainda afirma que a memória permite uma melhor recepção do discurso, mas isso não suprime a improvisação e a capacidade de adaptação às possíveis refutações. Assim, a memória permite não somente reter o material persuasivo, mas também a improvisação.

Os passos descritos pela Antiga Retórica ainda constituem relevantes procedimentos para um trabalho consistente. Neste estudo, seguiram-se os

componentes do sistema retórico para selecionar o *corpus* de análise, como pode ser visto nos aspectos metodológicos desta dissertação.

1.6 As funções retóricas

De acordo com Reboul (2004), a Retórica possui quatro funções específicas: a persuasiva, a hermenêutica, a heurística e a pedagógica. A primeira (função persuasiva) é a que se caracteriza em decorrência da própria definição, pois tem a função de persuadir pelo discurso. Essa função é a mais importante e a mais antiga, visto que desde os antigos que a Retórica tem por objetivo saber por quais meios acontece a persuasão.

A segunda (função hermenêutica) associa-se aos significados, ou seja, à arte de interpretação dos textos. Assim, o orador precisa saber falar, a quem se está falando, compreender o discurso do outro. Todos esses aspectos são também interpretativos e exige do orador o máximo de atenção possível. Segundo Reboul (2004, p. XIX), “não se ensina mais a retórica como arte de produzir discursos, mas como arte de interpretá-los”.

A terceira (função heurística) vincula-se ao entendimento de que ao se utilizar a Retórica, está-se fazendo não apenas para exercer poder, mas também para saber, para encontrar alguma coisa. Desse modo, heurística vem do verbo grego *euro*, *eureka*, que significa encontrar. Em resumo, trata-se de uma função de descoberta (REBOUL, 2004, p. XX).

A quarta (função pedagógica) diz respeito à própria aprendizagem. “É verdade que existem outras culturas além da escolar, mas não existe cultura sem formação retórica. E aprender a arte de bem dizer é já e também aprender a ser” (REBOUL, 2004, p. XXII).

Finalmente, postula-se que as quatro funções retóricas permeiam o gênero discursivo sermão oral, pelo fato de o orador, em momentos distintos da argumentação, procurar persuadir o auditório social (função persuasiva); proceder à interpretação de uma passagem bíblica complexa (função hermenêutica); descobrir as possíveis vontades divinas para a cristandade (função heurística); e ensinar como os adeptos da religião cristã devem agir na sociedade (função

pedagógica). Cada função retórica funciona de maneira distinta no citado gênero, produzindo sentidos diversos.

1.7 O acordo argumentativo

Para que a argumentação aconteça, é necessário que exista um acordo prévio entre o orador e o auditório. Também é preciso, no momento quando o orador está proferindo o discurso, que o auditório dê atenção ao que está sendo dito, para que dessa maneira haja a comunicação. Além disso, o orador necessita fazer possíveis inferências acerca do que se passa na mente das pessoas que compõem o auditório, tentando descobrir o que elas compreendem ou pensam acerca do discurso apresentado.

Nesse sentido, os oradores precisam recorrer às premissas, e estas podem ou não ser aceitas pelo auditório. É com base na crença, nos valores do auditório que o orador utiliza-se das mais diversas estratégias argumentativas com vistas a persuadir o público-alvo e concretizar a própria persuasão. Reboul (2004) elenca os elementos que regem o acordo argumentativo entre orador e auditório. São eles: fatos, verdades, presunções, hierarquias e lugares.

Os fatos são elementos que representam uma relativização de objetos, pois dizem respeito a “uma verificação que todos podem fazer, que se impõe ao auditório universal, que parece ser o caso de nosso ‘fato estatístico’” (REBOUL, 2004, p. 164). Isso porque o fato como todo e qualquer argumento pode ser contestado. As verdades dizem respeito ao relacionamento complexo com sistemas; esses dois termos podem intercalar-se, mas também podem aparecer em forma de oposição.

As presunções têm “função capital, pois constituem o que chamamos de ‘verossímil’, ou seja, o que todos admitem até prova em contrário” (REBOUL, 2004, p. 165). Nesse sentido, as presunções seriam o primeiro pensamento, o ponto inicial de uma argumentação. O orador precisa saber que as presunções variam de auditório para auditório. Dessa maneira, para um socialista não precisa justificar os direitos igualitários em uma sociedade, mas sim as desigualdades sociais entre as pessoas de uma mesma sociedade.

Os valores são as bases da argumentação e mais do que os fatos eles variam segundo o tipo de auditório. Existem os valores universais, que são os formais, que toda a sociedade aceita como o justo e o belo, entre outros (REBOUL, 2004). Os valores podem ser classificados em dois tipos específicos: abstratos e concretos. Os primeiros podem ser exemplificados pela crença e religião; os segundos (os concretos), pela Igreja e pelo Estado de Alagoas.

As hierarquias têm o sentido de superioridade, em que uma coisa é maior do que a outra, como, por exemplo, um líder religioso que tem a superioridade sobre os seus seguidores e/ou adeptos; e Deus que tem superioridade sobre todos os homens. Por isso, o princípio da hierarquização está voltado para a quantidade maior ou menor do que alguma coisa. Assim, as hierarquias podem ser, em alguns casos, mais importantes do que os próprios valores em uma argumentação (REBOUL, 2004).

1.8 Os lugares da argumentação

Os lugares da argumentação também remontam desde a Antiguidade Clássica⁹. Eles são utilizados com o objetivo de reforçar o assentimento do auditório a determinados propósitos comunicativos. Abreu (2009, p. 85) afirma: “o nome lugares era utilizado pelos gregos para denominar locais virtuais facilmente acessíveis, onde o orador pudesse ter argumentos à disposição, em momento de necessidade”.

Por motivações teóricas, segue-se a divisão proposta por Abreu (2009, p. 85), que classifica os lugares da argumentação em seis tipos: de quantidade; de qualidade; de ordem; de essência; de pessoa e do existente.

Por meio da utilização desses lugares retóricos, qualquer orador pode explorar a hierarquia de valores de determinado auditório, procurando aumentar a intensidade da adesão. Assim, esses lugares, conforme Ferreira (2015) estão à disposição do orador para a criação dos argumentos e, por consequência, para as tentativas de persuadir o auditório.

O **lugar de quantidade** caracteriza-se pela utilização de formas numéricas. É neste lugar onde qualquer coisa vale mais que outra em função de razões

⁹ O assunto subsidia o entendimento do trabalho.

quantitativas. De acordo com o lugar de quantidade, “um bem que serve a um número muito grande de pessoas tem mais valor do que um bem que serve apenas a um pequeno grupo. Um bem mais durável é superior a um bem menos durável e assim por diante” (ABREU, 2009, p. 85-6).

O **lugar de qualidade** mostra que uma coisa é melhor do que outra porque possui mais qualidades ao ser comparada com seus semelhantes. Assim, “o lugar de qualidade se contrapõe ao lugar de quantidade, pois contesta a virtude do número. Valoriza o único, o raro” (ABREU, 2009, p. 88). Nesse sentido, aquilo que é único e raro sobrepõe tudo aquilo que é corriqueiro, comum.

O **lugar de ordem** é o lugar que apresenta a sequência de fatos, isto é, primeiro há uma causa e, em seguida, um efeito produzido por ela. No entanto, é preciso entender que o anterior é mais importante do que o posterior, já que aquele veio primeiro do que este. Diante disso, “o lugar de ordem afirma a superioridade do anterior sobre o posterior, das causas sobre os efeitos, dos princípios sobre as finalidades etc.” (ABREU, 2009, p. 90).

O **lugar de essência** caracteriza-se por tudo aquilo que emana das pessoas, que são consideradas as que melhor representam a classe à qual são pertencentes. São considerados modelos de uma determinada essência. Por isso, tem-se que “o lugar de essência valoriza indivíduos como representantes bem caracterizados de uma essência” (ABREU, 2009, p. 93-4).

O **lugar de pessoa** diz respeito à valorização do ato realizado por uma pessoa ou até mesmo o cuidado pelo ser humano, ou seja, este lugar retórico utiliza-se da iniciativa de indicar melhores condições voltadas ao bem-estar do homem. Por isso, “o lugar de pessoa afirma a superioridade daquilo que está ligado às pessoas. Primeiro as pessoas, depois as coisas! é o slogan que materializa esse lugar” (ABREU, 2009, p. 94).

O **lugar do existente** fundamenta-se na superioridade do que é real sobre aquilo que pode vir acontecer. É partir deste lugar retórico que o orador busca falar daquilo que é vivido, experienciado no aqui e no agora. Nesse sentido, “o lugar do existente dá preferência àquilo que já existe, em detrimento daquilo que não existe” (ABREU, 2009, p. 95-6).

Portanto, todos esses seis lugares retóricos e, ao mesmo tempo da argumentação, encontram-se à disposição e são utilizados por qualquer orador

para construir os argumentos e, desse modo, aumentar a intensidade da adesão perante um determinado auditório. É no momento de necessidade argumentativa que os oradores recorrem a esse celeiro que agrupa os mais diversos argumentos.

1.9 O auditório

Neste trabalho, o auditório é constituído pelos membros das instituições religiosas e outros possíveis convidados, quando acontece a pregação do sermão. Assim, segundo Reboul (2004, p. 92), “sempre se argumenta diante de alguém, que pode ser um indivíduo ou um grupo ou uma multidão, chama-se auditório, termo que se aplica até aos leitores”.

Como o auditório diz respeito a várias especificidades, considerem-se vários tipos de auditório. Os valores e as crenças, entre outros aspectos, devem ser levados em consideração. Abreu (2009, p. 39) define o auditório como “o conjunto de pessoas que queremos convencer e persuadir”. O mesmo autor é quem faz uma tipologia do auditório, ao dizer que o auditório pode ser universal e particular.

O primeiro (universal) “é um conjunto de pessoas sobre cujas variáveis não temos controle. O público que assiste a um programa de televisão configura um auditório universal” (ABREU, 2009, p. 40). O segundo (particular) “é um conjunto de pessoas cujas variáveis controlamos. Uma turma de alunas de uma escola de segundo grau configura um auditório particular” (ABREU, 2009, p. 40).

Em se tratando das informações contidas no *corpus* deste trabalho, depreende-se que a argumentação presente no gênero discursivo sermão oral associa-se ao auditório particular, tendo em vista que o orador conhece os fiéis das denominações, sabe o quantitativo de homens e mulheres, as profissões, as condições sociais, entre outros aspectos. É importante lembrar que o orador é o líder religioso e por isso frequenta semanalmente a instituição cristã que dirige, o que torna o auditório ainda mais conhecido.

1.10 O declínio da retórica

A crítica que a Retórica recebeu dos filósofos, entre eles, Platão, contribuiu para que ela fosse esquecida ao longo do tempo. O principal ponto de contestação era o fato de que a Retórica não se centrava na verdade e sim no verossímil. Se, por um lado, Platão pregava a verdade absoluta, por outro, a Retórica se detinha em ver a verdade como relativa ou aquilo que pelo menos parece ser verdade. Desse modo, Abreu (2009, p. 32) afirma que a Retórica Clássica “se baseava, portanto, na diversidade de pontos de vista, no verossímil, e não em verdades absolutas”.

Alguns filósofos ficaram contra a Retórica, sendo essa a razão por que esta veio a decair diante da opinião pública. Os próprios sofistas, professores de Retórica, passaram a ser vistos como pessoas enganadoras, de má-fé, que procuravam enganar as pessoas, utilizando argumentos falaciosos. O pouco tempo durante o qual Atenas viveu sob a democracia também foi um aspecto que provocou a queda da Retórica, já que o período democrático foi curto e, como se sabe, a Retórica só existe onde há democracia (ABREU, 2009).

Segundo Ferreira (2015, p. 45), “o tempo nos mostra que a retórica enfraquece nos governos autoritários e renasce, vigorosa, no ambiente democrático”. Sem dúvida, só há Retórica na democracia, pois é neste modelo governamental em que acontecem os debates, as contradições, as opiniões diversas, os dissensos, as controvérsias. Em um regime ditatorial, não há lugar de discussão, pois só o governo exerce o lugar de fala e tem a última palavra em tudo, razão por que, em um sistema, como a ditadura, a Retórica não tem qualquer expressão.

Reboul (2004) destaca que foi no século XIX que a Retórica realmente declinou, o que provocou quase o desaparecimento da disciplina criada pelos sofistas. O autor frisa que o Cristianismo não foi o responsável pelo declínio da Retórica, ao contrário, a Igreja não podia prescindir da Retórica, tendo em vista a necessidade de ter em mãos os meios da persuasão para vencer os adversários.

Além disso, Reboul (2004, p. 77) pontua: “a própria Bíblia é profundamente retórica”, pois no livro sagrado da Religião Cristã é possível encontrar metáforas, alegorias, jogos de palavras, argumentações, parábolas, como em qualquer outro texto. Para não deixar dúvidas de que o Cristianismo nunca foi um dos responsáveis pelo declínio da Retórica, Reboul (2004, p. 79) assevera: “portanto,

o cristianismo nada tem a ver com o declínio da retórica. Esta, ao contrário, desenvolveu-se durante toda a Idade Média, tanto na literatura profana quanto na pregação”.

Se o Cristianismo nada teve a ver com o declínio da Retórica, então, quem foram os responsáveis? Plantin (2008) responde à pergunta, dizendo que um dos responsáveis fora o Positivismo, já que, por meio das descobertas positivistas, só houvera espaço para a comprovação da ciência. Nesse sentido, não restam posições fundadas no bom senso, no consenso, na opinião ou nos lugares comuns. Por isso, o saber retórico não é saber, pois a nova ideia pautada no Positivismo é o conhecimento por meio da cientificidade, o que é incompatível com a pretensão da Retórica que, por sua vez, situa-se no mundo da opinião, do contraditório.

Reboul (2004) concorda e reitera a opinião sobre a influência do Positivismo no declínio da Retórica, ao dizer que ele “rejeita a retórica em nome da verdade científica. Ela será excluída até mesmo de sua última trincheira, a elocução, sendo substituída pela filologia e pela história científica das literaturas”. Além do Positivismo, Reboul (2004) indica outra corrente responsável pelo declínio/desaparecimento da Retórica. Ele afirma: “a segunda corrente é o romantismo, que rejeita a retórica em nome da sinceridade” (REBOUL, 2004, p. 81).

Assim sendo, o romantismo apontava para uma vida que retratava o drama humano, uma espécie de vida perfeita, idealizada, o que entrava em conflito com a Retórica. De acordo com o entendimento de Reboul (2004), foram essas duas correntes (Positivismo e Romantismo) as responsáveis pelo declínio da Retórica no século XIX. O impacto dos dois movimentos contra a Retórica fez com que ela, na segunda metade do século XIX, mais precisamente em 1885, desaparecesse do ensino francês, sendo substituída pela história das literaturas gregas, latina e francesa.

Diante disso, o fato é que a Retórica não desapareceu, mas apenas saiu de cena (REBOUL, 2004). É bem verdade, como afirma Breton (1999), que a Retórica desapareceu dos programas escolares e universitários, enquanto matéria de ensino e até mesmo como tema de um saber/conhecimento. Em vista disso, tem-se que “o próprio nome ‘retórica’ desapareceu oficialmente na França,

em 1902, quando a ‘aula de retórica’ mudou de nome e a matéria foi substituída pela história literária” (BRETON, 1999, p. 16).

1.11 A nova retórica

A revivescência da Retórica aconteceu na segunda metade do século XX, mais precisamente no ano de 1958¹⁰, ocasião durante a qual foi publicada a obra o *Tratado da Argumentação: a Nova Retórica*, de Chaïm Perelman, que era um jurista e filósofo do direito e a coautora Lucie Olbrechts-Tyteca; foram esses autores que deram à Retórica uma nova roupagem.

Conforme Santos (2018), a Nova Retórica contrapõe uma concepção centrada na razão e no raciocínio, que configuram as bases da demonstração defendida pelos lógicos. A autora aponta que o *Tratado da Argumentação* “se volta ao estudo do ato de argumentar, vinculado à velha tradição e representado pela retórica e pela dialética¹¹ gregas” (SANTOS, 2018, p. 13).

Já Plantin (2008) afirma que a grande novidade do *Tratado* reside no termo argumentação, pois constitui uma real inovação e mostra, de fato, a revivescência dos estudos em argumentação depois da Segunda Guerra Mundial. Inicialmente, a argumentação foi pensada apenas como componente dos sistemas lógico, retórico e dialético, o que mais tarde foi desconstruído, tendo em vista que “a argumentação diz respeito exclusivamente às humanidades, e a demonstração reina sobre as ciências e a matemática” (PLANTIN, 2008, p. 92). Nesse sentido, entendeu-se que a argumentação não era um mero componente, mas sim um pensamento autônomo.

Desse modo, a Retórica renasceu vigorosa e retornou cheia de saúde. Diferentemente da Antiga, a Nova Retórica não se detém a ensinar a produzir textos, como faziam os sofistas, mas a fornecer caminhos para que seja possível interpretar os mais diversos discursos. Por isso, a oralidade não se manteve com o mesmo destaque que possuía na Antiga Retórica, tendo em vista que o *Tratado*

¹⁰Mesmo sendo publicado em 1958, Reboul (2004, p. 89) afirma que o pensamento de Perelman e Olbrechts-Tyteca só teve desenvolvimento concreto no fim dos anos 70.

¹¹Segundo Aristóteles (2011), a Retórica é a contraparte da dialética. Ambas igualmente dizem respeito a essas coisas que se situam, mais ou menos, no horizonte geral de todos os indivíduos, sem ser do domínio de nenhuma ciência determinada.

da *Argumentação* centra-se mais no texto escrito, na estrutura da própria argumentação do que na oralidade.

Outro aspecto inovador é que a Nova Retórica não se limita a estudar apenas os três gêneros do discurso (judiciário, deliberativo e epidítico) definidos por Aristóteles (2011), mas também as outras formas modernas de discurso, como a publicidade e até mesmo a poesia que, em outro momento, não eram consideradas persuasivas pelos antigos. As produções não verbais também ganharam destaque a partir dos estudos da Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (FERREIRA, 2015).

Segundo Reboul (2004), a Nova Retórica é realmente a teoria do discurso persuasivo, com enfoque nem linguístico, nem literário, mas filosófico. A grande descoberta e contribuição do *Tratado da Argumentação* foi mostrar que entre a demonstração científica e a arbitrária das crenças, há uma lógica do verossímil, que é a argumentação, ligando-a a Antiga Retórica de Aristóteles; outra contribuição foi a sistematização das tipologias dos argumentos.

De acordo com Halliday (1990), a ponte e/ou o elo entre a Antiga e a Nova Retórica fundamenta-se na concepção aristotélica de discurso persuasivo, como sendo aquele capaz de fazer o público sentir-se identificado com as proposições apresentadas pelo orador. Outro aspecto que liga as duas retóricas são os gêneros do discurso elaborados por Aristóteles. Dessa maneira, entende-se que a Nova Retórica não abdicou da Antiga, o que aconteceu foram aprimoramentos de cunho filosófico.

Nos dias de hoje, após a publicação do *Tratado da Argumentação* e dos estudos do chamado Grupo¹²μ de Liège, na Bélgica, pode-se afirmar que a Retórica foi reabilitada. Outras áreas do conhecimento contribuíram para que isso pudesse acontecer. Entre elas, destacam-se a Linguística¹³, a Semiótica, a Pragmática, a Análise do Discurso, entre outras áreas que foram cruciais para uma retomada dos estudos retóricos (ABREU, 2009).

Este trabalho fundamenta-se nas postulações da Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]). No entanto, considera alguns pilares

¹²Refere-se a um grupo de linguistas e semióticos belgas.

¹³ A Linguística moderna foi uma das principais linhas que contribuiu com a reabilitação da Retórica. Após os avanços dos estudos da linguagem, a Retórica passou a ser vista como um objeto de estudo na Linguística.

da Antiga Retórica, tendo em vista a célebre sistematização desencadeada por Aristóteles (2011). A oralidade, foco da Antiga Retórica, tem, neste trabalho, grande importância, visto que o *corpus* de análise é constituído por sermões orais. Assim sendo, outras categorias da Antiga Retórica se juntam com as postuladas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014[1958]) com o objetivo de mais bem se entender como acontece a persuasão no gênero destacado.

1.12 As novas definições

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) dão uma definição contemporânea para a Retórica, sendo “o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 4). A nova definição mostra que, por meio da Retórica, é possível estudar os meios pelos quais acontecem as tentativas de persuasão, bem como as técnicas compreendidas pelos oradores.

A Nova Retórica, assim como na Antiga, não se preocupa com o que é verdadeiro ou falso, mas sim com o que é verossímil. Nas palavras de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958], p. 1), “o campo da argumentação é o do verossímil, do plausível, do provável, na medida em que este último escapa às certezas do cálculo”. A Nova Retórica não julga se um fato é bom ou ruim, verdade ou mentira; contrariamente, ela fornece meios para observar o que cada caso comporta de efeito persuasivo.

Diante disso, a Nova Retórica paira sobre o lugar do preferível, daquilo que é melhor em uma dada situação em que o contraditório tem grande destaque. Desse modo, o discurso retórico não se limita apenas à razão, à racionalidade, à lógica dos fatos. Ele vai além, ele vai até causar efeitos emotivos e sentimentais no auditório, procurando transmitir as várias faces da linguagem, os vários sentidos que podem ser (re)construídos por determinado orador perante seu auditório social, o que leva a dizer que “estudar a persuasão é, essencialmente, estudar a comunicação do ponto de vista dos seus efeitos persuasivos” (SOUSA, 2001, p. 201).

Compreende-se que a persuasão é criada em um dado evento comunicativo ao serem acionados recursos argumentativos. Diante disso, “o persuasivo do discurso comporta dois aspectos: um a que chamaremos de ‘argumentativo’; e outro, de ‘oratório’” (REBOUL, 2004, p. VIII). Portanto, esses dois aspectos se juntam para formar os artifícios da persuasão. Dessa forma, a Retórica pode revelar como se faz a persuasão.

Além da citada junção, são as técnicas argumentativas empreendidas por oradores que criam os mais diversos efeitos persuasivos em um determinado auditório. Essas artimanhas estão ao dispor de oradores que as utilizam para realizar os mais diversos propósitos e/ou interesses comunicativos, sobretudo, aqueles que almejam convencer e persuadir um auditório social específico. O exemplo 1 mostra como acontece uma possível tentativa de persuasão por meio do discurso de um orador religioso cristão:

Exemplo 1:

[...] todos que estão aqui... todos vocês... eu também... todos nós espiritualmente somos como doentes e aqui essa igreja o hospital cada um de nós embora sejamos bons em alguma coisa nós temos muitos pontos fracos e nós estamos aqui para ser tratados por Jesus que é o nosso médico [...].

Fonte: *corpus* desta pesquisa.

Nota-se que o orador utiliza elementos argumentativos que fomentam a possível tentativa de persuasão. Visualiza-se o poder argumentativo do discurso do orador quando diz que ele e o auditório são como doentes; a igreja é o hospital; e Jesus é o médico. Essa argumentação procura, provavelmente, convencer e persuadir o auditório acerca das questões cristãs. Assim, aparece a utilização da Retórica como uma arte que visa convencer e persuadir o outro por meio do discurso.

Diante disso, o propósito da argumentação postulada pela Nova Retórica é fazer com que o auditório aceite as proposições apresentadas pelo orador. Nesse ínterim, há uma série de elementos que irão fazer com o que o auditório aceite ou não ser, de fato, convencido e persuadido pelo discurso do orador. Por exemplo, o uso de determinados argumentos é, sem dúvida alguma, um recurso para a

estratégia persuasiva. Nesse sentido, entende-se que é por meio do discurso retórico que se dá a persuasão, já que é por meio da linguagem que qualquer orador pode vir a ganhar a confiança do seu auditório.

Compreende-se que o discurso retórico se dirige ao homem, e a persuasão leva em conta as faculdades humanas, como sentimentos, paixões, impulsos, entre outras, que servem para fundir as três finalidades do discurso retórico: docere, movere, delectare. A primeira visa a ensinar, transmitir noções intelectuais, convencer, pois diz respeito ao lado argumentativo do discurso retórico. A segunda objetiva comover, atingir os sentimentos do auditório social. Assim, caracteriza-se por ser o lado emotivo, sentimental do discurso, isto é, aquele que movimenta as paixões humanas. A terceira almeja agradar, manter viva a atenção e a confiança do auditório, caracterizando-se por ser o lado estimulante do discurso, ou seja, aquele que movimenta o gosto, a aceitação e a credibilidade (FERREIRA, 2015).

Este trabalho toma a Nova Retórica como uma faculdade do conhecimento capaz de fornecer subsídios suficientes e/ou satisfatórios para o estudo detalhado dos aspectos persuasivos da linguagem. Assim, este estudo ancora-se na Antiga e Nova Retórica, procurando investigar como oradores religiosos cristãos utilizam os argumentos no gênero discursivo sermão oral com vistas a ganhar a adesão do auditório. O discurso postulado pela Nova Retórica é entendido como “toda produção verbal, escrita ou oral, constituída por uma frase ou por uma sequência de frases, que tenha começo e fim e apresente certa unidade de sentido” (REBOUL, 2004, p. XIV). A partir dessa conceituação, infere-se que é por meio do discurso oral e/ou escrito que se dá o uso dos elementos retóricos com o objetivo de persuadir.

A Retórica, desde Aristóteles (2011), sempre foi concebida como um campo do conhecimento que tem no discurso sua base fundante, por isso que Reboul (2004, p. XIV) a define da seguinte maneira: “eis, pois, a definição que propomos: retórica é a arte de persuadir pelo discurso”. Assim sendo, compreende-se que a Retórica vem, a partir de recursos discursivos, oratórios, persuasivos, entre outros tantos, fornecer meios para que um orador possa utilizá-los a seu favor, a fim de obter a adesão dos que ouvem e/ou leem as proposições que lhes são apresentadas.

Obviamente, a Retórica dispõe de meios possíveis de pôr em evidência as motivações que levaram um determinado orador a utilizar os argumentos quase lógicos em um dado discurso. O olhar retórico não se reduz em apenas localizar o efeito e/ou a categoria retórica utilizada, mas também e principalmente de, por meio da função hermenêutica, buscar entender o sentido da categoria utilizada no discurso.

Desde a publicação do *Tratado da Argumentação* em 1958, a Retórica foi ganhando novas definições¹⁴. Além das que já foram citadas anteriormente (Aristóteles (2011), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]), Reboul (2004)) tem-se a mais atual postulada por Meyer (2007, p. 25): “assim sendo, a retórica é a negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada”. Percebe-se que a Retórica realmente ocupa o lugar da diferença, do contraditório, do conflito, da tensão, pois sem esses aspectos caracterizadores não haveria a necessidade de argumentar.

1.13 As condições da argumentação

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) afirmam que a Antiga Retórica tinha como objeto a arte de falar em público de modo persuasivo. O foco era apenas o uso da linguagem falada, ou seja, do discurso, perante uma multidão em praça pública ou tribunais. O principal objetivo era obter a adesão das pessoas que estavam atentas aos discursos. Em contrapartida, a Nova Retórica não se limita apenas às questões orais, mas também e principalmente às escritas.

Segundo os autores, a principal preocupação é “com a estrutura da argumentação, não insistirá, portanto, na maneira pela qual se efetua a comunicação com o auditório” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 6). Nesse sentido, a Nova Retórica não abdicou de todas as características provindas da Antiga. Alguns pilares foram conservados a exemplo do auditório, da tríade argumentativa, dos lugares da argumentação, entre outras especificidades.

¹⁴ Melo (2013, p. 31), a partir da unificação das conceituações de Aristóteles (2011), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]), Reboul (2004), Meyer (2007), entre outros, formula a seguinte definição: “Assim, entendemos retórica como uma negociação entre sujeitos que apresentam suas diferentes opiniões ou suas diferenças em que o contraditório se constitui, e o ato de argumentar surge como meio de convencer e persuadir, por meio da linguagem, o outro, a fim de se obter adesão”.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) ressaltam que o auditório foi conservado da Antiga Retórica, tendo em vista que todo discurso, toda argumentação se dirige a alguém.

Quando se fala em argumentação como um aspecto importante da Antiga e da Nova Retórica, é necessário explicar que são 5 (cinco) as condições para que se efetive uma argumentação retórica. Seguindo as postulações de Abreu (2009), tem-se a seguinte classificação: a) ter definida uma tese, b) ter uma linguagem comum com o auditório, c) ter um contato positivo com o auditório e finalmente d) agir de forma ética diante do auditório.

A primeira condição argumentativa diz respeito à definição de uma tese e “saber para que tipo de problema essa tese é resposta. Se queremos vender um produto, nossa tese é o próprio produto. Mas isso não basta. É preciso saber qual a necessidade que o produto vai satisfazer” (ABREU, 2009, p. 35).

A segunda condição argumentativa refere-se ao orador, pois precisa “ter uma ‘linguagem comum’ com o auditório. Somos nós que temos de nos adaptar às condições intelectuais e sociais daqueles que nos ouvem, e não o contrário” (ABREU, 2009, p. 36). Por isso, a linguagem precisa se adaptar a cada tipo de auditório social, para que seja possível estabelecer o sentido negociado.

A terceira condição argumentativa diz respeito a “ter um contato positivo com o auditório, com o outro. Estamos falando outra vez de gerenciamento de relação” (ABREU, 2009, p. 36-7). A partir do contato positivo do orador com o auditório e vice-versa, será possível estabelecer relações e gerenciá-las.

A quarta condição argumentativa é considerada a mais importante porque destaca a necessidade de agir de forma ética. Diante disso, o ato de argumentar precisa ser de forma transparente. “Caso contrário, argumentação fica sendo sinônimo de manipulação. O fato de agirmos com honestidade nos confere uma característica importante em um processo argumentativo: a credibilidade” (ABREU, 2009, p. 37-8).

Essas condições da argumentação aparecem no gênero discursivo sermão oral. O orador religioso defende uma tese específica; utiliza uma linguagem comum diante do auditório; estabelece um contato positivo com o auditório pelo fato de o orador ser o líder da instituição; e o caráter ético acontece porque o orador aborda temas que não ferem os princípios já estabelecidos pelo auditório

social. Essas condições da argumentação são elementos que colaboram para o acontecimento do gênero sermão oral.

1.14 O ato de argumentar

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) afirmam que aspectos psíquicos e sociais são imprescindíveis para uma argumentação eficaz, tendo em vista que “toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 16). Com efeito, para argumentar, qualquer orador necessita ter o objetivo de ganhar a confiança do auditório, tanto pelo consentimento às teses apresentadas, quanto pela participação mental no processo argumentativo.

Para que a própria argumentação aconteça, é necessário que o auditório preste atenção ao que lhe é dirigido. Evidentemente, a argumentação será mais bem percebida se for proferida verbalmente a um auditório do que escrita em algum livro. Desse modo, a proximidade do orador com o auditório contribui para a obtenção da adesão. Por exemplo, no sermão oral, o orador está ao vivo, face a face, proferindo a argumentação. Isso aumenta a intensidade do assentimento, pois se o sermão estivesse apenas escrito, possivelmente, não teria tanta eficácia diante do auditório.

Conforme Ferreira (2015), o ato de argumentar refere-se ao meio civilizado, educado, ético e potente de mobilizar elementos retóricos no discurso, sem o uso de quaisquer formas de força, violência ou autoritarismo, que seja capaz de convencer e persuadir determinado auditório. Nesse sentido, “argumentar implica demonstrar ideias para clarear no espírito do outro nossa posição diante de um assunto polêmico” (FERREIRA, 2015, p. 14).

Assim, a ideia transmitida não significa vencer o outro a qualquer custo, mas sim gerenciar, negociar relações com ele. Abreu (2009, p. 25) atesta que o ato de argumentar “é a arte de convencer e persuadir”. Na concepção do autor, os dois conceitos atuam no processo persuasivo da argumentação. Um complementa o outro, embora Abreu (2009) entenda que eles são elementos diferentes.

O sentido de batalha, duelo, não existe no campo da argumentação postulada pela Nova Retórica. O que acontece é que o orador e o auditório, a todo o tempo, negociam os sentidos, procurando estabelecer as relações e essas acarretam em mudanças. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958], p. 61) destacam: “a argumentação é uma ação que tende sempre a modificar um estado de coisas preexistente”, podendo ser a crença ou a opinião do outro em relação a um determinado ponto de vista.

1.15 Convencer e persuadir

Convencer e persuadir são alvos de muitas controvérsias, havendo diferenças entre esses dois termos. No entanto, os estudos da Nova Retórica indicam que se trata de coisas diferentes. Tanto o convencimento quanto à persuasão visam influenciar as opiniões e atitudes das pessoas, sem a utilização da violência ou de qualquer outro artifício parecido.

Reboul (2004, p. XV) afirma que um conceito não permanece fora do outro pelo fato de a persuasão retórica consistir em fazer com que alguém acredite em alguma coisa e somente depois disso possa realizar ações. O autor postula que se a persuasão apenas conseguiu levar alguém a agir sem crer na própria ação, não é retórica, pois persuadir “é levar alguém a crer em alguma coisa”. Em Reboul (2004), observa-se que os conceitos convencer e persuadir estão imbricados, quase sem distinção alguma.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) dizem que para quem está preocupado “com o resultado, persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação. [...] para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 30). Os autores mostram as diferenças dos conceitos, além de localizarem, no *Tratado da Argumentação*, o ato de convencer pertencente a um auditório universal e o ato de persuadir a um auditório particular.

Ferreira (2015) também fala sobre convencer e persuadir. Para o autor, convencer está ligado ao “mover pela razão, pela exposição de provas lógicas, coordenar o discurso por meio de apelos ligados ao campo da racionalidade”

(FERREIRA, 2015, p. 15). E persuadir é “mover pelo coração, pela exploração do lado emocional, coordenar o discurso por meio de apelos às paixões do outro” (FERREIRA, 2015, p. 15). O autor não defende a distinção entre os dois conceitos, mas sim a unidade.

Desse modo, embora existam as contribuições de Reboul (2004), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]), Ferreira (2015), entre outros, defende-se, neste trabalho, que Abreu (2009) defende de maneira consistente a conceituação do par convencer e persuadir. Conforme o citado autor, “convencer é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando. Etimologicamente, significa vencer junto com o outro (com + vencer) e não contra o outro” (ABREU, 2009, p. 25). O ato de convencer liga-se à ideia de negociação, acordo com outro. O objetivo não é atacar, mas gerenciar informações, sentidos. Já “persuadir é saber gerenciar relação, é falar à emoção do outro. A origem dessa palavra está ligada à preposição per, ‘por meio de’ e a Suada, deusa romana da persuasão. Significava ‘fazer algo por meio do auxílio divino’” (ABREU, 2009, p. 25).

Postas as questões conceituais de convencer e persuadir, o autor ainda destaca que convencer é algo ligado ao campo das ideias; e persuadir liga-se ao terreno das emoções que sensibilizam o outro para realizar ações desejadas. Portanto, argumentar é a arte de “gerenciando informação, convencer o outro de alguma coisa no plano das ideias e de, gerenciando relação, persuadi-lo, no plano das emoções, a fazer alguma coisa que nós desejamos que ele faça” (ABREU, 2009, p. 26).

Após considerações teóricas acerca da Retórica (definições e tipos), dos gêneros do discurso, do sistema retórico e acordo, das funções retóricas, das condições argumentativas, dos tipos de auditório, além de outros pontos teóricos, tem-se um arcabouço que conduz ao estudo e à exploração dos tipos de argumento, a fim de que seja possível empreender uma análise eficaz da persuasão no gênero sermão oral.

2. A RETÓRICA NO GÊNERO DISCURSIVO SERMÃO ORAL

Nesta seção, teorizaram-se as características do discurso religioso cristão, as especificidades teóricas, conceituais e organizacionais do gênero discursivo sermão oral, bem como a apresentação dos quatro tipos de argumento postulados pelos estudos da Nova Retórica, com exemplificações gerais.

2.1 Aspectos do discurso religioso cristão

O discurso religioso cristão está presente em quase todos os lugares do mundo, seja na linha católica romana, seja na protestante. Fundamentado na ideologia cristã, esse tipo de discurso tem características argumentativas, as quais possibilitam um estudo retórico consistente de estratégias persuasivas empreendidas por oradores religiosos cristãos que podem conduzir, por meio do discurso persuasivo, determinado auditório a uma possível aceitação de princípios em prol da temática tratada, tendo em vista que “o discurso religioso é repleto de argumentação” (FERREIRA, 2015, p. 89).

O orador, no discurso religioso cristão, pode recorrer às estratégias retóricas (lugares e argumentos) com o objetivo de conquistar a adesão de seu auditório social. Nesse sentido, o discurso persuasivo, caracteriza-se pela intenção explícita ou implícita de convencer, de persuadir, de conduzir, de agir sobre o outro na tentativa de angariar a atenção e de despertar emoções, sentimentos, para que finalmente seja possível conquistar a adesão daqueles que compõem o auditório social.

No discurso religioso cristão, o texto-fonte é a Bíblia, considerada, na linha cristã (católica e/ou protestante), como sendo a Palavra de Deus. Segundo Bezerra (2019, p. 20), a “Bíblia é antes de tudo um texto, ou melhor, um conjunto deles, escritos em diferentes gêneros [...], em diferentes lugares e épocas, por diferentes autores”. O autor afirma que a linguagem em torno do livro sagrado não pode ser desprezada como um recurso para uma compreensão bem embasada dos textos bíblicos. Assim, a Bíblia, conforme Bezerra (2019), serve para, além das questões puramente religiosas, estudar a linguagem como um todo.

Desse modo, nas reuniões e/ou celebrações religiosas cristãs, os discursos e os temas explorados pelos oradores precisam estar ancorados no referido livro sagrado, pois ele garante maior aceitação, aprovação e, sobretudo, autoridade ao que for dito durante a celebração sacra. Certamente, o uso do discurso religioso cristão poderá condicionar o modo como os fiéis devem pensar, agir e até mesmo se organizar em sociedade; o discurso religioso, neste caso, é uma forma de ação retórica e de poder que visa influenciar as escolhas do outro; por isso, “no domínio religioso, as relações entre os atores sociais têm a Bíblia (Antigo e Novo Testamento), livro sagrado do Cristianismo, como importante referencial normativo para as diversas práticas sociais” (BEZERRA, 2019, p. 109).

Durante muito tempo, houve desinteresse por pesquisas que tomassem o discurso religioso como objeto de investigação científica. Para Maingueneau¹⁵ (2010, p. 100), “ao menos nas sociedades ocidentais, a cultura religiosa é cada vez menos divulgada entre os pesquisadores em ciências humanas e sociais”. Conforme assegura o autor francês, o estudo do discurso religioso ainda não tem ampla abrangência e, quando é utilizado, como fenômeno de investigação, serve apenas para analisar como interfere em outros domínios discursivos, a exemplo da política e da mídia. Nessa visão, o discurso religioso serve apenas como suporte para outros fins e não para ser compreendido enquanto domínio discursivo socialmente definido. Em contrapartida, este trabalho estuda o discurso religioso como sendo uma prática social e discursiva.

De acordo com Plantin (2008), muitas restrições indevidas no campo da argumentação excluem porções inteiras da cultura, bem como das argumentações de linha cristã. Isso causa um impasse surpreendente, especialmente no caso de obras que baseiam a argumentação na persuasão-sedução intelectual em vista de uma adesão criada ou reforçada para novas visões de mundo, neste caso, a de linha cristã. Assim, é necessário “definir a argumentação por sua finalidade, que é exatamente a conversão e o fortalecimento das crenças, e isso não está muito longe da crença e da fé” (PLANTIN, 2008, p. 127).

¹⁵ Observa-se em Maingueneau (2010) apenas a sua conceituação acerca da historicidade do gênero sermão oral.

Certamente, o discurso religioso cristão é heterogêneo, multifacetado, ou seja, dotado de aspectos que transcendem o campo religioso, dirigindo-se a espaços sociais diferentes. Como diz Batista (2015, p. 273), “a pluralidade do discurso religioso cristão é algo que acompanha o cristianismo desde o seu início”. O próprio termo cristão ocupa um lugar de amplos segmentos distintos, incluindo aí as várias instituições religiosas existentes em países de todo o mundo, desde a Reforma Protestante,¹⁶ liderada por Martinho Lutero. Por isso, é relevante estudar como o discurso religioso cristão interfere em outros domínios discursivos, mas também como esse mesmo discurso consegue persuadir os adeptos a seguirem uma ideologia de vida de acordo com os preceitos previamente estabelecidos pela instituição organizacional.

Maingueneau (2010, p. 101) afirma que o discurso religioso é um discurso constituinte, tendo em vista o caráter radicalmente heterogêneo que associa “gêneros de discurso muito fechados, produzidos por e para especialistas, que pretendem enunciar em nome da Fonte que os funda, e gêneros mais próximos da vida cotidiana”. O autor ainda pontua que a tarefa da análise do discurso retórico religioso aborda dois caminhos: o primeiro refere-se à interpretação das práticas religiosas por meio dos textos; o segundo pauta-se na perspectiva de conteúdos espirituais, ocultos, questões de fé. Neste trabalho, analisa-se o texto oral (que foi transcrito), centrando-se nos aspectos persuasivos do discurso. As questões ligadas à fé, à espiritualidade, aos dogmas, às coisas ocultas e sobrenaturais, entre outras, não são estudadas nesta investigação por não serem o objetivo deste trabalho.

A persuasão, provavelmente, é uma das principais características do discurso religioso cristão. O orador deseja que o auditório aceite as proposições que lhe são apresentadas durante as celebrações religiosas e que os fiéis permaneçam como integrantes e/ou membros mantenedores da instituição organizacional e privada. Além disso, pode haver a presença de um ou outro convidado, e o orador, naturalmente, tentará persuadi-lo a também fazer parte da instituição. Assim, “na construção da retórica do discurso religioso, os argumentos

¹⁶ A Reforma Protestante foi um movimento reformista cristão do século XVI, liderado por Martinho Lutero, simbolizado pela publicação de suas 95 teses em 31 de outubro de 1517 na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, na Alemanha.

são sustentados por ‘provas’ baseadas, principalmente, em julgamentos de valor” (HALLIDAY, 1990, p. 20).

É Citelli (2002) quem assegura que o discurso religioso é uma das esferas discursivas mais persuasivas, tendo em vista que, por ser um discurso autoritário, possui um grau elevado de efeito persuasivo, pois o orador não pode ser questionado ou, até mesmo, analisado pelo auditório social. O orador religioso é o porta-voz de um discurso de autoridade, pois a voz implícita é a divina que, por sua vez, está contida na Bíblia Sagrada. Desse modo, tem-se um discurso de “autoria sabida, porém não-determinada, visto que a fala do pastor se constrói como verdade não sua, mas do outro, aquele que, por ser considerado determinação de todas as coisas, engloba todas as falas do rebanho” (CITELLI, 2002, p. 48).

Perseguindo a mesma ideia, Halliday (1990) classifica o discurso religioso como sendo a retórica dos intocáveis, ou seja, um discurso inquestionável na sociedade. A autora chama a atenção para o fato de que ninguém precisa questionar a retórica religiosa, desde que seja aquela de sua preferência e que combine com a realidade e os valores que são aceitos pela maioria.

Halliday (1990) ainda assegura que o discurso religioso é organizacional, pois as religiões são também organizações com fins de sobreviver, equilibrar o orçamento, aumentar o número de membros, entre outras especificidades exclusivas de entidades organizacionais. Nesse sentido, os objetivos da organização religiosa transcendem para outros espaços sociais e legitimam o valor social, podendo influenciar em diversos setores da sociedade, não se fixando apenas e exclusivamente no campo religioso.

As instituições religiosas são entidades do mundo social, terreno, por isso têm necessidades de recursos financeiros, membros mantenedores e certos posicionamentos políticos em nome de Deus. Esses pontos precisam ser examinados porque vão além da esfera estritamente espiritual como se espera de uma entidade religiosa e privada. A ideologia cristã não se centra apenas na área espiritual, mas também, como qualquer outra ideologia, nas relações de poder na sociedade. Desse modo, tem-se que “o discurso religioso pertence também à esfera pública, na medida em que compete com outros discursos por recursos, prestígio, corações e mentes” (HALLIDAY, 1990, p. 21).

Em Santos (1980) encontra-se um estudo acerca dos aspectos do discurso religioso cristão, por meio dos quais a autora mostra os níveis de linguagem no discurso de um orador religioso cristão: o sacerdote católico romano (padre). A autora ressalta que “a oratória sacra, que se manifesta através de sermões, homilias e práticas aborda, em geral, temas religiosos, morais e problemas sociais, dentro da linha apostolar adequada” (SANTOS, 1980, p. 13). Mais uma vez, ratifica-se que a esfera discursiva religiosa cristã não se restringe apenas às questões sacras, espirituais, dogmáticas, mas ultrapassa esses limites, indo em direção aos mais diversos espaços sociais possíveis. Assim, conforme Santos (1980), o discurso religioso configura-se também como uma prática com fins sociais e até mesmo políticos.

Orlandi (2011)¹⁷ assegura que o campo religioso é um domínio privilegiado para se observar o funcionamento da ideologia cristã, ou seja, o lugar e os valores atribuídos à palavra religiosa. A autora entende o discurso religioso como sendo aquele “em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus” (ORLANDI, 2011, p. 243). Uma característica principal do discurso religioso é que não há como haver a reversão do processo comunicativo entre os interlocutores, pois aquele que fala é apenas um porta-voz de outro falante.

Desse modo, Orlandi (2011) indica que o orador religioso é o porta-voz da palavra divina e, desse modo, ocupa um lugar de prestígio, ligado ao plano espiritual, ocasionando um desnivelamento, pois o auditório é apenas do plano temporal, terreno. A autora ainda ressalta que há uma desigualdade entre os interlocutores, visto que nessas duas ordens de mundo distintas (espiritual e temporal), conforme a crença cristã, Deus domina os homens. Essa assimetria explica a impossibilidade de haver a troca de papéis entre orador e auditório, pois os homens não podem ocupar um lugar pertencente a uma divindade.

Conforme a crença cristã, a Bíblia¹⁸ é a palavra de Deus e o orador, apenas um suporte físico para repassar o discurso, caracterizando-se como um porta-voz de discurso de autoridade. Segundo Orlandi (2011), no discurso

¹⁷ Orlandi (2011), neste trabalho, contribui com o estudo sobre o discurso religioso.

¹⁸ “No Cristianismo, de modo mais específico, as regras que proporcionam o saber, a verdade e o poder vêm, em grande parte, da palavra de Deus traduzida – acredita-se – na Bíblia e nos documentos da Igreja” (MELO, 2017, p.135).

religioso cristão, a voz de Deus se fala no pastor ou em outra pessoa autorizada. O porta-voz do discurso de autoridade não pode, em hipótese alguma, modificar a mensagem divina, já que existem regras “estritas no procedimento com que o representante se apropria da voz de Deus: a relação do representante com a voz é regulada pelo texto sagrado, pela Igreja, pelas cerimônias” (ORLANDI, 2011, p. 245).

Na religião cristã, é a Igreja que faz a interpretação dos textos sagrados e repassa esse entendimento aos seus adeptos. Como uma organização privada, ela tem autonomia para exercer tal função, cabendo aos fiéis aceitarem a hermenêutica utilizada pela Igreja. Na maioria das vezes, o texto utilizado é a Bíblia Sagrada (ou outra literatura do fundador da instituição), considerada como revelação de Deus aos homens; o lugar próprio para a pregação da palavra sagrada é condicionado pelas normas da Igreja, podendo ser na própria instituição ou em outro local público. Essas especificidades revelam uma relação espontânea com as questões sagradas, o que caracteriza o discurso religioso como dogmático e inquestionável (ORLANDI, 2011).

As direções do discurso religioso cristão comportam duas situações: a primeira caracteriza-se pela importância do plano espiritual, sendo representado pela autoridade de Deus, da Igreja e dos seus representantes; a segunda configura-se pela participação dos adeptos e/ou fiéis que são integrantes do plano terreno. Essa relação de poder hierárquico (Deus e a Igreja acima dos homens) evidencia que o discurso religioso cristão é um discurso que cria uma ilusão de reversibilidade. Para Orlandi (2011), a reversibilidade é “a troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o discurso se constitui” (ORLANDI, 2011, p. 239).

A ilusão de reversibilidade, conforme destaca Orlandi (2011), associa-se a duas direções: a primeira é de cima para baixo, em que Deus partilha com os homens as suas propriedades, como bênçãos, curas, milagres, mandamentos; a segunda, de baixo para cima, pois o homem se alça até Deus, obedecendo aos estatutos, dogmas e mandamentos supostamente concedidos por Deus. Dessa maneira, a relação entre as duas instâncias (celestial e terrena) se dá de forma assimétrica, tendo em vista que apenas o orador tem o domínio da palavra, enquanto o auditório apenas ouve o discurso proferido. A produção e recepção do

discurso revelam uma relação assimétrica e isso só se efetiva porque esse poder está fundamentado em uma autoridade eclesiástica, geralmente um pastor, que é especialista em religião.

Por assim dizer, o discurso religioso cristão é caracterizado por ser um discurso assimétrico e por criar a ilusão de reversibilidade, pois em nenhum momento os interlocutores trocam papéis comunicativos. Além disso, o orador é apenas um porta-voz de um discurso de autoridade (o divino) contido e/ou embasado em textos bíblicos. Outras características aparecem no discurso religioso como o uso do imperativo e do vocativo, pois se trata de um discurso autoritário; o uso de argumentos para fazer com que o auditório seja persuadido, entre outras especificidades que caracterizam esse tipo de discurso.

2.2 O sermão oral enquanto gênero

O sermão oral é comumente classificado como um gênero discursivo, por possuir alguns elementos estruturais e funcionais que autorizam essa assertiva. A partir desse entendimento, recorre-se aos estudos de Marcuschi (2008) para reconhecer os aspectos que um gênero possui e, possivelmente, identificá-los conjuntamente no gênero sermão oral.

Marcuschi (2008) dedica um capítulo de sua obra para o estudo dos gêneros orais e escritos. O autor explica minuciosamente o que são gêneros e quais características lhes são próprias de reconhecimento. Desse modo, alguns conceitos teóricos são caros à obra do autor, a exemplo de gênero textual, tipo textual, domínio discursivo e suporte textual. Essas quatro categorias ajudam a entender e reconhecer um gênero da oralidade e/ou da escrita, numa perspectiva de continuidade tipológica, tomando a escrita e a oralidade no mesmo patamar de igualdade, respeitando as especificidades distintas de cada modalidade linguística. Diante disso, é importante analisar se o sermão, enquanto gênero discursivo da oralidade preenche ou não os requisitos genéricos postulados na obra de Marcuschi (2008).

O **gênero** é entendido como sendo os textos materializados em situações comunicativas do dia a dia. Além disso, todo gênero possui uma função social em dado contexto comunicativo, bem como um conteúdo temático, um estilo próprio e

uma forma composicional. Esses aspectos estruturais formam um todo significativo, intrínseco a elementos sociais, históricos, culturais e, obviamente, linguísticos. Por assim dizer, os gêneros “são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas” (MARCUSCHI, 2008, p. 155). Partindo dessa posição, entende-se que o sermão oral, enquanto prática comunicativa, social e discursiva, pode ser considerado um gênero discursivo.

O sermão é um gênero discursivo e como tal é caracterizado por alguns elementos¹⁹ que lhe são basilares, pois se realiza cotidianamente na vida de pessoas que são adeptas à Religião Cristã; por apresentar um conteúdo temático embasado nas ideologias cristãs; por apresentar um estilo voltado a uma argumentação face a face; por apresentar uma forma composicional pautada no sistema retórico com exórdio, narração/confirmação e peroração; por ser um propagador de vivências históricas, sociais e políticas do universo cristão; por estar associado às instituições organizacionais que representam funções sociais; e por ser materializado na modalidade de língua oral.

Por esses e outros tantos motivos, ratifica-se que o sermão oral é sim, de acordo com critérios elencados por Marcuschi (2008), um gênero discursivo da oralidade. Marcuschi (2008), além de conceituar os gêneros, aponta outras categorias que lhes são próprias, a exemplo do tipo textual, do domínio discursivo e do suporte textual.

O **tipo textual** não pode ser confundido com o gênero, pois este representa a função social dos textos que circulam na sociedade; e aquele representa constructos teóricos devidamente definidos por meio de propriedades que lhes são intrínsecas. Em geral, os tipos textuais são classificados em cerca de seis categorias: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção e diálogo. O gênero discursivo sermão oral utiliza a tipologia da argumentação, pois é um gênero predominantemente argumentativo, embora não se anule a possibilidade de o sermão, em alguns casos específicos, transitar entre as outras tipologias mencionadas.

O **domínio discursivo** é entendido como sendo “uma esfera da vida social ou institucional (**religiosa**, jurídica, jornalística [...]), na qual se dão práticas que

¹⁹ Rocha e Silva (2017) trazem um agrupamento dos elementos da textualidade. Conforme os autores, os fatores de textualidade engatilham os sentidos nos mais diversos textos orais e escritos.

organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão” (MARCUSCHI, 2008, p. 194, grifo do pesquisador). A partir desse posicionamento, tem-se que o gênero discursivo sermão oral pertence ao domínio discursivo religioso, mais precisamente ao religioso cristão, pelo fato de o propósito comunicativo do referido gênero ser o de abordar temáticas de cunho religioso cristão e estar subordinado a uma instituição organizacional, o que o torna uma prática socialmente definida e caracterizada sociocomunicativamente.

O **suporte** de um determinado gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto oral ou escrito (MARCUSCHI, 2008, p. 174). No caso do gênero discursivo sermão oral, o próprio culto²⁰ religioso cristão é o suporte utilizado para que o orador organize e produza o referido gênero, pois o orador ancora-se no próprio evento religioso para preparar os sermões. Por ser um gênero da oralidade, a própria voz, como sendo o principal canal de comunicação, é um aspecto imprescindível (mas não é o suporte) para a realização do sermão oral em denominações cristãs.

Bakhtin (2010) deu relevante contribuição ao estudo dos gêneros do discurso. Foi o filósofo da linguagem que dividiu os gêneros discursivos em dois grupos distintos, nomeando-os de gêneros primários e gêneros secundários. Os gêneros discursivos primários são aqueles mais cotidianos, que acontecem em momentos mais informais de comunicação. Por serem mais informais, não necessitam de um rigor para serem produzidos pelos usuários. Nesse leque, é possível encontrar os bilhetes, a conversa face a face, o telefonema, esses gêneros discursivos que estão presentes em espaços sociais específicos, mas com características mais coloquiais. Os gêneros discursivos secundários referem-se àqueles que têm uma construção complexa e, para serem produzidos, exigem a necessidade de uma organização prévia. Assim, entre os gêneros discursivos secundários, é possível observar canções, poemas, dissertação de mestrado, teses de doutorado, entre outros.

A partir das postulações bakhtinianas acerca dos gêneros discursivos primários e secundários, defende-se, neste trabalho, que o gênero sermão oral

²⁰ Marcuschi (2003, p. 10-11) afirma: “talvez, no caso da oralidade, sejam os próprios eventos os suportes, por exemplo, um congresso acadêmico seria o suporte de conferências e comunicações orais e a mesa-redonda seria o suporte de exposições temáticas”. No caso do sermão oral, a própria cerimônia religiosa é o suporte.

pertence ao gênero secundário, tendo em vista os seguintes pontos: a) há uma organização prévia para o acontecimento do gênero sermão oral; b) o sermão oral possui uma estrutura complexa e organizada para ser elaborado; e c) o sermão, mesmo sendo oral, na maioria das vezes, não acontece de forma espontânea, mas sim planejada. Existem outras justificativas, mas essas confirmam o lugar do sermão oral como gênero secundário.

Marcuschi (2008) e Costa (2009) abordam a questão dos gêneros de linha religiosa cristã. Os referidos autores agrupam os gêneros orais e escritos pertencentes ao domínio religioso cristão. Esses gêneros (orais e escritos) podem acontecer em outras religiões, mas este trabalho, por questões de recorte do objeto estudado, focaliza apenas a linha cristã. Em Costa (2009), é possível encontrar uma definição para o sermão, entendido como uma “pregação, prática ou comentário expositivo-argumentativo do Evangelho, visando explicá-lo e analisá-lo, geralmente após sua leitura, em um ato religioso” (COSTA, 2009, p. 130). A definição está em consonância com as de outros autores, como será possível observar nos próximos tópicos que tratam da definição do gênero destacado. A partir das contribuições de Marcuschi (2008) e Costa (2009), foi possível elaborar o quadro a seguir:

DOMÍNIO DISCURSIVO RELIGIOSO	GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS
<p>Refere-se a uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana, como é o caso do discurso religioso. A atividade religiosa não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles (MARCUSCHI, 2005).</p>	<p>Sermões; Confissão; Rezas; Cantorias; Orações; Lamentações; Benzenções; Cantos medicinais; Catecismo; Homilias; Hagiografias; Cânticos religiosos; Missal; Bulas papais; Jaculatórias; Penitências; Encíclicas papais; (MARCUSCHI, 2008).</p> <p>Epístola; Homilia; Invocação; Jaculatória; Ladainha; Ofício; Oração; Prece; Prédica; Predição; Profecia; Reza; Salmo; Sermão; Versículo; (COSTA, 2009).</p>

Quadro 2: Agrupamento dos gêneros orais e escritos do domínio religioso.

Fonte: Adaptado de Marcuschi (2008) e Costa (2009).

O quadro mostra um verdadeiro arcabouço de gêneros orais e escritos pertencentes ao domínio discursivo religioso cristão. Nota-se que alguns gêneros se repetem; em outros não acontece a repetição; mas o que é realmente importante, no caso deste trabalho, é observar que os dois autores classificam o sermão como um gênero pertence à esfera religiosa cristã, o que ratifica a ideia transmitida ao longo deste trabalho, isto é, que o sermão é um gênero da oralidade e do domínio religioso cristão. Para fins de compreensão detalhada do gênero sermão oral, passa-se ao estudo das especificidades conceituais e organizacionais do gênero estudado.

2.3 A definição do gênero sermão oral

Como foi visto na primeira seção deste trabalho, a partir das contribuições de Aristóteles (2011) e Mosca (2004), o sermão oral pertence ao gênero judiciário, mesmo transitando entre o gênero demonstrativo e epidítico, a depender das circunstâncias em que o sermão é utilizado. À luz dessas informações, faz-se necessário explicar de forma pormenorizada algumas conceituações e/ou definições acerca do gênero discursivo sermão oral.

De acordo com Souza²¹ (1999 [1959]), “os gregos davam à conversa o nome de homilia (de onde nos veio a palavra homilética) e os romanos a chamavam de sermonis (de onde nos veio sermão)” (SOUZA, 1999 [1959], p. 3). Nesse sentido, é possível notar que homilia e sermonis são simples sinônimos que significam conversa, mais precisamente, uma conversa face a face com uma temática voltada às questões religiosas.

Ainda segundo o autor, essa conversa não acontecia de qualquer maneira, mas tinha o objetivo de mover os sentimentos das pessoas, do auditório social. Dessa maneira, “o orador que consegue mover as pessoas, persuadindo-as a acatarem as suas palavras, é eloquente, pois a eloquência é a capacidade de persuadir pela palavra” (SOUZA, 1999 [1959], p. 17). Na esfera cristã, o uso do

²¹ Souza (1999 [1959]) traz uma contribuição sobre a homilética e a eloquência da pregação religiosa cristã. O autor descreve em detalhes como acontece o evento comunicativo sermão na esfera religiosa cristã.

termo “palavra” é entendido como a pregação²² do evangelho, utilizando-se, obviamente, de textos bíblicos.

Maingueneau (2010) teoriza acerca da historicidade do gênero discursivo sermão. Para o autor, o sermão entra na perspectiva das enunciações monologais e orais, que são comumente apoiadas em um texto prévia e cuidadosamente escrito e “seu objetivo é ao mesmo tempo melhorar a compreensão da doutrina e incitar os fiéis a levar uma vida mais em acordo com as exigências religiosas” (MAINGUENEAU, 2010, p. 104-5). Nesse sentido, depreende-se que o sermão precisa estar de acordo com as crenças, ideologias e convicções da religião cristã para que a cristandade possa ser mantida na organização privada e religiosa. Desse modo, Maingueneau (2010) propõe a seguinte definição para o gênero estudado:

Poder-se-ia dizer que se trata de um gênero ‘irradiador’, isto é, que tem a capacidade de ativar a produção verbal de outros gêneros, de fazer falar dele, como ocorre hoje com os filmes, os vídeos na internet ou os programas de tevê. [...] Aliás, essa comunicação radicalmente assimétrica, destinada a um auditório que só responde por meio de manifestações paraverbais, não está longe do dispositivo teatral. O pregador é também um ator que faz uma ‘apresentação’ para um auditório que dispõe de uma competência para avaliá-lo (MAINGUENEAU, 2010, p. 105).

Maingueneau (2010) explica que o sermão pode acionar outros gêneros, como é o caso da oração, prece, reza, entre outros. Em se tratando da assimetria, ela acontece porque apenas o orador detém o poder da palavra em detrimento ao auditório social, pois este, quando raramente se manifesta, procura fazê-lo por meio de expressões gestuais. Em relação ao pregador do sermão, Maingueneau (2010) afirma: “falando, o pregador ativa as normas constitutivas do gênero de discurso no qual está engajado, mostrando assim que domina as regras e que é, portanto, um agente legítimo da instituição em nome da qual fala” (MAINGUENEAU, 2010, p. 108).

Para Halliday (1990), o sermão que é pregado pelo orador religioso cristão não focaliza convencer as pessoas fora da instituição religiosa, mas funciona para reforçar a opinião “que todos os presentes já formaram a respeito de Cristo e para fortalecer os laços entre os membros da mesma igreja, que compartilham da

²² “O termo pregação está intrinsecamente ligado, no seu uso, às religiões cristãs” (FIGUEIREDO *et al.*, 2009, p. 138).

mesma crença, apregoada naquele momento de ação retórica” (HALLIDAY, 1990, p. 37). O convencimento e a persuasão são atos praticados pelo orador, mas com fins de mover as emoções do auditório para as questões já estabelecidas previamente na comunidade sagrada.

Santos (1980) frisa que o sermão possui intenções persuasivas e que esse gênero é organizado e não acontece aleatoriamente porque tem uma elaboração prévia por parte do orador. Desse modo, é obrigatório que o assunto tratado durante a proferição do sermão oral necessite estar de acordo com os princípios religiosos da denominação específica. Conforme Santos (1980), o contexto imediato da situação discursiva revela as necessidades individuais ou grupais de determinado auditório social.

De acordo com Catunda (2016), as “pregações são proferidas nos templos, que representam o espaço sagrado, o que reforça a legitimidade da verdade divina” (CATUNDA, 2016, p. 97). As instituições religiosas se tornaram, desde a fundação do Cristianismo, um lugar em que se mantêm e se perpetuam os fundamentos da referida religião, visto ser um espaço social ideológico em que semanalmente a cristandade se reúne para desenvolver atividades voltadas aos aspectos espirituais, sagrados. A instituição religiosa e seus porta-vozes têm o objetivo de assegurar a continuidade e a perenidade dos alicerces que fundam a organização, pois “os porta-vozes legítimos são os sacerdotes, padres, pastores e representantes oficiais das igrejas” (EMEDIATO; FRANCO, 2017, p. 215).

Em se tratando do orador religioso cristão, aquele que prega o sermão, tem-se que ele exerce o papel de mediador autorizado “da palavra de Deus, de fiador do sentido autorizado pela Tradição. Ao proferir seu sermão, exerce o papel de um Adjuvante dotado de uma dupla competência: prática (devoção) e teórica (conhecimento da doutrina)” (MAINGUENEAU, 2010, p. 110). Assim, o orador necessita crer no que prega, pois precisa transparecer confiança para o auditório.

Como o líder da instituição é o orador, ele precisa saber o que está falando para somente assim convencer os outros. O estudo, a pesquisa e a visão transcendente são aspectos que precisam compor o *ethos*, a imagem do orador religioso cristão. Nesse sentido, o líder religioso é aquele que “possui a autoridade, além do atributo da sabedoria e a função de ensinar a palavra de

Deus, a moral cristã e os mandamentos. Baseia-se, para isso, no conhecimento do que se passa no interior do fiel” (MELO, 2017, p. 137).

A partir do que foi dito, este trabalho define²³ o sermão como sendo um gênero discursivo pertencente ao domínio religioso cristão, na modalidade de língua oral, em que líderes religiosos cristãos (pastores), ocupando um lugar social de prestígio, se utilizam de textos bíblicos e, portanto, com caráter de autoridade, com o objetivo de, no momento da celebração sacra, convencer e persuadir o auditório social.

Durante a pregação religiosa, o orador normalmente aconselha, acusa, defende determinadas condutas dos fiéis que compõem o auditório. Aos que fazem parte da cristandade compete apenas ouvir atentamente o que o orador transmite, tendo em vista que o sermão não permite a troca de papéis comunicativos (reversibilidade), caracterizando-se como um discurso assimétrico.

2.4 Os elementos que constituem o sermão oral

Como foi dito no tópico anterior, o sermão é um gênero discursivo pertencente à modalidade de língua oral, que se realiza de diferentes maneiras por seu conteúdo temático, estilo e sua forma composicional que lhe são próprias. Como ação social, trata-se de um gênero que vem, ao longo da história, veiculando as mensagens do Cristianismo, em suas diferentes vertentes. Diante disso, “o sermão é um gênero do discurso bastante conhecido e praticado no Ocidente” (SILVA, 2013, p.18).

Embora existam outras classificações, optou-se por trazer as contribuições de Silva (1992 [1946], p. 22), em que o autor classifica os sermões em: temático, textual, expositivo, improvisado, fúnebres, especiais, ilativo e extemporâneo. No que concerne ao *corpus* de análise deste trabalho, ratifica-se que os três sermões analisados pertencem a um tipo específico de sermão: o temático.

O sermão temático é aquele que trata de um tema específico, de um tópico discursivo embasado em textos da Bíblia Sagrada. É a partir desse tópico que será elaborado todo o discurso do orador religioso cristão. Outra característica

²³ Em outros trabalhos, o pesquisador, ao lado da orientadora, aborda outras definições para o gênero sermão, como é possível ver em Rocha e Santos (2018a; 2018b; 2018c; 2019; 2020) e Rocha (2019).

importante é que neste tipo específico de sermão (o temático) não há uma introdução de tema baseado em um versículo ou passagem bíblica, mas em variados e /ou em todos os textos possíveis que abordem a temática. No sermão temático, o orador argumenta a partir de conhecimentos compartilhados e ancorados em várias passagens bíblicas.

Para Silva (1992 [1946]), o título principal do sermão temático, naturalmente, não se baseia na análise de um versículo ou passagem do livro sagrado, mas tem o objetivo de realizar uma análise de determinado tema, com um fim mais abrangente. Por isso, “sermões tópicos, ou temáticos, são aqueles cujas divisões provêm do assunto, independentemente do texto” (SILVA, 1992 [1946], p. 23). Nos três sermões analisados deste trabalho, é possível verificar que eles estão baseados em temáticas mais amplas (a vida dos cristãos, a reforma protestante e a paz) e não em porções de textos bíblicos isolados.

Silva (1992 [1946]) também concorda com a ideia de que o gênero discursivo sermão oral é de natureza retórica ou pelo menos almeja à persuasão daqueles que ouvem a pregação. Nas palavras do autor, “o sermão tem por finalidade convencer os ouvintes, seja no campo político, forense, social ou religioso. Por esta razão, a homilética encontra-se ligada diretamente à eloquência” (SILVA, 1992 [1946], p. 14). Observa-se que o discurso religioso extrapola o campo da religião, transitando, também, em outros espaços sociais.

Ainda em Silva (1992 [1946]), tem-se a classificação das partes que compõem o sermão, conforme a seguinte divisão estabelecida: título, tema, texto, introdução (exórdio), corpo, aplicação e conclusão do sermão (peroração). Segundo o referido autor, essas partes representam os elementos gerais e/ou funcionais que compõem normalmente um sermão. Certamente, sem esses elementos estruturais, o gênero não acontece, enquanto evento comunicativo religioso. Nos sermões analisados neste trabalho, são perceptíveis todos esses elementos elencados, mesmo que só possam ser considerados na perspectiva de língua oral, o que não diminui, de forma alguma, o valor desses itens para a efetivação do gênero destacado.

Figueiredo *et al.* (2009) asseguram que o objetivo da pregação religiosa é fazer com que os fiéis da instituição destinatária sejam persuadidos. Para os autores, “o intuito da realização de pregações religiosas é, geralmente, o de

formar o caráter dos fiéis, mantê-los na comunidade, bem como converter aqueles que ainda não o são” (FIGUEIREDO *et al.*, 2009, p. 145). Para que esses objetivos sejam alcançados, é preciso que o sermão esteja bem organizado e que o orador seja habilidoso nas questões concernentes às artimanhas persuasivas para conseguir, por meio do discurso, conquistar a adesão do auditório.

Em um texto com fundamento religioso cristão, é necessário ter parâmetros e orientações para que a cristandade aceite e possa segui-los, mas também é de suma importância a narrativa histórica do Cristianismo encontrada na Bíblia, pois “ao lançar mão da palavra sagrada, o líder religioso confere maior credibilidade ao que diz, pois não fala por ele, como já explicitamos, mas sim em nome de um ser imaterial, dotado de verdade” (FIGUEIREDO *et al.*, 2009, p. 140).

Os caracteres apresentados mostram como se organiza o gênero discursivo sermão oral. Eles são elementos imbricados que efetivam o acontecimento do evento comunicativo religioso. Nesse percurso, surgem também os argumentos, que são utilizados por oradores religiosos cristãos como uma espécie de força persuasiva, cujo objetivo é fazer com que a cristandade aceite as proposições que lhe são apresentadas.

2.5 O gênero discursivo sermão oral e sua relação com os argumentos

Os quatro tipos de argumento foram teorizados, definidos e classificados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) em quatro tipos específicos: os quase lógicos, os baseados na estrutura do real, as ligações que fundamentam a estrutura do real e a dissociação das noções. Nesse sentido, cada argumento destacado possui ramificações, ou seja, subgrupos de outros argumentos específicos. Eles são considerados técnicas, artimanhas argumentativas²⁴ utilizadas por oradores para tentar persuadir determinados auditórios sociais (particulares e/ou universais). Assim sendo, como todos eles (os quatro tipos de argumentos retóricos) estão presentes nas análises realizadas neste trabalho, é necessário discorrer acerca de cada tipologia, bem como dos subgrupos, os

²⁴ Segundo Abreu (2009, p. 47), as técnicas argumentativas são os fundamentos que estabelecem a ligação entre as teses de adesão inicial e a tese principal.

quais, naturalmente, estão organizados dentro dos grandes grupos. Todos os argumentos estão a serviço dos oradores.

2.6 Os argumentos quase lógicos

Os argumentos quase lógicos se apresentam relativamente e têm a sua força persuasiva na relação próxima com os argumentos formais, com o prestígio do pensamento lógico. Pode-se, desse modo, inferir que esses argumentos não são necessariamente o que dizem ser, por isso, a ideia de incompletude, quase lógicos. É o esquema formal que sempre aparece na argumentação quase lógica, exemplificado no exemplo 2:

Exemplo 2:

[...] a gente precisa de paz... né... quando um país está em guerra a gente vê o tamanho do sofrimento das pessoas... bomba pra tudo quanto é lado... prédios destruídos gente sofrendo [...]

Fonte: *corpus* desta pesquisa.

Nesse exemplo, o orador utiliza a argumentação quase lógica, demonstrando que uma guerra provoca sérios malefícios a um país. Desse modo, os argumentos dessa tipologia não se baseiam na experiência, mas na demonstração. Mesmo assim, eles permitem a refutação, tendo em vista que não são puramente lógicos. A ideia indica a não concretude, por isso a possibilidade de refutação, mesmo que eles estejam amparados em fórmulas lógicas, como mostra o primeiro exemplo.

Este trabalho segue as conceituações de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) na sistematização da tipologia dos argumentos, embora faça remissões a Reboul (2004), Abreu (2009), Breton (1999), Ferreira (2015), Fiorin (2017), Santos (2018), entre outros.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958], p. 220), a argumentação quase lógica é caracterizada pelo caráter não formal e pelo esforço mental de que necessita sua redução ao formal. Assim, esse tipo de argumentação (quase lógica) “se apresentará de uma forma mais ou menos

explícita. Ora o orador designará os raciocínios formais aos quais se refere prevalecendo-se do pensamento lógico, ora estes constituirão apenas uma trama subjacente” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 220).

Nesse sentido, infere-se que a argumentação quase lógica tem a função de tornar os argumentos, na medida do possível, incontestáveis, aludindo aos raciocínios formais e matemáticos, que, aparentemente, não podem ser refutados e/ou contestados, visto que a sua natureza apresenta um caráter de exatidão e precisão. Desse modo, os argumentos quase lógicos, ao ancorarem-se nos postulados lógicos, geram confiança ao discurso proferido, no momento em que o orador argumenta perante um auditório particular e/ou universal. Entretanto, essa tipologia de argumentos não tem um valor conclusivo como o rigor da lógica.

Os argumentos quase lógicos se apresentam como incontestáveis numa argumentação. A precisão no momento da argumentação soa como se esses argumentos fossem exatos, visto que são considerados mais fortes do que os de qualquer oponente. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) atestam que os argumentos quase lógicos estão classificados em dez tipos: contradição e incompatibilidade, o ridículo e seu papel na argumentação, identidade e definição na argumentação, a regra de justiça, argumentos de reciprocidade, argumentos de transitividade, a inclusão da parte no todo, a divisão do todo em suas partes, argumentos de comparação e argumentação pelo sacrifício. É importante discorrer sobre cada um desses argumentos quase lógicos, mostrando como eles são conceituados pelos estudos da Nova Retórica.

O argumento da contradição e da incompatibilidade diz respeito aos argumentos que contrapõem duas situações semelhantes em que uma destrói a outra. Trata-se daquilo que gera inconsistência ao que foi enunciado, mostrando a fragilidade do discurso. Assim, “a incompatibilidade é sempre relativa a circunstâncias contingentes, sejam estas constituídas por leis naturais, fatos particulares ou decisões humanas” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 223).

O do ridículo e seu papel na argumentação ocorre quando uma situação irônica é criada, gerando tensões, conflitos. Nesse sentido, “o ridículo é aquilo que merece ser sancionado pelo riso [...] uma afirmação é ridícula quando entra em conflito, sem justificação, com uma opinião aceita” (PERELMAN; OLBRECHTS-

TYTECA, 2014 [1958], p. 233). Por meio desse argumento, qualquer orador pode condenar e/ou ironizar uma dada situação, pois esse argumento provoca uma quebra na argumentação.

O argumento da identidade e da definição na argumentação consiste no uso das definições, que podem ser: normativas, descritivas, de condensação, complexas. As definições normativas explicam a forma em que se quer que uma palavra seja utilizada; as definições descritivas indicam qual o sentido dado a uma palavra em um determinado momento de uso; as definições de condensação indicam elementos imprescindíveis da definição descritiva; e as definições complexas fazem uma combinação dos aspectos das três espécies precedentes (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 238-9).

O argumento da regra de justiça é o tipo de argumento que oferece um tratamento igualitário a aspectos de uma mesma situação. Desse modo, duas situações semelhantes precisam receber os mesmos valores. Por isso, “a regra de justiça requer a aplicação de um tratamento idêntico a seres ou a situações que são integrados numa mesma categoria” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 248).

O da reciprocidade é aquele em que duas situações não são tratadas de forma oposta, mas igualitária. A relação se dá de maneira simétrica, isto é, não há imposição, mas valores conjuntos e partilhados com o outro. Os argumentos de reciprocidade “visam aplicar o mesmo tratamento a duas situações correspondentes” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 250).

O argumento de transitividade almeja a determinadas situações como transitivas, pelo fato de a transitividade ser uma categoria formal de certas relações, o que autoriza passar da afirmação “de que existe a mesma relação entre os termos a e b e entre os termos b e c, à conclusão de que ela existe entre os termos a e c: as relações de igualdade, de superioridade, de inclusão, de ascendência são relações transitivas” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 257).

O argumento da inclusão da parte no todo acontece quando as especificidades caracterizadoras de um elemento são colocadas em sentido de ascendência, objetivando constituir o elemento maior. A importância que o todo possui em relação às partes gera uma espécie de dependência destas por ser a

arquitetura do todo. “Os argumentos derivados da inclusão da parte no todo permitem formular o problema de suas relações com os lugares da quantidade [...]” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 264), tendo em vista que o todo engloba as partes e configura-se hierarquicamente mais importante, ou seja, superior a elas.

O argumento da divisão do todo em suas partes indica a fragmentação do todo e ao mesmo tempo mostra a importância de suas partes para a sua constituição, numa relação de interdependência entre ambas (partes e todo). Diante disso, destaca-se que “para a utilização eficaz do argumento por divisão, a enumeração das partes tem de ser exaustiva [...]” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 266). Enquanto a inclusão caminha do menor para o maior, a divisão parte do maior para o menor.

O argumento de comparação é aquele em que se tem o confronto entre realidades opostas, a fim de equipará-las em alguns pontos específicos. A comparação é um argumento predominante na maioria dos discursos, visto que “a argumentação não poderia ir muito longe sem recorrer a comparações, nas quais se cotejam vários objetos para avaliá-los um em relação ao outro” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 274).

O do sacrifício também trata de um argumento de comparação, já que atesta o sacrifício a ser realizado para se conseguir algum objetivo específico. Assim sendo, “na argumentação pelo sacrifício, este deve medir o valor atribuído àquilo por que se faz o sacrifício” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 282), pois, às vezes, é preciso abdicar de algumas coisas para conquistar outras.

Os dez argumentos quase lógicos, elencados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) fornecem meios para tornar o discurso persuasivo, a partir do aspecto racional, visto que têm aparência de fórmulas matemáticas, lógicas. Esses dez argumentos quase lógicos estão a serviço de oradores que buscam convencer e persuadir determinados auditórios particulares e/ou universais.

O uso eficiente dos argumentos quase lógicos pode resultar numa possível adesão por parte daqueles que ouvem a argumentação. Diante disso, presume-se que, no gênero discursivo sermão oral, a utilização desses (e outros) argumentos não acontece de maneira inconsciente, mas sim com uma intencionalidade

previamente definida: persuadir o auditório, configurado por todos aqueles que ouvem o discurso religioso cristão.

2.7 Os argumentos baseados na estrutura do real

Os argumentos baseados na estrutura do real, diferentemente dos quase lógicos, não se apoiam na lógica, mas na realidade, nos fatos, nas experiências vividas e percebidas, para que o orador possa estabelecer relações com o seu auditório social. No exemplo 3, é possível observar o uso da argumentação baseada na estrutura do real:

Exemplo 3:

[...] e lembre-se quando fizestes a um destes pequeninos a mim o fizestes... não fazer nada por alguém meus irmãos... a sua religião não vale de nada... a verdadeira religião é isso cuidar dos órfãos e das viúvas [...]

Fonte: *corpus* desta pesquisa.

Nesse tipo de argumento, a ligação existente entre os diversos elementos da realidade permitem construir e proferir a argumentação. No terceiro exemplo, o orador utiliza uma paráfrase de um texto bíblico para dar autoridade ao discurso. Dessa maneira, “os argumentos fundamentados na estrutura do real valem-se dela para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 297). Nesse sentido, a realidade já existe e, nesse espaço, os argumentos estão disponíveis para uso do orador nas mais diversas situações argumentativas.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) catalogaram os argumentos baseados na estrutura do real em dezessete tipos específicos, a saber: o vínculo causal e a argumentação, o argumento pragmático, o vínculo causal como relação de um fato com sua consequência ou de um meio com um fim, os fins e os meios, o argumento do desperdício, o argumento da direção, a superação, a pessoa e seus atos, a interação entre o ato e a pessoa, o argumento de autoridade, as técnicas de ruptura e de refreamento opostas à interação ato-pessoa, o discurso como ato do orador, o grupo e seus membros, o ato e a

essência, a ligação simbólica, o argumento de hierarquia dupla, e argumentos concernentes às diferenças de grau e de ordem.

O argumento do vínculo causal e da argumentação diz respeito ao relacionamento sucessivo de dois acontecimentos sucessivos. Desse modo, “em virtude da intervenção do vínculo causal, visam, a partir de um dado acontecimento, a aumentar ou a diminuir a crença na existência de uma causa que o explicaria ou de um efeito que dele resultaria” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 300). Esse argumento permite explicar como dados acontecimentos possuem uma causa ou um efeito, engatilhados por acontecimentos anteriores.

O argumento pragmático é aquele que permite apreciar “um ato ou um acontecimento consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 303). Em vista disso, os efeitos de um determinado ato possui uma importância relevante para a ação efetuada, mostrando consequências presentes ou futuras. Esse argumento é muito utilizado por oradores que querem explicar determinadas práticas e as consequências boas ou não para os que as praticam.

O argumento do vínculo causal como relação de um fato com sua consequência ou de um meio com um fim é o argumento que mostra as diferenças de interpretações dos atos e de suas consequências. Em vista disso, “um acontecimento será interpretado, e valorizado diferentemente, conforme a ideia que se forma da natureza, deliberada ou involuntária, de suas consequências” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 308).

O argumento dos fins e dos meios é aquele que mostra os objetivos perseguidos e as técnicas empregadas para alcançá-lo. Por isso, “certos meios podem ser identificados a fins e podem mesmo tornar-se fins, deixando na sombra, no indeterminado, no possível, aquilo a que poderiam servir” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 312).

O argumento do desperdício evidencia o sacrifício inútil sobre uma determinada causa. “O argumento do desperdício consiste em dizer que, uma vez que já se começou uma obra, que já se aceitaram sacrifícios que se perderiam em caso de renúncia à empreitada, cumpre prosseguir na mesma direção” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 317).

O argumento da direção caracteriza-se pelos passos seguidos em direção a certos objetivos. “O argumento de direção consiste, essencialmente, no alerta contra o uso do procedimento das etapas: se você ceder desta vez, deverá ceder um pouco mais da próxima, e sabe Deus aonde você vai parar” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 321).

O argumento da superação mostra que sempre é possível ir adiante, superar as limitações. Por assim dizer, “os argumentos da superação insistem na possibilidade de ir sempre mais longe num certo sentido, sem que se entreveja um limite nessa direção, e isso com um crescimento contínuo de valor” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 327).

O argumento da pessoa e de seus atos é aquele que se caracteriza pelas atitudes, atos e ações das pessoas. “A construção da pessoa humana, que se vincula aos atos, é ligada a uma distinção entre o que se considera importante, natural, próprio do ser de quem se fala, e o que se considera transitório, manifestação exterior do sujeito” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 334).

O argumento da interação entre o ato e a pessoa visa mostrar que “a reação do ato sobre o agente é capaz de modificar constantemente a nossa concepção da pessoa, em se tratando de atos novos que lhe atribuímos ou de atos antigos aos quais nos referimos” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 337). Já o ato é “tudo quanto pode ser considerado emanção da pessoa, sejam eles ações, modos de expressão, reações emotivas, cacoetes involuntários ou juízos” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, [1958] 2014, p. 339).

O argumento de autoridade ocorre quando um nome de credibilidade é evocado durante a argumentação, transmitindo uma ideia de confiança, segurança para o auditório social. “O argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 348).

O argumento das técnicas de ruptura e de refreamento opostas à interação ato-pessoa acontece por meio da incompatibilidade entre a pessoa e o ato realizado. “As técnicas que rompem, ou que refreiam, a interação entre o ato e

a pessoa devem ser postas em ação quando existe uma incompatibilidade entre o que julgamos da pessoa e o que pensamos do ato” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 353).

O argumento do discurso como ato do orador aparece nas relações entre o ato e a pessoa. Desse modo, o discurso, como ato do orador, “merece atenção particular, tanto porque o discurso, para muitos, é a manifestação por excelência da pessoa, quanto porque a interação entre orador e discurso desempenha um papel muito importante na argumentação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 361).

O argumento do grupo e de seus membros é aquele argumento que se caracteriza por certos grupos nacionais, familiares, religiosos, profissionais, políticos, entre outros. “Os indivíduos influem sobre a imagem que temos dos grupos aos quais pertencem e, inversamente, o que achamos do grupo nos predispõe a certa imagem daqueles que dele fazem parte” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 366).

O argumento do ato e da essência é aquele que pode ser entendido como acontecimentos, seres, objetos, entre outros, que têm formas abrangentes no meio social. Dessa maneira, “a partir de um verbo, de um adjetivo ou de uma expressão que designa uma relação, a formar essências (‘o jogador’, ‘o patriota’, ‘a mãe’), características de certas classes de seres cujo comportamento elas explicam” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 373).

O argumento da ligação simbólica refere-se aos significados dos símbolos, ou seja, as representações que eles têm em diversos espaços sociais. Para que a ligação simbólica seja, de fato, efetivada “é preciso que símbolo e simbolizado estejam integrados numa realidade mítica ou especulativa, na qual participam um do outro” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 378).

O argumento de hierarquia dupla exprime um entendimento de proporcionalidade, direta ou inversa, ou ao menos uma relação entre termos. Esse argumento, muitas vezes, aparece implícito. “Com efeito, atrás de toda hierarquia vemos delinear-se outra hierarquia; esse recurso é natural e ocorre espontaneamente porque nos damos conta de que é assim que o interlocutor

decerto tentaria sustentar sua afirmação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 384).

O argumento concernente às diferenças de grau e de ordem indica as diferenças existentes entre termos. Considerações sobre a ordem mostram a oposição entre uma diferença de grau e uma diferença de natureza. Nesse sentido, o argumento “tem o efeito de minimizar as diferenças de grau, de igualar mais ou menos os termos que só diferem entre si pela intensidade e de acentuar o que os separa de termos de outra ordem” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 393).

O uso dos argumentos baseados na estrutura do real fornece ao orador várias possibilidades de tornar o discurso persuasivo. As ligações existentes entre os elementos da realidade contribuem para a consistência do fundamento da argumentação, visto que, como diz Reboul (2004), os argumentos baseados na estrutura do real já não se apoiam na lógica, mas na experiência, nos pontos de vista, nos elos reconhecidos entre as coisas, o que torna o discurso persuasivo.

2.8 As ligações que fundamentam a estrutura do real

Os argumentos deste terceiro tipo são aqueles que, mesmo sendo empíricos, não estão apoiados na realidade, na experiência, ao contrário, eles criam-na. Nesse sentido, o uso dos argumentos só pode acontecer quando o orador cria uma situação argumentativa e constrói o argumento desejado. É o que se pode ver no exemplo 4:

Exemplo 4:

[...] algumas pessoas têm vontade de fazer parte do povo de Deus mas quando observa a vida de algum membro aqui da igreja diz rapaz eu vou nada ser daquela igreja olha como aquela pessoa se comporta [...]

Fonte: *corpus* desta pesquisa.

Por meio da argumentação que funda a estrutura do real, o orador cria uma determinada situação ainda não existente. No exemplo acima, comprova-se a importância dessa tipologia argumentativa para criar uma possível aceitação dos

fatos evocados. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) classificaram esses argumentos em sete tipos específicos: argumentação pelo exemplo, a ilustração, o modelo, o antimodelo, o ser perfeito como modelo, a analogia e a metáfora.

O argumento pelo exemplo é aquele que permite uma generalização de um caso particular, a fim de confirmar uma regra. No argumento pelo exemplo, o uso da linguagem é parte imprescindível da argumentação. Por isso, “quando dois fenômenos são subsumidos sob um mesmo conceito, a assimilação deles parece resultar da própria natureza das coisas, ao passo que a diferenciação deles parece necessitar de uma justificação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 406).

O argumento da ilustração acontece quando um orador complementa e embasa uma ideia postulada e aceita pela maioria, com o objetivo de reforçá-la “fornecendo casos particulares que esclarecem o enunciado geral, mostram o interesse deste através da variedade das aplicações possíveis, aumentam-lhe a presença na consciência” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 407).

O argumento do modelo transcende ao argumento do exemplo, visto que incentiva algo como digno de imitação. Nesse sentido, pessoas, grupos, comunidades, entre outros, podem servir de modelos, desde que os atos sejam plausíveis. “O valor da pessoa, reconhecido previamente, constitui a premissa da qual se tirará uma conclusão preconizando um comportamento particular. Não se imita qualquer um; para servir de modelo, é preciso um mínimo de prestígio” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 414).

O argumento do antimodelo é aquele cujo sentido, muitas vezes de forma emotiva, é naturalmente contrário do modelo a ser seguido, pois se procura evitar. “Se a referência a um modelo possibilita promover certas condutas, a referência a um contraste, a um antimodelo permite afastar-se delas” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 417).

O argumento do ser perfeito como modelo ocorre quando uma pessoa é considerada perfeita, digna de imitação por todos os homens. No contexto do Cristianismo, Jesus Cristo ocupa essa categoria. Diante disso, depreende-se que o ser perfeito serve mais do que “qualquer outro modelo e a essa adaptação porque, por sua própria qualidade e por essência, ele tem algo de inapreensível,

de desconhecido e porque, de outro lado, ele não vale somente para um tempo e um lugar” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 423).

O argumento da analogia é aquele que se caracteriza por criar uma estrutura do real que permita relacionar duas situações. A “analogia faz parte de uma série, identidade-semelhança-analogia, da qual constitui o elemento menos significativo. Seu único valor seria possibilitar a formulação de uma hipótese que seria verificada por indução” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 423).

O argumento da metáfora é entendido como uma condensação da analogia. A metáfora, como argumento, é, sem dúvida, um dos elementos que mais bem cria a estrutura do real. “Não poderíamos, neste momento, descrever melhor a metáfora do que a concebendo, pelo menos no que tange à argumentação, como uma analogia condensada” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 453).

Os argumentos que fundamentam a estrutura do real não existem previamente, mas são criados em momento de necessidade argumentativa por parte do orador. Diante disso, do mesmo modo que os argumentos dos dois primeiros grupos (quase lógicos e baseados na estrutura do real), os que fundam são aqueles que estão à disposição para serem utilizados na argumentação, isto é, para que qualquer orador possa utilizá-los no discurso retórico, visando à persuasão daqueles que prestam atenção ao discurso proferido. Os argumentos funcionam como artimanhas, técnicas de persuasão.

2.9 A dissociação das noções

Dos quatro tipos de argumento da Nova Retórica, a dissociação das noções é a última tipologia encontrada em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) e tem como objetivo dissociar as noções em pares distintos, entendidos como aparência/realidade, meio/fim, ato/pessoa, teoria/prática, individual/universal, entre outros. No exemplo a seguir, tem-se a presença do argumento por dissociação das noções, sendo utilizado, no exemplo 5, a partir do uso do par guerra/paz.

Exemplo 5:

[...] prédios destruídos gente sofrendo... gente angustiada... GUerra que seria o antônimo de PAZ... nossa... é a ausência de paz é:: desesperador... leva ao sofrimento angústia [...]

Fonte: *corpus* desta pesquisa.

Neste exemplo, o orador apresenta algumas características de uma guerra e depois mostra que a paz é justamente seu contrário. Assim, trata-se de um método de reenquadramento do real que, a partir de uma noção que remete habitualmente a um único universo, permite rompê-lo e gerar dois universos totalmente opostos e/ou distintos (BRETON, 1999).

O argumento por dissociação das noções é diferente dos outros três tipos de argumento pelo fato de os outros associarem as ligações e este dissociar as noções, separando ideias que aparecem em pares hierarquizados. Desse modo, o argumento em destaque fornece subsídios para resolver as incompatibilidades existentes no discurso e para organizar uma possível visão coerente da realidade, mas de maneira dicotômica.

Após a operação de dissociação, provavelmente, a ideia que não tinha espaço para ser aceita em um primeiro momento, estará coerente com uma visão de mundo. De acordo com Breton (1999), o argumento por dissociação autoriza que se quebre a unidade, as noções mais rígidas, promovendo, desse modo, uma maior flexibilidade para o entendimento do real.

A dissociação das noções pressupõe a unidade primitiva dos elementos confundidos no seio de uma mesma concepção, designados por uma mesma noção. “A dissociação das noções determina um remanejamento mais ou menos profundo dos dados conceituais que servem de fundamento para a argumentação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014 [1958], p. 467-8).

Por meio dos quatro tipos de argumento, oradores religiosos cristãos podem criar discursos convincentes e persuasivos, almejando conquistar a adesão daqueles que compõem o auditório social. Para uma visualização objetiva dos quatro grupos de argumento teorizados e de suas especificidades conceituais, tem-se o seguinte quadro síntese a seguir:

TIPOLOGIA DOS ARGUMENTOS	CARACTERÍSTICAS
<p>QUASE LÓGICOS</p> <p>Incompatibilidade; Ridículo; Definição; Regra de justiça; Reciprocidade; Transitividade; A inclusão da parte no todo; A divisão do todo em suas partes; Comparação; Sacrífico.</p>	<p>Possuem raciocínios formais, cuja estrutura não se baseia na experiência, mas na demonstração. Mesmo assim, como qualquer outro tipo argumento, podem ser refutados.</p>
<p>BASEADOS NA ESTRUTURA DO REAL</p> <p>Vínculo causal; Pragmático; Vínculo de um meio com um fim; Os fins e os meios; Desperdício; Direção; Superação; A pessoa e seus atos; Interação entre o ato e a pessoa; Autoridade; As técnicas de ruptura entre ato-pessoa; O discurso como ato do orador; O grupo e seus membros; O ato e a essência; A ligação simbólica; Hierarquia dupla; Diferenças de grau e ordem.</p>	<p>Diferentemente do primeiro grupo de argumentos, este não se baseia na lógica ou na demonstração, mas sim nas experiências vividas e compartilhadas. Os pontos de vista, as opiniões são elementos em que se dá o uso dos argumentos persuasivos. A realidade está posta, cabe ao orador selecionar os argumentos que melhor persuadem.</p>
<p>AS LIGAÇÕES QUE FUNDAMENTAM A ESTRUTURA DO REAL</p> <p>Exemplo; Ilustração; Modelo; Antimodelo; O ser perfeito como modelo; Analogia; Metáfora.</p>	<p>Apesar de serem empíricos, esses argumentos não estão baseados na realidade, mas criam-na. Ao utilizar esses argumentos, o orador precisa, previamente, criar a realidade e/ou situação argumentativa.</p>
<p>A DISSOCIAÇÃO DAS NOÇÕES</p> <p>Aparência/realidade; Meio/fim; Pluralidade/unidade; humano/divino; Corpo/alma; Opinião/ciência; Universal/individual; Abstrato/concreto.</p>	<p>Esses argumentos procuram solucionar as diferenças, incompatibilidades do discurso, tendo em vista que, sem diferenças, não há Retórica, tampouco uso de argumentos persuasivos.</p>

Quadro 3: Síntese da tipologia dos argumentos.

Fonte: adaptação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]).

Todos esses argumentos postulados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]) estão à disposição do orador para que possa utilizá-los com fins persuasivos no discurso. As diferenças entre os quatro tipos de argumento são importantes aspectos e precisam ser levados em consideração durante a leitura retórica de um texto oral e/ou escrito. Por meio dos encadeamentos desses argumentos, qualquer orador pode persuadir seu auditório. Além disso, a escolha recorrente de um ou outro tipo de argumento pode revelar se o orador caminhou pela logicidade, realidade, criação da realidade ou dissociação das noções. Essas

informações são imprescindíveis para o entendimento das práticas argumentativas, como é possível observar na próxima seção, ou seja, nas análises deste trabalho.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DO TRABALHO E AS ANÁLISES

A metodologia adotada neste trabalho está fundamentada na própria teoria estudada, análise retórica, segundo a qual os dados orais foram obtidos, transcritos, descritos, interpretados e analisados a partir das categorias providas da Nova Retórica. Assim, o trabalho seguiu a abordagem qualitativa, com um olhar descritivo-interpretativista, de maneira processual, para a análise do objeto de estudo. Defende-se a ideia de que a pesquisa qualitativa é a abordagem que mais bem se adequa para o tipo de estudo desta investigação científica.

O olhar descritivo acontece porque a pesquisa qualitativa também busca descrever as informações que cercam o objeto investigado. A descrição, em pesquisa qualitativa, tem como principal objetivo mostrar as características de determinado fenômeno.

A interpretação também está inclusa nesse intrincado jogo metodológico, uma vez que proporciona o entendimento e fornece explicações acerca do sentido das informações adquiridas ao longo do processo, pois “descrever é narrar o que acontece; explicar é dizer por que acontece [...] e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los” (RAMPAZZO, 2005, p. 56). Nesse sentido, a descrição, a explicação e a interpretação formam uma tríade de sustentação da pesquisa de abordagem qualitativa neste trabalho.

Nessa perspectiva, a abordagem da pesquisa qualitativa procura enfatizar o processo e não o produto dos dados investigados. Não há, no processo da pesquisa qualitativa, o interesse por razões numéricas (dados quantitativos), mas sim pela qualidade dos dados que o pesquisador empiricamente coletou, descreveu, interpretou, explicou e analisou a partir da teoria estudada.

O trabalho segue os caminhos qualitativos para o tratamento dos dados obtidos. Naturalmente, por razões teóricas e preferíveis, não recorreu aos métodos quantitativos para analisar as informações coletadas durante o processo de investigação. Tem-se o entendimento de que “a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais” (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002, p. 23).

O que se fez neste trabalho foi analisar como oradores religiosos cristãos fizeram uso do discurso para persuadir o auditório social. Na perspectiva da

abordagem qualitativa, o pesquisador tem como objetivo aprofundar-se “na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação” (GUERRA, 2014, p. 11).

Os princípios norteadores da pesquisa qualitativa apresentados por Flick (2009) permitem ao pesquisador enquadrar o objeto teórico, a fim de determinar as descobertas e os possíveis questionamentos surgidos. Além desses fatores, surge a necessidade de o pesquisador se filiar a uma corrente teórica, neste caso, a análise retórica, para realizar as análises do objeto em estudo. É a teoria adotada que vai mostrar como o fenômeno investigado acontece em um determinado contexto.

Dessa maneira, os critérios da abordagem qualitativa mostram se as descobertas estão fundamentadas no material empírico ou se os métodos utilizados pelo pesquisador foram selecionados e aplicados de forma adequada, tanto na relevância das descobertas quanto na reflexividade dos procedimentos (FLICK, 2009, p. 24).

Oliveira (2010, p. 22) afirma: “fazer pesquisa qualitativa é analisar e interpretar os dados, refletir e explorar o que eles podem propiciar buscando regularidades para criar um profundo e rico entendimento do contexto pesquisado”. O pesquisador, na abordagem qualitativa, permanece inserido durante todo o processo.

Assim, ele “faz parte da pesquisa, e é o primeiro instrumento da pesquisa. Quando o pesquisador entra em campo para pesquisar ele traz consigo toda uma bagagem intelectual e experiência de vida” (OLIVEIRA, 2010, p. 22). Essa aproximação do objeto investigado com o pesquisador e vice-versa, permite ao próprio pesquisador descrever e explicar o problema investigado de maneira a esclarecer o porquê de o fenômeno acontecer.

Por a pesquisa qualitativa fornecer os elementos elencados anteriormente (descrição, interpretação, explicação etc.), justifica-se a escolha dessa abordagem para conduzir os passos metodológicos deste trabalho. Os dados são dinâmicos, reais, e os informantes são pessoas que agiram espontaneamente,

entre outros aspectos que confirmam a razão pela qual foram seguidos os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa.

3.1 As características da pesquisa qualitativa

Este trabalho utilizou-se dos postulados da pesquisa qualitativa para escolher, adquirir, selecionar, interpretar, explicar e analisar as informações adquiridas durante todo o processo de investigação empírica.

No primeiro momento, a escolha do objeto não se deu de qualquer maneira, mas sim de modo sistemático. Procurou-se uma temática que carregasse em si aspectos da originalidade²⁵; além disso, como se trata de uma pesquisa qualitativa, a ênfase foi dada ao “estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida” (FLICK, 2009, p. 20).

Assim, o homem, enquanto produtor de sentidos, não é passivo, mas “interpreta o mundo em que vive continuamente. Esse ponto de vista encaminha os estudos que têm como objeto os seres humanos aos métodos qualitativos” (OLIVEIRA, 2008, p. 2). Desse modo, o objetivo é estudar o homem enquanto produtor de sentidos nas relações sociais, mais especificamente no domínio religioso cristão.

Nesse sentido, entende-se que a abordagem qualitativa focaliza o cenário em que o fenômeno acontece: o espaço social, o tempo, as atitudes das pessoas etc. tudo isso são características essenciais do fazer qualitativo.

Embora Triviños (1987) também apresente as etapas e/ou operações do fazer pesquisa qualitativa, optou-se, neste trabalho, por Bogdan e Biklen (1994, p. 47-50), ao apresentarem as seguintes operações:

- Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.
- A investigação qualitativa é descritiva.
- Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.
- Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.
- O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

²⁵ Optou-se pela escolha do gênero discursivo sermão oral como objeto de análise deste trabalho pelo fato de o citado gênero ainda não ter sido estudado à luz da Nova Retórica, na modalidade de língua oral, em denominações religiosas cristãs, em diferentes cidades no agreste de Alagoas.

Na primeira característica, é possível inferir que os pesquisadores qualitativos vão a campo, no local em que o fenômeno investigado acontece. Na segunda característica, tem-se a descrição como centro da pesquisa qualitativa, porque os dados recolhidos para as análises não são números, mas sim notas de campo, transcrições de entrevistas, áudios, textos, imagens, entre outros. Na terceira característica, é possível entender que o produto final não é o foco da pesquisa qualitativa.

Na quarta característica, o método de pesquisa qualitativa é a indução, pois é o próprio fenômeno que mostra como se dá o processo do acontecimento. Na quinta e última característica, o foco principal é entender como as pessoas dão sentido aos eventos realizados; o pesquisador dá sentido e interpreta os significados dos dados analisados.

As etapas da pesquisa qualitativa seguem o princípio de escolher um problema e se debruçar sobre ele a fim de conseguir respostas ou novas inquietações. Após todos os passos da abordagem processual, é possível entender como determinado fenômeno acontece em um contexto específico.

3.2 O universo da pesquisa

Este trabalho tem como universo da pesquisa o domínio discursivo religioso cristão, espaço em que há um agrupamento de gêneros discursivos, como a cerimônia batismal, a oração, a reza, a prece, a homilia, a benção, entre outros gêneros (MARCUSCHI, 2008). É nesse espaço discursivo em que também está inserido o gênero sermão oral, sendo ele próprio o objeto de investigação deste trabalho.

Por discurso toma-se, neste trabalho, a ideia de uma “produção verbal, escrita ou oral que tenha começo e fim e apresente certa unidade de sentido” (REBOUL, 2004, p. XIV). Partindo desse entendimento de discurso, tem-se que o sermão oral é um gênero do discurso religioso, na modalidade de língua oral, e que acontece em instituições religiosas cristãs. Marcuschi (2008) afirma que o sermão pertence ao domínio discursivo religioso e que está inserido nos textos predominantemente orais.

O problema da pesquisa norteou o estudo do gênero sermão oral, assim enunciado: por o gênero discursivo sermão oral ser um gênero inserido entre os persuasivos, quais argumentos são utilizados por oradores religiosos cristãos do agreste alagoano para persuadir o auditório social?

O trabalho teve por base teórica os seguintes autores: Aristóteles (2011), Abreu (2009), Fiorin (2017), Ferreira (2015), Meyer (2007), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), Reboul (2004), Santos (2018), entre outros. Depois da leitura e fichamento dos textos, escolheu-se, aleatoriamente, 5 (cinco) denominações religiosas cristãs, localizadas em 5 (cinco) cidades do agreste de Alagoas para a coleta dos dados orais. Foram gravados em áudio 5 (cinco) sermões orais, produzidos por 5 (cinco) líderes e/ou chefes religiosos das referidas instituições cristãs, tudo mantido no anonimato ético. O procedimento para a constituição do *corpus* de análise foi realizado durante 2 (dois) meses, entre 10/06/2018 e 10/08/2018.

Em seguida, o pesquisador, com os dados orais coletados e seguindo as normas de Marcuschi (2003), procedeu à transcrição de todo o material colhido nas instituições religiosas cristãs. Foram selecionados e delimitados os dados coletados. Os 5 (cinco) sermões transcritos foram escolhidos com base na fundamentação teórica do trabalho, sendo selecionados, aleatoriamente, apenas 3 (três) sermões²⁶, destacando, com base no sistema retórico, de cada sermão oral apenas o início (exórdio), o meio (narração/confirmação) e o fim (peroração), ficando assim 3 (três) fragmentos selecionados, totalizando 9 (nove) momentos retóricos de análise.

O gênero sermão oral é o principal veiculador da mensagem da religião cristã e os líderes religiosos se servem dos argumentos para persuadir o auditório social, constituído pelos membros das denominações, bem como outros possíveis convidados no momento da pregação do sermão oral.

A aquisição do *corpus* se deu de forma espontânea, já que todos os oradores religiosos cristãos agiram comumente durante a proferição de cada sermão oral gravado em áudio. Depois desse percurso metodológico, ocorreram a

²⁶ Posteriormente, em um possível trabalho de doutoramento, todo o *corpus* poderá ser analisado de acordo com as pretensões de uma nova pesquisa de base retórico-discursiva numa perspectiva etnográfica.

identificação, a análise e a interpretação das categorias retóricas (argumentos, lugares da argumentação) presentes nos 9 (nove) fragmentos selecionados.

3.3 A pesquisa qualitativa com análise retórica

Os princípios norteadores da pesquisa qualitativa, neste trabalho, se voltam à “maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros” (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002, p. 21). Ainda nessa perspectiva, é possível encontrar recomendações teóricas acerca da análise retórica em gêneros discursivos.

A análise retórica acontece processualmente, porque estuda a realidade vivida por atores sociais, imersos em um contexto em que eles mesmos atuam cotidianamente. Nesse sentido, os informantes deste trabalho exercem atividades que eles fazem comumente, e o próprio contexto de pesquisa não foi alterado, tudo estava naturalmente organizado quando os dados foram coletados.

O próprio ser humano é o objeto pesquisado nesse tipo específico de pesquisa. O comportamento humano e suas relações sociais são alvo das pesquisas de abordagem qualitativa. Neste trabalho, também se busca estudar as relações humanas, mais especificamente como os informantes utilizaram o discurso, num contexto específico, para encadear sequências argumentativas com o objetivo de persuadir o auditório.

No tocante à análise retórica propriamente dita, o ponto de início precisa ser o contexto em que o gênero discursivo acontece. Conforme pontua Leach (2002, p. 296), “o contexto do discurso deve ser o primeiro ponto a ser levado em consideração ao se embarcar em uma análise retórica, seja ao escolher um discurso oral, uma imagem ou um documento escrito”.

A análise retórica está voltada às artimanhas da persuasão, isto é, aos elementos que são utilizados por oradores para persuadir o auditório social. O sermão oral, objeto investigado neste trabalho, pertence a esse espaço marcadamente persuasivo. Além de ser um gênero da oralidade (a ênfase da Retórica era a oralidade na Antiguidade), ele é dotado de aspectos que contribuem para a eficácia comunicativa e principalmente persuasiva.

Diante disso, o principal objetivo da análise retórica é estudar como acontece a persuasão e como oradores utilizam os recursos retóricos no discurso para que isso possa acontecer. No sermão oral, é possível perceber como os argumentos são utilizados por oradores religiosos cristãos para fins persuasivos. Por isso, a análise retórica se presta ao estudo pormenorizado do discurso retórico, este podendo estar configurado em textos orais e/ou escritos devidamente situados em um contexto sociocomunicativo.

Conforme os direcionamentos de Leach (2002) é possível perceber alguns pilares para se realizar uma análise de linha retórica. O primeiro deles é o orador. O analista retórico precisa estudar como o orador lança mão dos argumentos para persuadir o seu auditório social. Além disso, precisa verificar se o orador constrói uma imagem (*ethos*) agradável e de que maneira transmite confiança para o auditório social.

O segundo aspecto é o próprio discurso, entendido como a argumentação propriamente dita (REBOUL, 2004). No caso do gênero sermão, o discurso é oral, e isso possibilita uma proximidade ainda maior entre o orador e o auditório presente. Diante disso, os desempenhos predominantemente orais “têm uma característica própria: seu público é próximo e, de algum modo, mais identificável. Os textos e formas de comunicação de massa, contudo, não estão em uma relação semelhante a um público próximo e identificado” (LEACH, 2002, p. 300).

A análise retórica é contextualizada, não acontece de qualquer maneira. Por isso, “o poder da análise retórica é sua proximidade, sua habilidade de falar sobre o particular e o possível” (LEACH, 2002, p. 298). A partir do discurso, o orador pode recorrer a inúmeros recursos provindos da Retórica para tentar persuadir o auditório social. Estudar como isso acontece é o principal objetivo e/ou tarefa da análise retórica, numa linha processual.

O terceiro pilar da análise retórica é o auditório, aquele que está à mercê do discurso do orador, a exemplo do sermão oral. É comum o auditório não se posicionar durante a celebração religiosa cristã, cabendo-lhe apenas ouvir a proferição do orador. No entanto, o auditório é o público-alvo da argumentação. Durante a análise retórica, o analista precisa ter um olhar aguçado para o auditório, observando aspectos como: auditório particular, auditório universal,

auditório constituído de um único sujeito, entre outras características imprescindíveis para o exercício de análise retórica.

Orador, discurso e auditório constituem a tríade argumentativa da Retórica. “A análise retórica incorpora os ‘três mosqueteiros’ da persuasão: o *logos*, o *pathos* e o *ethos*” (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002, p. 28). Uma análise que não contemple esses três meios de persuadir, possivelmente, não terá resultados convincentes acerca da teoria em destaque.

Confirmando esse entendimento, Leach (2002) destaca que *ethos*, *pathos* e *logos* são ingredientes fundamentais para explorar o contexto de uma análise retórica, razão por que essa tríade usa muitas vezes argumentos que persuadem o leitor/ouvinte, como é possível constatar neste trabalho.

Além de a análise retórica ser uma análise do discurso (retórico), ela pode ser considerada como uma análise da interpretação (hermenêutica) dos discursos que visam à persuasão, pelo fato de se deter em observações pormenorizadas dos aspectos que circundam o fenômeno investigado. Por esses e outros motivos, concorda-se com a ideia de que “a análise retórica é uma arte interpretativa” (LEACH, 2002, p. 308).

A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa de abordagem qualitativa com princípios da análise retórica, foi possível estudar o gênero discursivo sermão oral e entender como acontece no domínio discursivo religioso cristão e, principalmente, verificar como oradores religiosos (pastores) conseguem persuadir seu auditório social (cristandade) pelo habilidoso emprego dos argumentos retóricos e persuasivos. Logo, as categorias escolhidas para o empreendimento das análises foram os quatro tipos de argumento e os lugares da argumentação.

3.4 Análises dos momentos retóricos

A seguir, serão analisados 9 (nove) momentos retóricos que se constituem como fragmentos do *corpus* deste trabalho. Esses dados foram escolhidos aleatoriamente para o estudo das técnicas argumentativas (argumentos, lugares da argumentação) de oradores religiosos cristãos do agreste de Alagoas. A

seguir, as análises mostrarão como as artimanhas persuasivas estão dispostas no gênero discursivo sermão oral.

3.4.1 Análise do momento retórico 1

No domínio religioso cristão, em que acontece o gênero sermão oral, há uma organização previamente elaborada para que cada pessoa possa saber o seu momento de fala durante a celebração cristã (ato ritualístico). O orador, configurado pelo líder religioso da instituição (pastor), ocupa o principal papel, pois a ele é delegada a função de ser o porta-voz da mensagem sacra.

Ao auditório compete apenas ouvir atenciosamente a pregação, podendo se manifestar, raramente, apenas ao ser convidado pelo orador. Assim sendo, orador e auditório estão em posições hierárquicas diferentes, caracterizando, assim, uma relação de assimetria em que o primeiro (orador) domina o discurso em detrimento do segundo (auditório).

Este primeiro momento retórico faz parte do sermão intitulado “*A vida dos cristãos*”, que foi proferido durante uma celebração religiosa numa denominação cristã do agreste alagoano. A pregação religiosa ocorreu nas dependências da própria denominação, e o orador é o líder (pastor) da referida instituição. É o líder religioso quem domina a principal parte da celebração cristã (o próprio sermão) e é ele quem se dirige ao auditório, transmitindo as mensagens e as informações consideradas como algo divino, sagrado. Diante disso, o objetivo do sermão oral é mostrar para a cristandade as possíveis vontades divinas para que o auditório presente as coloque em prática.

Nesse sentido, o meio pelo qual o orador se comunica com o auditório é a própria voz, o discurso (*logos*), ou seja, trata-se de uma conversação face a face, porém monologizada pela assimetria. O orador está de frente para o auditório, ambos se conhecem e se prepararam previamente para estarem toda semana na instituição religiosa. É um espaço público onde qualquer pessoa pode frequentar, por isso a necessidade de o orador ser ético, agradável e, sobretudo, expressar confiança e benevolência para o seu auditório social.

Inicialmente, é possível perceber que o orador domina o discurso, confirmando a ideia de que o sermão oral é um gênero em que a relação

assimétrica está presente de maneira acentuada. Desse modo, o excerto a seguir aborda, primeiramente, a soberania da palavra de Deus em detrimento a qualquer outra palavra. O orador procura mostrar que não importa a pessoa que transmite a mensagem divina, mas o que realmente interessa é o conteúdo da mensagem que for transmitido. Desse modo, qualquer pessoa (letrada ou iletrada), segundo o orador, pode proferir a referida mensagem.

Ademais, o sermão encaminha-se para uma exposição em favor das atribuições da divindade cristã e como a referida deidade atua sobre as pessoas e a natureza. Para sustentar a argumentação e tentar persuadir o auditório social, o orador recorreu a uma série de categorias provindas da Retórica. É o que se pode ver a seguir neste primeiro momento retórico, configurado como o exórdio, ou seja, início do sermão oral.

E hoje nós temos aqui uma mensagem da palavra de Deus uma mensagem muito importante como todas as mensagens da palavra de Deus possa ser/mesmo que venha ser pregada por uma criança ou por um senhor de idade ou por uma senhora é:: não importa a cor não importa a idade não importa a pessoa que pregue a mensagem da palavra de Deus... com certeza vai ser de grande valia para o crescimento espiritual de todos... amém? Deus... ele age em todos por todos e por meio de todos... então não importa a pessoa que está aqui na frente ministrando a palavra o que importa é a palavra que está sendo ministrada porque essa palavra é a palavra de Deus... a palavra é a palavra de Deus... então Deus fala através de sua palavra... Deus fala também através da natureza os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos...

Fonte: *corpus* desta pesquisa.

O orador começa o sermão oral utilizando um argumento (baseado na estrutura do real) de autoridade para validar o seu discurso. Logo de início, o orador encadeia o seguinte posicionamento: “...e hoje nós temos aqui uma mensagem da palavra de Deus uma mensagem muito importante como todas as mensagens da palavra de Deus...”. É possível observar que o orador recorre à autoridade, neste caso à Bíblia, para justificar a sua argumentação.

Por ser uma mensagem da “*palavra de Deus*”, compreende-se que o discurso ganha credibilidade e confiança (constitui-se o *ethos*) por parte do auditório, já que este possivelmente concorda que tal livro seja realmente a “*palavra de Deus*”, pois há um acordo prévio entre orador e auditório. Desse

modo, infere-se que a pregação não se dá em torno de qualquer livro, mas em torno de uma autoridade no mundo cristão, ou seja, *“da palavra de Deus”*.

Prosseguindo a pregação religiosa cristã, o orador vai colocando os argumentos com vistas a persuadir o auditório em destaque. Ao continuar falando acerca da importância da mensagem divina, o orador mostra que o ministrante da *“palavra de Deus”* pode ser qualquer pessoa, independente da idade, escolaridade, sexo etc.

O orador encaixa a seguinte afirmativa: *“mesmo que venha ser pregada por uma criança ou por um senhor de idade ou por uma senhora é:: não importa a cor não importa a idade não importa a pessoa que pregue a mensagem da palavra de Deus...”*. O orador utiliza-se do argumento (quase lógico), a inclusão das partes no todo para justificar quem pode proferir o discurso religioso. Verifica-se isso porque o orador começa falando das crianças e vai até os adultos.

Essas especificidades de um todo, isto é, pessoa (criança, senhor e senhora) mostram que o argumento não está posto por acaso, mas intencionalmente, tentando persuadir o auditório. Mais adiante, o orador recorre a uma pergunta retórica, a fim de obter a confirmação do auditório, ao dizer: *“com certeza vai ser de grande valia para o crescimento espiritual de todos... amém?”*. Verifica-se que o orador não permite a resposta do auditório, deixando transparecer a ideia de que apenas ele (orador) possui o direito do discurso.

Ao se referir à amabilidade divina para com os homens, o orador traz ao seu discurso uma ideia de amplitude em que a divindade não faz seleção de uns e rejeição de outros. Para reforçar esse entendimento e fazer com que o auditório aceite a essa proposição, o orador faz uso do argumento (quase lógico) denominado regra de justiça, em que um mesmo princípio deve ser aplicado a duas situações semelhantes.

O orador diz: *“Deus... ele age em todos por todos e por meio de todos...”*. Neste trecho destacado, é possível observar que o orador transmite uma mensagem com o sentido de que Deus engloba tanto aqueles que o seguem, quanto aqueles que não o seguem. O discurso é colocado com um objetivo de agregar e persuadir todos quantos estão presentes no momento da argumentação. Então, o argumento colocado possui uma valoração de justiça, mas também de agregação, inclusão.

Novamente, o orador ratifica a importância da “*palavra de Deus*” diante de todos aqueles que compõem o auditório. Verifica-se isso quando o orador afirma: “...*então não importa a pessoa que está aqui na frente ministrando a palavra o que importa é a palavra que está sendo ministrada porque essa palavra é a palavra de Deus...*”. Dessa vez, é possível perceber que o orador faz uso do lugar da qualidade, pois ao proferir tal discurso ele coloca a “*palavra de Deus*” como algo único, raro, capaz de ela mesma, sozinha, realizar ações, pois, repita-se: não se trata de qualquer palavra, mas unicamente da “*palavra de Deus*”.

Ao utilizar o lugar retórico da qualidade para argumentar, o orador mostra mais uma vez que a “*palavra de Deus*” se impõe em detrimento a qualquer outro tipo de palavra existente. É possível entender que a palavra divina possui mais qualidade do que qualquer outra e, desse modo, ocupa um lugar original, de destaque, opondo-se a tudo aquilo que é comum.

Aproximando-se da parte final desse primeiro momento retórico, o orador também utiliza, no mesmo excerto anterior, um argumento (baseado na estrutura do real) intitulado a pessoa e seus atos. Ao proferir “*então não importa a pessoa que está aqui na frente ministrando a palavra o que importa é a palavra que está sendo ministrada...*” o orador mostra mais uma vez que não interessa a pessoa em si, mas na verdade o que interessa é tudo aquilo que ela vai fazer, dizer.

Assim, qualquer um pode passar essa mensagem, desde que ela esteja de acordo com os preceitos da “*palavra de Deus*” e que não venha a contradizer as convicções preestabelecidas da cristandade. Nesse sentido, dá-se importância ao ato de ministrar a “*palavra de Deus*”. A manifestação exterior, tudo aquilo que emana da pessoa é tido como importante, visto ser ela responsável por repassar uma mensagem sagrada perante um auditório conhecido e/ou particular.

Na última parte deste primeiro excerto, o orador recorre a uma figura retórica²⁷ (personificação) para mostrar como a divindade se manifesta perante os aspectos naturais. O orador encadeia a seguinte assertiva: “*Deus fala também através da natureza os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos...*”.

²⁷ As figuras retóricas não foram teorizadas neste trabalho pelo fato de não serem o foco principal de análise. Mesmo assim, pela importância que exercem e pelo seu aparecimento de forma acentuada no *corpus*, é impossível deixar de mencioná-las quando aparecem nos fragmentos analisados.

O recurso à figura retórica – personificação – é estratégico por parte do orador e é construído com o objetivo de suscitar a emoção do auditório (*pathos*). Além disso, por meio desta figura retórica (personificação), é possível também entender que o orador mostra como ocorrem as manifestações da divindade cristã. Uma natureza que serve como porta-voz de um ser espiritual; céus que falam; um firmamento que enuncia.

Todos esses caracteres personificam o discurso proferido. Diante disso, o orador busca incessantemente despertar sentimentos, paixões (*pathos*) em um auditório que talvez esteja propenso a ser persuadido pelo discurso do orador que cria a imagem de um *ethos* persuasivo.

3.4.2 Análise do momento retórico 2

Este segundo momento retórico refere-se à narração/confirmação do sermão oral intitulado “*A vida dos cristãos*”, que foi proferido durante uma celebração religiosa numa denominação cristã do agreste alagoano. Por causa disso, o orador continua abordando a temática dos cristãos e para isso utiliza-se de recursos retóricos (argumentos, lugares, figuras). Neste fragmento específico, o orador procura classificar os cristãos por denominação religiosa e esclarecer que os cristãos precisam ser parecidos com o fundador do Cristianismo (Jesus). É o que se pode ver a seguir:

Cristão não está se referindo apenas a vamos imaginar uma denominação religiosa por exemplo os católicos os evangélicos os assembleianos o pessoal da congregação ou nós X... cristão é todo aquele que confessar crer em Jesus Cristo né... quem tem Jesus como o pai do cristianismo a razão da sua fé... então também posso enquadrar nós como cristãos amém? os católicos são cristãos não é... os assembleianos são cristãos o pessoal da congregação são cristão... então essa mensagem é para todo esse grupo de pessoas que acreditam em Jesus Cristo como o pai do cristianismo... pessoas que lutam para serem parecidas com Jesus os cristãos na verdade deve ser cópias de Jesus ter Jesus como o seu grande mestre o seu grande senhor o seu grande Deus e o seu grande salvador ... e os cristãos eles devem se esforçar para serem o mais parecido com Jesus...

Fonte: *corpus* desta pesquisa.

O orador inicia este segundo momento retórico categorizando os cristãos de um modo geral. Esse ato produz um efeito persuasivo de universalidade, pois

o orador consegue, de um modo estratégico, agrupar os cristãos em algumas categorias. Assim, o orador transmite uma ideia de agregação, deixando entender que, embora existam diferentes segmentos religiosos dentro do Cristianismo, isso não faz com que essas ramificações deixem de a ele pertencer.

No primeiro momento, o orador afirma: *“cristão não está se referindo apenas a vamos imaginar uma denominação religiosa por exemplo os católicos os evangélicos os assembleianos o pessoal da congregação ou nós X...”*. Esse discurso é introduzido a partir do argumento (quase lógico) a divisão do todo e suas partes. O todo se caracteriza pela amplitude dos cristãos; já as partes são as ramificações do povo cristão; entre eles, é possível observar os católicos, os assembleianos, os membros da congregação, entre outros.

Verifica-se, assim, que o orador recorre a um argumento quase lógico (a divisão do todo e suas partes) para tentar persuadir e, por consequência, conquistar novos fiéis (até mesmo de outras denominações como os católicos, assembleianos, os da congregação etc.), como também argumenta para manter os membros que já fazem parte da própria comunidade religiosa em questão.

Em seguida, após o orador mostrar como há uma pluralidade significativa que compõe os cristãos (católicos, assembleianos etc.), o discurso agora procura dar uma definição categórica do que é ser um cristão. O orador, baseado na crença do seu auditório, frisa: *“cristão é todo aquele que confessar crer em Jesus Cristo né... quem tem Jesus como o pai do cristianismo a razão da sua fé...”*. O orador define os cristãos, como também deixa transparecer um sentido que se choca com o que foi dito em momentos anteriores.

Antes mesmo, o orador mostrava-se inclusivo, mas agora é possível perceber que, por meio do argumento (quase lógico) da definição, ele afirma que cristão não é qualquer pessoa, mas um grupo seletivo, qual seja, aqueles que *“tem Jesus como o pai do cristianismo e a razão de sua fé”*. Em vista disso, esse discurso traz uma ideia de restrição, exclusividade, engatilhada por meio do argumento da definição.

A partir do discurso anterior, é possível perceber que o orador recorre a um lugar da argumentação para utilizar os argumentos. No âmbito do discurso é possível perceber a presença do lugar retórico da essência, pois o orador valoriza

o personagem bíblico Jesus, indicando que este ocupa um lugar de destaque entre todos os demais cristãos, pelo fato de ele próprio ser “o pai do cristianismo”.

O orador enfatiza que Jesus é o pai. Ora, o pai é aquele que faz com que os filhos possam existir, além disso, a figura paterna é caracterizada, pelo menos no Ocidente, como símbolo de heroísmo, bravura, proteção. A argumentação é persuasiva e os encadeamentos de argumentos não são neutros, eles visam, antes de qualquer coisa, persuadir a todos aqueles que ouvem a pregação religiosa proferida pelo orador.

Ao continuar a pregação do sermão oral, o orador faz uma pergunta retórica para o seu auditório: “*então também posso enquadrar nós como cristãos amém?*”. O orador faz uma pergunta já sabendo a resposta, pois anteriormente ele já havia dito que ele e seu grupo também faziam parte da cristandade. Assim, com o uso da forma nominal “*nós*”, o orador constrói e veicula a imagem de um *ethos* que é semelhante e/ou igual ao auditório, no tocante a uma possível visão limitada de natureza espiritual.

No entanto, ele é o orador e, ao assumir tal função, carrega sobre si um grau de superioridade perante o auditório, além de ser o porta-voz de um discurso de autoridade (o religioso cristão). Nesse sentido, a intenção do orador foi se colocar no mesmo nível em que está o auditório, a fim de ganhar a confiança e, acima de tudo, persuadi-lo.

É possível perceber que o orador religioso cristão possui uma habilidade do discurso, procurando, a todo o momento, ganhar a adesão do auditório. As técnicas argumentativas que são mobilizadas pelo líder religioso contribuem para a construção de um fazer-persuasivo, cujo objetivo principal é o de angariar a audiência do auditório.

Em seguida, o orador recorre ao argumento (quase lógico) a inclusão das partes no todo, para ratificar o que é ser um cristão. Ele ressalta: “*os católicos são cristãos não é... os assembleianos são cristãos o pessoal da congregação são cristão...*”. Observa-se que o orador inicia o discurso desde as partes (católicos, assembleianos, congregação) e vai até ao todo (cristãos). Apostando nesse argumento, o orador tenta engatilhar o discurso persuasivo e ratificar as especificidades de ser um cristão.

Como se tem percebido, o sermão oral só se realiza a mercê do orador que ocupa um lugar de prestígio, como se ele fosse um porta-voz da fé cristã. Ele fala para um povo que tem crenças, ideologias, visões de mundo. Desse modo, subjaz que por trás do sermão está um líder religioso, um *ethos* supostamente autorizado pela divindade e pela instituição religiosa a que pertence, para interpretar e repassar as mensagens sagradas a um grupo de pessoas específicas e conhecidas.

Não se trata de qualquer grupo, mas sim de um grupo particular, seletivo, conhecido. O orador argumenta: *“então essa mensagem é para todo esse grupo de pessoas que acreditam em Jesus Cristo como o pai do cristianismo...”*. Nesse momento da pregação, o orador categoriza o grupo em destaque. Para essa categorização, ele faz uso do argumento (baseado na estrutura do real) o grupo e seus membros, com o objetivo de mostrar que há um comportamento específico que caracteriza tal grupo (religioso cristão) e, por conseguinte, os membros (os cristãos como um todo).

Enfim, o orador procura obter a confiança e a benevolência do auditório por meio do maior nome – Jesus – para a cristandade. O orador destaca: *“...pessoas que lutam para serem parecidas com Jesus os cristãos na verdade deve ser cópias de Jesus ter Jesus como o seu grande mestre o seu grande senhor o seu grande Deus e o seu grande salvador ... e os cristãos eles devem se esforçar para serem o mais parecido com Jesus...”*.

Proferindo esse discurso, o orador utiliza-se do argumento (que funda a estrutura do real) o ser perfeito como modelo. Esse argumento que fundamenta a estrutura do real supera o simples modelo porque tem uma essência, algo único, que não é encontrado em qualquer pessoa. Por isso, para o orador, Jesus representa a perfeição e um modelo a ser seguido pelo auditório. Utilizando o personagem bíblico (Jesus) como um modelo perfeito, o orador age persuasivamente sobre o seu auditório particular.

3.4.3 Análise do momento retórico 3

O terceiro momento retórico diz respeito à peroração do sermão oral intitulado *“A vida dos cristãos”*. Observou-se, no primeiro momento retórico deste

sermão, que o orador abordou a importância da palavra de Deus para os cristãos; no segundo momento retórico, o orador classificou e definiu o que são os cristãos. Verifica-se que nesse terceiro e último momento retórico do primeiro sermão oral analisado, o orador, persuasivamente, mostra para o auditório a importância de os cristãos buscarem um modelo a ser seguido.

Além disso, o orador ressalta também que muitas pessoas não fazem parte da cristandade porque veem os maus exemplos de alguns da denominação religiosa cristã, o que faz com que muitos não adiram à ideia da referida religião (cristã). Neste terceiro momento retórico, igualmente aos outros dois já analisados, o orador busca persuadir o auditório. Paralelamente a isso, busca despertar, no auditório, a necessidade de um modelo a ser seguido e, desse modo, rejeitar outros (antimodelos). Isso pode ser verificado no excerto a seguir:

Muitas pessoas guardem isso na mente de vocês tomam decisões erradas por causa do comportamento errado... algumas pessoas tem vontade de fazer parte do povo de Deus mas quando observa a vida de algum membro aqui da igreja diz rapaz eu vou nada ser daquela igreja olha como aquela pessoa se comporta... ou seja erram por causa do erro das outras pessoas... outra coisa importante... na igreja o exemplo a ser seguido não são as pessoas que estão dentro da igreja... porque todas elas são pecadoras... mas o exemplo perfeito de Jesus ESSE deve ser o modelo a ser seguido... Jesus Cristo... todos que estão aqui... todos vocês... eu também... todos nós espiritualmente somos como doentes e aqui essa igreja o hospital cada um de nós embora sejamos bons em alguma coisa nós temos muitos pontos fracos e nós estamos aqui para ser tratados por Jesus que é o nosso médico...

Fonte: *corpus* desta pesquisa.

As artimanhas persuasivas empreendidas pelo orador religioso do sermão oral acontecem nesse intrincado jogo argumentativo e persuasivo em que o orador se vale dos argumentos e dos lugares da argumentação para tentar persuadir o auditório em destaque. É o que se pode observar no seguinte momento retórico: “...*muitas pessoas guardem isso na mente de vocês tomam decisões erradas por causa do comportamento errado*”.

Nesse fragmento, o orador utiliza o argumento (baseado na estrutura do real) do vínculo causal para poder mostrar que as pessoas, ao terem vínculo com um mau comportamento, geram uma causa e/ou efeito, qual seja, tomam decisões erradas em suas vidas. Dessa maneira, presume-se que a ligação com o comportamento errado também gera decisões erradas. Com essas sequências

argumentativas, visualiza-se o efeito persuasivo do argumento encadeado pelo orador do sermão oral.

O orador em destaque é o líder religioso da instituição, por isso a necessidade de ele cuidar dos fiéis para que estes não mudem de denominação religiosa. Então, por meio da argumentação, o orador age persuasivamente sobre o auditório para que este tome decisões direcionadas com o querer-fazer previamente estabelecido pelo orador. Além disso, no gênero sermão oral, o auditório está condicionado a apenas ouvir a pregação religiosa, não podendo, desse modo, se manifestar formalmente.

Em seguida, o orador mostra o que o auditório não pode fazer. Verifica-se isso no excerto a seguir: *“algumas pessoas tem vontade de fazer parte do povo de Deus mas quando observa a vida de algum membro aqui da igreja diz rapaz eu vou nada ser daquela igreja olha como aquela pessoa se comporta...”*. Ao dizer esse discurso, o orador mobiliza o argumento (que funda a estrutura do real) do antimodelo, afirmando que, por culpa de alguns membros, a denominação não recebe outros possíveis adeptos.

Conforme o discurso do orador, o mau comportamento de um fiel pode servir de antimodelo e ocasionar o afastamento, a saída de outras pessoas da denominação religiosa cristã. Por isso, o antimodelo não pode ser seguido pelos demais membros, para que estes também não venham a abandonar a instituição religiosa. O argumento (antimodelo) encadeado pelo orador mostra a importância de os adeptos da religião em apreço não viverem de qualquer forma, mas sim de acordo com as crenças, ideologias, doutrinas, visões de mundo, propagadas pelos ensinamentos apreendidos na referida denominação religiosa cristã.

O orador faz reflexões mais específicas e pormenorizadas acerca da possibilidade de agregar cada vez mais outros membros para a cristandade e obviamente aumentar o rebanho da denominação a que pertence e/ou lidera. Após ter argumentado acerca dos que servem como antimodelos, ou nos termos religiosos, como pedra de tropeço, o orador agora esclarece que o erro de uns acaba convergindo para que outros também errem, transmitindo uma ideia de ligação de sucessão entre as ações.

É possível identificar esse acontecimento no seguinte trecho: *“...ou seja erram por causa do erro das outras pessoas...”*. O orador traz ao discurso o

argumento (quase lógico) da transitividade, visto que o mesmo erro transita de uma pessoa para outra. Essa relação transitiva acontece pela manutenção das ações, seja por igualdade, por superioridade, por inclusão. O que se observa, conforme o orador, é que o erro continua acontecendo e transita de uma pessoa para outra.

Por certo, o sermão oral serve para propagar as mensagens da religião cristã e para mostrar ao auditório como este deve agir cotidianamente em conformidade com as doutrinas da referida religião. Os fiéis da denominação precisam dar bons exemplos. No entanto, o orador alerta para o cuidado em pensar que na Igreja há apenas exemplos a serem seguidos: “...*outra coisa importante... na igreja o exemplo a ser seguido não são as pessoas que estão dentro da igreja... porque todas elas são pecadoras...*”.

No trecho destacado, o orador mais uma vez recorre ao argumento (que funda a estrutura do real) do antimodelo para efetivar a sua argumentação e tentar persuadir o auditório. O uso do argumento cria um efeito persuasivo, visto que até mesmo o orador não pode ser tomado como exemplo, já que, segundo ele mesmo, todas as pessoas “*são pecadoras*”. O orador, estrategicamente, parece mover os sentimentos e as paixões do auditório em busca de respostas.

Em seguida, o orador, depois de ter criado todo um jogo persuasivo e envolvente, mostra quem é, de fato, o exemplo a ser seguido: “...*mas o exemplo perfeito de Jesus ESSE deve ser o modelo a ser seguido...*”. O fragmento atesta o que foi dito anteriormente pelo orador, pois este criou uma situação estratégica ao apresentar, primeiramente, os antimodelos e somente por último indicar o modelo aconselhado por ele mesmo. Ao falar que Jesus é um exemplo perfeito, o orador recorre ao argumento (que funda a estrutura do real) o ser perfeito como modelo.

A argumentação em tela configura-se como uma possível tentativa de persuasão, já que o orador argumenta que a figura de Jesus deve ser um exemplo perfeito a ser seguido pelo auditório e, desse modo, exclui qualquer outro tipo de modelo, visto que, segundo o orador, apenas Jesus possui tal perfeição. Ora, não se trata apenas de ser um exemplo, mas de ter perfeição. Mais uma vez, o argumento é encadeado com a função de despertar as paixões, os sentimentos (*pathos*), além de levar o auditório ao assentimento do discurso proferido pelo orador do sermão oral.

Finalmente, o orador ainda introduz um novo argumento com o objetivo de confirmar o que ele já tinha dito no excerto anterior, mas agora por meio do argumento (quase lógico) da comparação, como pode ser visualizado no fragmento a seguir: “... *Jesus Cristo... todos que estão aqui... todos vocês... eu também... todos nós espiritualmente somos como doentes e aqui essa igreja o hospital cada um de nós embora sejamos bons em alguma coisa nós temos muitos pontos fracos e nós estamos aqui para ser tratados por Jesus que é o nosso médico...*”.

O orador recorre a comparações para tentar persuadir o auditório. Outro ponto importante é que se trata da parte final do sermão oral, ou seja, é a hora em que o orador procura utilizar os melhores argumentos como forma de conseguir o assentimento do auditório, pois a pregação está prestes a acabar. O orador seguiu as instruções da Antiga Retórica e guardou os argumentos mais fortes para o fim do discurso, pois o argumento (quase lógico) da comparação contribui de forma acentuada para as tentativas de persuasão.

O orador afirma que o auditório, estando ele aí incluído, é como doente; em seguida, a Igreja deixa de ser uma instituição religiosa e ganha *status* de um hospital; mais à frente, a figura de Jesus deixa de ser quem é e passa a incorporar o personagem de um médico. Assim, há doentes, hospital e médico. Essa tríade está em consonância com o que é verossímil. Essas comparações se constituem artimanhas persuasivas que o orador utiliza com a intenção de angariar a concordância do auditório acerca das proposições que lhe são apresentadas, havendo nesse auditório uma transformação.

CATEGORIAS RETÓRICAS ENCONTRADAS	TIPOLOGIA
Argumento a inclusão das partes no todo (2) Argumento a regra de justiça Argumento a divisão do todo em suas partes Argumento da definição Argumento de transitividade Argumento de comparação	Argumentos quase lógicos
Argumento de autoridade Argumento a pessoa e seus atos	Argumentos baseados na estrutura

Argumento o grupo e seus membros Argumento do vínculo causal	do real
Argumento o ser perfeito como modelo (2) Argumento do antimodelo (2)	Argumentos que fundam a estrutura do real
Lugar da qualidade Lugar de essência	Lugares da argumentação

Quadro 4: síntese das categorias analisadas no primeiro sermão oral.

Fonte: Elaborado pelo autor desta pesquisa.

Como se observa, o quadro mostra a disposição dos argumentos nos três fragmentos iniciais, os quais configuram o primeiro sermão oral apreciado. O uso recorrente dos argumentos quase lógicos, dos baseados na estrutura do real, dos que fundam a estrutura do real e dos lugares da argumentação evidencia como o orador tenta persuadir o seu auditório social. Dos quatro tipos de argumento, viu-se que apenas a dissociação das noções não apareceu nos fragmentos analisados. Assim, pode-se afirmar que este sermão oral caminha mais pelos três tipos de argumentos, sendo os quase lógicos os mais utilizados e/ou recorrentes.

3.4.4 Análise do momento retórico 4

O quarto momento retórico diz respeito ao exórdio do segundo sermão oral colhido para análise neste trabalho. Assim, trata-se de um recorte de outro sermão, que teve como tema “A paz”. Durante a proferição religiosa cristã, o orador mostrou a importância da paz para a vida de qualquer pessoa e também que, se uma pessoa não tiver paz na vida, isso irá acarretar uma série de consequências desfavoráveis.

Para tentar persuadir o auditório, o orador usou algumas categorias retóricas, pois elas podem, de algum modo, contribuir para uma argumentação eficaz. Nesse sentido, a presença dos argumentos, dos lugares e até mesmo das figuras abrem o caminho para a persuasão do auditório social. É por meio disso que o orador procura levar o auditório ao assentimento das proposições que lhe são apresentadas. Eis o momento retórico a seguir:

Querido hoje eu quero falar um pouquinho a respeito de paz... paz... é uma coisa que todos nós queremos todos nós precisamos... o indivíduo pode ter um caminhão de dinheiro... se ele não tiver paz não adianta nada... ele pode:: estar com um baita de um emprego né... ser um executivo aí ganhando muito dinheiro... se não tiver paz não resolve nada... pode tá na melhor casa... se não tiver paz... ele pode tá fazendo uma viagem internacional dos sonhos... se ele não tiver paz no coração... a gente precisa de paz pra poder trabalhar bem pra poder se relacionar corretamente com os nossos filhos... com o nosso cônjuge... com os nossos pais a gente precisa de paz pra poder estudar e ir bem na faculdade... a gente precisa de paz pra poder dirigir no trânsito... a gente precisa de paz paz de espírito paz de alma... né... as vezes tem campanhas aí né paz no trânsito... a gente precisa de paz... né... quando um país está em guerra a gente vê o tamanho do sofrimento das pessoas... bomba pra tudo quanto é lado... prédios destruídos gente sofrendo... gente angustiada... GUerra que seria o antônimo de PAZ... nossa... é a ausência de paz é:: desesperador... leva ao sofrimento angústia...

Fonte: *corpus* desta pesquisa.

O orador apresenta, neste quarto momento retórico, para o auditório a necessidade de se ter paz no dia a dia para poder realizar as atividades humanas e relacionar-se bem socialmente. Inicialmente, o orador enuncia: *“querido hoje eu quero falar um pouquinho a respeito de paz”*. Com essa introdução, visualiza-se a projeção de um *ethos* marcado pela expressão nominal *“querido”*.

Depreende-se que o orador ao utilizar tal expressão (*“querido”*), desperta sentimentos, paixões no seu auditório (*pathos*). Verifica-se, desse modo, que o uso não é neutro, mas com intenção persuasiva, buscando persuadir o auditório, por meio de uma projeção tanto do *ethos* quanto do *pathos*.

Ao continuar a exposição do sermão oral, o orador ressalta a importância da paz para todas as pessoas, incluindo-se também. Define o que é, para ele, a paz: *“paz... é uma coisa que todos nós queremos todos nós precisamos”*. Nesse momento, o orador recorre ao argumento (quase lógico) da definição para definir e indicar que a paz é uma necessidade para as pessoas.

Ao dizer isso, o orador transmite para o auditório a ideia de que não é possível viver sem paz, por isso é que há a necessidade de possuí-la, caso alguém do auditório ainda não a tenha. Além do argumento da definição, ele recorre ao apelo para mostrar a necessidade de algo – neste caso da paz – para o auditório. O orador vai construindo o sermão a partir das artimanhas persuasivas, despertando sentimentos no auditório social.

Em seguida, o orador continua mostrando a importância da paz para a vida dos que compõem o auditório, com a seguinte sequência argumentativa: *“paz... é*

uma coisa que todos nós queremos todos nós precisamos... o indivíduo pode ter um caminhão de dinheiro... se ele não tiver paz não adianta nada... ele pode:: estar com um baita de um emprego né... ser um executivo aí ganhando muito dinheiro... se não tiver paz não resolve nada... pode tá na melhor casa... se não tiver paz...”.

Nesse momento do sermão, o orador busca persuadir o auditório por meio do lugar da ordem, em que o anterior é mais importante do que o posterior. Nesse sentido, é preciso primeiro ter a paz e estar bem consigo mesmo para somente depois ganhar dinheiro, conquistar um bom emprego, e quem sabe ser um executivo. Caso a paz não esteja em primeiro lugar, as conquistas (emprego, dinheiro etc.) talvez não tenham serventia, pois a pessoa não estará em condições de usufruir de tais bens e conquistas.

Ao argumentar acerca da busca constante de paz, o orador evidencia o cuidado, o zelo pela pessoa. Assim, infere-se que o orador indica que primeiro deverá vir a pessoa, depois virão as demais coisas porque o lado humano é obviamente mais importante do que as coisas.

Ao assumir esse posicionamento, o orador evoca o lugar retórico de pessoa para argumentar. É o que se pode ver no seguinte fragmento: *“o indivíduo pode ter um caminhão de dinheiro... se ele não tiver paz não adianta nada... ele pode:: estar com um baita de um emprego né... ser um executivo aí ganhando muito dinheiro... se não tiver paz não resolve nada...”.*

O cuidado com o ser humano evidencia que o discurso utilizado pelo orador prioriza as condições de vida de uma pessoa, apontando a paz como algo obrigatório para uma boa qualidade de vida. Além disso, valoriza primeiro o lado humano e só depois as demais coisas que são complementares às pessoas. A argumentação parece mostrar-se cuidadosa com as pessoas, passando a ideia de zelo, proteção.

Ao término da fala sobre a paz e as conquistas materiais, o orador passa agora a tratar da paz e dos relacionamentos familiares e até mesmo sociais. Segundo o orador, a paz precisa estar presente em muitos locais específicos. Ele argumenta da seguinte maneira: *“...a gente precisa de paz pra poder trabalhar bem pra poder se relacionar corretamente com os nossos filhos... com o nosso cônjuge... com os nossos pais...”.*

Reflexões pormenorizadas deste fragmento indicam o uso do argumento (quase lógico) da inclusão das partes no todo. O orador continua a argumentação, abordando a necessidade do bom relacionamento com os filhos, depois com o cônjuge e, finalmente, com os pais. Para que isso aconteça, é imprescindível ter paz. Nesse sentido, aparecem as partes (filhos, pais, cônjuge) e o todo (família). O argumento quase lógico foi colocado com intenções persuasivas, iniciando do menor até o maior.

Após, o orador assegura que, se o auditório tiver paz, ele, então, conseguirá gerenciar os afazeres cotidianos com maior precisão e não terá que se desesperar, nem sofrer com tais tarefas que comumente estão presentes na vida de muita gente. O orador destaca: *“a gente precisa de paz pra poder trabalhar bem pra poder se relacionar corretamente com os nossos filhos... com o nosso cônjuge... com os nossos pais a gente precisa de paz pra poder estudar e ir bem na faculdade... a gente precisa de paz pra poder dirigir no trânsito...”*.

A partir desses posicionamentos argumentativos, o orador, persuasivamente, utiliza-se do argumento (baseado na estrutura do real) pragmático, porque indica uma causa, um efeito ao se adquirir paz, ou seja, a paz gera um bom trabalho, um bom relacionamento com a família, bons estudos, boa educação no trânsito, todos esses acontecimentos e/ou consequências favoráveis são frutos da aquisição da paz.

Paralelamente, o orador apresenta o seguinte posicionamento em relação à falta de paz: *“...quando um país está em guerra a gente vê o tamanho do sofrimento das pessoas... bomba pra tudo quanto é lado... prédios destruídos gente sofrendo... gente angustiada...”*. O orador apresenta as características de um país em que a paz não está presente, acarretando em graves consequências.

Para argumentar, o orador faz uso do argumento (quase lógico) da divisão do todo em suas partes. O orador apresenta o todo (guerra) e vai mostrando as partes que constituem esse todo (sofrimento das pessoas, bomba para tudo quanto é lado, prédios destruídos, gente sofrendo, gente angustiada). É possível perceber que o uso do argumento evidencia a necessidade de o auditório buscar a paz; caso contrário, poderá ser alvo dos mesmos sofrimentos (guerra, destruição) já mencionados pelo orador.

No final desta primeira parte do sermão oral, o orador mostra a dualidade entre guerra e paz: “*GUerra que seria o antônimo de PAZ... nossa... é a ausência de paz é:: desesperador... leva ao sofrimento angústia...*”. O orador coloca a paz e a guerra em sentidos opostos, frisando que, quando a paz não está presente, o sofrimento da guerra impera.

Para argumentar desse modo, o orador mobiliza, primeiramente, o argumento (quase lógico) da definição, ao dizer que a “*GUerra seria o antônimo de PAZ*”. Nesse sentido, o orador, estrategicamente, define o que para ele significa a guerra. Ainda no mesmo momento retórico, o orador também faz uso do argumento (baseado na estrutura do real) pragmático, ao mostrar as consequências desfavoráveis de não se ter paz: “*a ausência de paz é:: desesperador... leva ao sofrimento angústia...*”.

Ainda no mesmo excerto, visualiza-se a presença do argumento por dissociação das noções em que há uma quebra entre dois universos opostos, como em: “*GUerra seria o antônimo de paz*”. O orador mostra que, por meio da oposição entre guerra e paz, há uma incompatibilidade entre esses dois conceitos, ocasião em que ele próprio (o orador) indica que a paz é a visão coerente a ser perseguida pelo auditório. Sendo assim, o argumento por dissociação foi colocado com o objetivo de promover uma ruptura entre os dois universos (guerra/paz) em destaque.

Portanto, a ação retórica foi encadeada de maneira persuasiva pelo orador do sermão oral. O uso dos argumentos encadeados propicia as tentativas de persuasão. Cada argumento, cada lugar retórico, cada projeção do *ethos* revela a presença dos componentes persuasivos no discurso em análise. O objetivo do orador é conquistar a adesão do auditório a que se dirige a argumentação.

3.4.5 Análise do momento retórico 5

Este quinto momento retórico refere-se à narração/confirmação do sermão oral intitulado “*A paz*”, em que o orador vem mostrando para o auditório social a necessidade da paz para o ser humano. Como foi possível perceber no excerto anterior, a ausência de paz provoca uma série de problemas, os quais podem causar danos irreparáveis ao homem.

Continuando a falar sobre esses problemas, o orador passa a focalizar a insônia e seus efeitos desfavoráveis. Segundo o orador, a insônia é algo que tira a paz de qualquer pessoa e faz com que a mente fique dividida, não permitindo, desse modo, que uma pessoa possa realizar as simples atividades do dia a dia.

O orador transmite para o auditório alguns dados estatísticos acerca dos malefícios da falta de sono e como isso pode refletir na falta de paz das pessoas. Para tanto, o orador se valeu de elementos retóricos (argumentos, lugares etc.) para levar o auditório ao assentimento das ideias que são transmitidas durante a proferição do sermão oral. É com base na tipologia dos argumentos que o orador encadeia cada sequência argumentativa. Isso pode ser visto no momento retórico a seguir:

Eu não sei se você sabe mas nos Estados Unidos aproximadamente setenta MILHOES de pessoas não conseguem dormir... insônia... sabe o que é isso? setenta milhões de pessoas num país e não conseguem dormir... sem paz na alma... sem paz no coração... colocam a cabeça no travesseiro tentam dormir e não conseguem... esses dias achei interessante uma charge que o indivíduo falava assim interessante né que pra você dormir primeiro você precisa fingir que tá dormindo... (risos) reparou isso? não tá dormindo mas tem que fingir até a hora que pega no sono... agora pense você tentando dormir e não consegue... tentando dormir e não consegue... acho que todos nós já passamos uma vez ou outra por uma situação como essa... é horrível... você tem horário no outro dia tuas atividades é uma da manhã e você não conseguiu dormir ainda... uma e meia e nada... duas horas você já não sabe mais o que fazer... agora você imagine setenta milhões de pessoas num único país com insônia... sabe o que é isso? há uma palavra grega chamada madamerimna... sabe o que que é merimna? é mente dividida... e uma frase interessante que dizia assim a pessoa que está em um lugar com a cabeça em outro lugar na verdade ela não está em lugar nenhum... gente com a mente dividida... tá aqui mas tá pensando no amanhã... tá aqui mas tá preso no passado... tá aqui mas gostaria de estar em outro lugar em uma... gente... é essa essa desestruturação mental ela é destruidora... é o indivíduo que tá no trabalho mas tá pensando em que tem que fazer o almoço... isso vai minando as nossas energias... é o indivíduo que tá na academia mas tá preocupado com outra coisa... você sabe que há estudos CLAROS na neurociência que dizem que o ser humano NÃO consegue fazer duas coisas ao mesmo tempo...

Fonte: *corpus* desta pesquisa.

Neste quinto momento retórico, tem-se a continuidade do sermão intitulado “a paz”. O orador destaca que a insônia é uma das causadoras da falta de paz, afirmando até mesmo que ela consegue tirar a paz das pessoas. O uso do lugar retórico da quantidade pelo orador explica ainda mais as ações desfavoráveis provocadas pelo mal da insônia: “*eu não sei se você sabe mas nos Estados Unidos aproximadamente setenta MILHOES de pessoas não conseguem dormir...*

insônia... sabe o que é isso?” setenta milhões de pessoas num país e não conseguem dormir... sem paz na alma... sem paz no coração...”.

Os dados numéricos utilizados pelo orador evidenciam as razões quantitativas da própria argumentação em tela, pois como se vê são “*setenta MILHÕES de pessoas*”, um número expressivo que foi posto para intensificar a adesão do auditório para o discurso que vem sendo promulgado pelo orador. Ainda no mesmo excerto, o orador faz uma pergunta retórica: “*insônia... sabe o que é isso?*”. Percebe-se que o orador insiste em mostrar os efeitos provocados pela insônia, mas principalmente mostrar que ela é um dos principais fatores causadores da falta de paz nas pessoas.

Ao prosseguir a pregação do sermão oral, o orador endossa o discurso pelo fato de trazer uma resposta que provoca o riso, como se vê no seguinte trecho: “*esses dias achei interessante uma charge que o indivíduo falava assim interessante né que pra você dormir primeiro você precisa fingir que tá dormindo... (risos) reparou isso?*”. Ao encadear essa sequência argumentativa, observa-se a presença do argumento (quase lógico) do ridículo, pois este está presente, despertando o riso, bem como sancionando a ideia de ironia e/ou absurdo, já que uma pessoa, segundo o orador, precisa inicialmente fingir que dorme e só depois conseguirá dormir. Novamente, o orador faz uma pergunta retórica ao auditório social: “*reparou isso?*”. O objetivo é provocar a atenção e aceitação do auditório para o discurso que está sendo proferido, já que o orador presume que o auditório não responderá ao que foi perguntado.

Ainda em se tratando da continuidade do mesmo excerto, o orador progride a pregação religiosa e afirma: “*esses dias achei interessante uma charge que o indivíduo falava assim interessante né que pra você dormir primeiro você precisa fingir que tá dormindo... (risos) reparou isso? não tá dormindo mas tem que fingir até a hora que pega no sono...*”. Este fragmento é construído a partir do argumento (que dissocia noções) aparência/realidade, já que o orador destaca: “*não tá dormindo mas tem que fingir até a hora que pega no sono*”. Há nesse momento do discurso a ideia de aparência (parece que está dormindo) e também a ideia de realidade (não está dormindo). As ideias se agregam aos aspectos persuasivos e ratificam a intensão do orador: persuadir o auditório em destaque.

Analisando estes excertos, é possível depreender os efeitos produzidos pela insônia. O orador elabora o discurso a partir das categorias retóricas (argumentos, figuras, lugares) a fim de persuadir o auditório. Agora, o orador desenvolve a seguinte ideia: *“não tá dormindo mas tem que fingir até a hora que pega no sono... agora pense você tentando dormir e não consegue... tentando dormir e não consegue... acho que todos nós já passamos uma vez ou outra por uma situação como essa... é horrível...”*. O excerto em destaque está organizado a partir do argumento (baseado na estrutura do real) pragmático, contendo a ideia de que a impossibilidade de não dormir (causa) provoca um efeito desfavorável nas pessoas e isso, conforme o orador, *“é horrível”*. Essas sequências argumentativas empregadas assumem o entendimento de que a insônia provoca sérias consequências (desfavoráveis) nas pessoas que sofrem desse mal.

Considerando-se os fatores desfavoráveis provocados pelo mal da insônia, o orador mostra para o auditório como acontece esse problema que aflige diversas sociedades: *“você tem horário no outro dia tuas atividades é uma da manhã e você não conseguiu dormir ainda... uma e meia e nada... duas horas você já não sabe mais o que fazer...”*. A ideia apresentada pelo orador está alicerçada no lugar retórico da ordem, já que o orador relaciona as causas sobre os efeitos, a superioridade do posterior sobre o anterior. O anterior é caracterizado pela própria insônia; o posterior é justamente não conseguir dormir. Além disso, o orador ressalta que é uma, uma e meia e até duas horas e não há sono. Assim, mais uma vez ele segue uma ordem cronológica para encadear os fatos da argumentação.

Depois, o orador continua centrado no aspecto da insônia para o que enuncia: *“agora você imagine setenta milhões de pessoas num único país com insônia... sabe o que é isso? há uma palavra grega chamada madamerimna... sabe o que que é merimna? é mente dividida...”*. Agora, o orador mostra para o auditório social o conceito da palavra insônia. Ao fazer isso, ele utiliza-se do argumento (quase lógico) da definição, pois explica o sentido da palavra *“madamerimna”* e evidencia o objeto do dizer, estabelecendo uma ideia de conhecimento, intelectualidade e, principalmente, passando confiança (*ethos*) para o seu auditório social. Além do citado argumento, as perguntas retóricas também aparecem de forma acentuada neste excerto, como em: *“sabe o que é*

isso?” e “sabe o que que é merimna?”. Essas perguntas reforçam a intensidade da persuasão, já que o auditório apenas ouve, não podendo responder aos questionamentos feitos pelo orador.

Próximo de finalizar este quinto momento retórico, o orador aponta as consequências advindas da insônia, da mente dividida, como bem ilustra o fragmento: *“a pessoa que está em um lugar com a cabeça em outro lugar na verdade ela não está em lugar nenhum... gente com a mente dividida... tá aqui mas tá pensando no amanhã... tá aqui mas tá preso no passado... tá aqui mas gostaria de estar em outro lugar em uma... gente... é essa essa desestruturação mental ela é destruidora... é o indivíduo que tá no trabalho mas tá pensando em que tem que fazer o almoço... isso vai minando as nossas energias... é o indivíduo que tá na academia mas tá preocupado com outra coisa...”*.

Aparece, nesse contexto específico, a presença do argumento (quase lógico) da transitividade. Conforme o discurso do orador, a pessoa que sofre de insônia fica com a mente dividida, o que ocasiona o pensamento vago em diferentes espaços ao mesmo tempo. Assim sendo, infere-se que a transição de pensamentos acontece nesse fazer psicológico. É o pensamento que se move de uma realidade a outra, causando essas relações de transição.

Nas últimas linhas deste momento retórico de análise, o orador evidencia a sustentação e/ou ancoragem de tudo aquilo que ele disse durante a pregação do sermão oral. Ele encaixa a seguinte assertiva: *“você sabe que há estudos CLAROS na neurociência que dizem que o ser humano NÃO consegue fazer duas coisas ao mesmo tempo...”*. O orador atribui à Neurociência a fundamentação da ideia de mente dividida, da insônia etc.

Atribuindo-se esses fatos, o orador emprega o argumento (baseado na estrutura do real) de autoridade, visto que o discurso da ciência, da medicina, da religião é considerado como uma retórica intocável, não podendo ser contra-argumentado. As referências feitas aos argumentos mostram que o orador, a todo o momento do discurso, se valeu das categorias retóricas apresentadas com vistas a persuadir o auditório social.

3.4.6 Análise do momento retórico 6

Este sexto momento retórico diz respeito à peroração do sermão oral intitulado “A paz”. Nesse momento específico, o orador busca trazer ao discurso alguns fatos históricos da Antiguidade, época em que inúmeros cristãos foram perseguidos e mortos por causa das crenças que defendiam. Para tanto, o orador se vale de exemplos contidos no próprio discurso bíblico, como forma de atestar o discurso proferido durante a celebração.

Após ter mostrado todos os malefícios provocados pela falta de paz, o orador apresenta para o auditório uma possibilidade para que a paz seja adquirida por todos. O orador faz uso do nome do personagem Jesus, para dizer ao auditório que este nome é que possui uma espécie de cura para a falta de paz. Para argumentar em favor desse posicionamento, o orador utiliza-se de uma tipologia de argumentos, como pode ser verificado no seguinte momento retórico:

Mas eu quero lembrar a você de Estêvão por exemplo o primeiro mártir... ele enquanto recebia pedras dizia pai perdoa eles não sabem o que estão fazendo... PAZ no meio do momento mais angustiante de sua vida... quando a gente: lê a história dos dos patriarcas né... dos patriarcas não dos dos primeiros cristãos... Tiago foi o PRIMEIRO dos discípulos a ser martirizado... e antes dele ser queimado.. dele ser degolado na verdade.. é: o seu algoz ia degolá-lo confesse e reconhece Jesus Cristo como o seu salvador... ele é degolado decapitado junto com Tiago... PESSOAS que nos momentos mais angustiantes da sua vida estavam em paz... MÁRTIRES que foram queimados VIVOS imagine você tá aqui vivo tudo bem com você cheio de madeira graveto ao teu redor e colocam fogo... você vai queimando de baixo pra cima... e muitos deles cantavam... PAZ nos momentos mais difíceis da vida humana... é hora de você buscar o príncipe da paz... é hora de você clamar a Jesus... clamar para que esse PRÍNCIPE que é o EMBAIXADOR da paz inunde o teu coração... você tá sem emprego busque o príncipe da paz porque quem te sustenta não é o emprego é Jesus... é Deus... você tá vivendo um momento muito angustiante da tua relação com o teu filho com a tua filha converse e chame o príncipe da paz... ELE vai acalmar o teu coração... ele vai colocar você em descanso...

Fonte: *corpus* desta pesquisa.

Neste sexto momento retórico, o orador encerra o segundo sermão oral utilizado para análise neste trabalho. Após ter falado da falta de paz e dos danos que isso provoca nas pessoas agora o orador apresenta para o auditório alguns exemplos de personagens bíblicos que mesmo com inúmeras dificuldades vividas conseguiram ficar em paz. Ora, se tais referências conseguiram ter paz em momentos difíceis, a ideia apresentada é que os integrantes do auditório também podem alcançar esse mesmo êxito.

Assim, o que se percebe, logo de início deste momento retórico, é que o orador utiliza-se do argumento (que funda a estrutura do real) do exemplo para ratificar o discurso proferido: *“mas eu quero lembrar a você de Estêvão por exemplo o primeiro mártir... ele enquanto recebia pedras dizia pai perdoa eles não sabem o que estão fazendo...”*. O argumento do exemplo utilizado pelo orador explica a virtude do primeiro mártir (Estêvão) que foi, segundo o relato bíblico e do orador, apedrejado e morto em praça pública por causa das crenças que ele defendia publicamente, ocasionando a ira dos discordantes da época.

Ainda no mesmo excerto, o orador além de utilizar o exemplo do primeiro mártir da Igreja, faz com que o próprio discurso implique ao mesmo tempo a existência do lugar retórico da essência, pelo fato de Estêvão ser um representante da classe dos primeiros cristãos, os quais foram perseguidos, torturados e mortos por causa da religiosidade que defendiam, pois como a história relata, muitos cristãos foram mortos na Antiguidade. Então, Estêvão representa a essência dos primeiros seguidores e/ou discípulos de Jesus que foram mortos por causa do Cristianismo.

Perseguindo ao mesmo pensamento, o orador também utiliza o lugar retórico da ordem para argumentar. O orador enfatiza que Estêvão foi *“o primeiro mártir”*. O recurso ao lugar retórico da ordem acontece porque Estêvão foi o primeiro cristão a ser morto por causa da crença que defendia. Assim, primeiro ele e depois todos os outros inúmeros cristãos. O argumento fundamentado no lugar da ordem, neste excerto, mostra quem foi o primeiro cristão a ser morto e atesta a intenção do orador em persuadir o auditório em destaque.

Continuando a pregação do sermão oral, o orador explica para o auditório um pouco da história de Estêvão, quando assim enuncia: *“mas eu quero lembrar a você de Estêvão por exemplo o primeiro mártir... ele enquanto recebia pedras dizia pai perdoa eles não sabem o que estão fazendo... PAZ no meio do momento mais angustiante de sua vida...”*.

O orador, para discorrer sobre a história do primeiro mártir, utilizou-se do argumento (quase lógico) da incompatibilidade, ao dizer que mesmo Estêvão sendo apedrejado ele ainda sim pediu para que Deus perdoasse os apedrejadores. Há uma contradição, visto que, naturalmente, esperava-se que a vítima do apedrejamento tivesse pedido a condenação e não as bênçãos para os

acusadores e/ou assassinos. O argumento da incompatibilidade confirma a contradição. Nos dias atuais, por exemplo, vê-se que qualquer pessoa que sofre algum tipo de insulto, roubo, entre outros fatos indesejáveis, procura as autoridades para que seja feita a devida justiça, ao invés de pedir bênçãos para os agressores e/ou criminosos.

A seguir, o orador, continuando a ideia de perseguição contra os cristãos, centra-se na história do primeiro discípulo de Jesus a ser morto, como pode ser visto a seguir: *“Tiago foi o PRIMEIRO dos discípulos a ser martirizado... e antes dele ser queimado... dele ser degolado na verdade... é: o seu algoz ia degolá-lo confesse e reconhece Jesus Cristo como o seu salvador... ele é degolado decapitado”*. Mais uma vez, o lugar retórico da ordem é utilizado pelo orador para afirmar que o apóstolo Tiago foi o primeiro dos discípulos a ser martirizado. Segundo os relatos bíblicos, Jesus tinha doze discípulos, e entre os doze, conforme o discurso do orador, Tiago foi o primeiro a ser morto.

No mesmo excerto anterior, o orador não apenas utilizou o lugar retórico da ordem, mas também fez uso do argumento (baseado na estrutura do real) do vínculo causal com a argumentação. Como se viu, o orador afirmou que *“Tiago foi o PRIMEIRO dos discípulos a ser martirizado...”*. Isso aconteceu porque Tiago defendia as crenças da religião cristã e, além disso, segundo os relatos bíblicos, andava com Jesus. Desse modo, infere-se que o vínculo que Tiago tinha com o fundador do Cristianismo (Jesus) gerou uma causa desfavorável: a perseguição e a conseqüente morte do discípulo.

Quanto às questões relacionadas à morte dos cristãos com o objetivo de defender as crenças, o orador procura demonstrar para o auditório a importância de manter a paz mesmo nos momentos angustiantes da vida. O orador diz: *“...PESSOAS que nos momentos mais angustiantes da sua vida estavam em paz... MÁRTIRES que foram queimados VIVOS...”*. O argumento (que funda a estrutura do real) do modelo mostra que os atos dos mártires representam um modelo a ser seguido pela cristandade. Assim, se for preciso, a cristandade defenderá as crenças com a própria vida. A argumentação visa persuadir o auditório no plano das emoções, paixões, sentimentos (*pathos*), já que fala de morte, de se entregar pela defesa de uma ideologia, neste caso, a cristã.

Nos exemplos apontados pelo orador, percebe-se que emana uma memória do passado, em que houve a perseguição contra os cristãos. O orador transmite uma ideia que faz recapitular o passado de sofrimento por parte dos cristãos, como em: *“imagine você tá aqui vivo tudo bem com você cheio de madeira graveto ao teu redor e colocam fogo... você vai queimando de baixo pra cima...”*. Nesse momento, o orador recorre ao argumento (que funda a estrutura do real) da ilustração, a fim de mostrar para o auditório como aconteciam as perseguições e as mortes dos cristãos. As artimanhas persuasivas do orador são fundamentas por esses encadeamos de argumentos.

Após o orador mostrar todas as violências que os cristãos sofreram ao longo da história e evidenciar que mesmo com tais flagelos eles se mantinham em paz, finalmente o orador explicita para o auditório um nome que é, conforme o discurso do orador, capaz de trazer paz às pessoas. O orador afirma: *“...é hora de você buscar o príncipe da paz... é hora de você clamar a Jesus... clamar para que esse PRÍNCIPE que é o EMBAIXADOR da paz inunde o teu coração...”*.

Nesse momento específico do sermão oral, o orador revela para o auditório social, por meio do argumento (quase lógico) da definição, que Jesus é a pessoa que detém o poder de trazer a paz para as pessoas. Por meio do citado argumento, Jesus deixa de ser o fundador do Cristianismo e passa a ser ressignificado com outros nomes: príncipe e embaixador da paz. Estrategicamente, o orador deixou para o final do sermão o momento de fala em que delega a Jesus a função de ser o dono da paz.

Nas últimas linhas desse momento retórico, verifica-se que o orador vem indicando para o auditório o “antídoto” contra falta de paz. O orador ressalta: *“...você tá sem emprego busque o príncipe da paz porque quem te sustenta não é o emprego é Jesus... é Deus... você tá vivendo um momento muito angustiante da tua relação com o teu filho com a tua filha converse e chame o príncipe da paz... ELE vai acalmar o teu coração... ele vai colocar você em descanso...”*.

Finalizando esse trecho, o orador novamente recorre ao maior personagem do Cristianismo (Jesus). Ao fazer isso, ele utiliza-se do argumento (que funda a estrutura do real) do ser perfeito como modelo. Para a cristandade em geral, Jesus representa esse ser perfeito. Atente-se para o fato de que o orador veio argumentando o tempo todo a respeito da paz e apenas no fim mostra como o

auditório pode consegui-la. Tudo isso foi posto a partir do uso dos argumentos evidenciados no decorrer da análise.

CATEGORIAS RETÓRICAS ENCONTRADAS	TIPOLOGIA
Argumento da definição (4) Argumento a inclusão das partes no todo Argumento a divisão do todo em suas partes Argumento do ridículo Argumento de transitividade Argumento de incompatibilidade	Argumentos quase lógicos
Argumento pragmático (3) Argumento de autoridade Argumento do vínculo causal	Argumentos baseados na estrutura do real
Argumento do exemplo Argumento do modelo Argumento de ilustração Argumento o ser perfeito como modelo	Argumentos que fundam a estrutura do real
Argumento por dissociação das noções (2)	Argumento por dissociação das noções
Lugar de quantidade Lugar de ordem (4) Lugar de pessoa Lugar de essência	Lugares da argumentação

Quadro 5: síntese das categorias analisadas no segundo sermão oral.

Fonte: Elaborado pelo autor desta pesquisa.

Conforme se observa, o segundo sermão oral analisado está organizado por meio dos argumentos quase lógicos, argumentos baseados na estrutura do real, argumentos que fundam a estrutura do real, argumentos por dissociação das noções e lugares da argumentação. Diferentemente do primeiro sermão, neste o argumento por dissociação é utilizado pelo orador. Entretanto, novamente os argumentos quase lógicos foram os recorrentes no discurso proferido.

3.4.7 Análise do momento retórico 7

Este momento retórico diz respeito ao exórdio do terceiro sermão oral, que foi colhido em denominações religiosas cristãs do agreste alagoano para servir de amostragem e análise para este estudo. O tema desse último sermão oral é “O amor ao próximo”, em que o líder religioso profere um discurso centrado em aspectos da caridade, da pobreza, da fome, mostrando para o auditório como este deve se comportar diante do próximo, ou seja, de qualquer pessoa que necessita de ajuda. Além disso, ratifica-se que a fome ganha destaque durante a pregação religiosa, pois o orador evidencia os malefícios provocados por esse mal; e mais à frente, o orador também retrata a própria experiência que teve com a fome durante a infância de miséria.

Os argumentos, agrupados em feixes, contribuem para uma melhor eficácia argumentativa utilizada pelo orador. Assim, é possível observar como o orador, para conferir legitimidade ao discurso e tentar persuadir o auditório, lançou mão de elementos retóricos (argumentos, lugares etc.) com o objetivo de angariar a audiência de todos aqueles que ouvem o discurso religioso cristão.

Nesse sentido, é por meio do discurso (*logos*) que esses aspectos são colocados de maneira estratégica e persuasiva pelo orador, com vistas a suscitar emoções, sentimentos no auditório (*pathos*), como pode ser visto no momento retórico a seguir:

...Louvado seja Deus pode sentar...eu cronometrei aqui exatamente o tempo que vocês ficaram em oração... foi um minuto e dezesseis segundos do meu oremos até o meu amém... um minuto não sei se dá pra vocês enxergar aí mas um minuto e dezesseis segundos... por que eu fiz isso? porque eu gostaria de trazer uma informação pra você... uma informação muito importante eu quero que você preste muita atenção...enquanto você orava por uma pessoa que sofre durante um minuto exatamente dezessete crianças pelo mundo estatisticamente estava morrendo pelo efeito da fome... você entendeu o que eu falei? dezessete crianças morriam de fome enquanto você fazia essa oração... estatisticamente a cada três vírgula cinco segundos um número um pouquinho maior mas eu tô arredondando morre uma criança de fome no mundo... é um número alarmador igreja... é ou não é gente? muito triste... muitas dessas crianças já nascem com problemas de saúde porque a fome que a mãe vinha passando durante a gravidez e elas dificilmente vão conseguir sobreviver... países como Serra Leoa... as crianças é:: a cada dez crianças são números antigos que eu vi a cada dez crianças apenas duas crianças conseguem chegar aos cinco anos de idade... é muito triste... e essas duas que vão chegar aos cinco anos não sabemos... o controle de natalidade é:: péssimo... a fome é terrível... e a aids que chega a atingir mais de noventa por cento da população... num dá trégua e acaba matando muitas pessoas...

Fonte: corpus desta pesquisa.

Neste excerto, assim como nos demais, os ingredientes da ação retórica são postos pelo orador de maneira estratégica e persuasiva. Em vista disso, o orador inicia este momento retórico pedindo ao auditório para que faça uma oração silenciosa em favor de alguém que esteja sofrendo por algum problema pessoal. Enquanto acontece a oração silenciosa, o próprio orador cronometra a duração/tempo da oração e em seguida enuncia: *“Louvado seja Deus pode sentar...eu cronometrei aqui exatamente o tempo que vocês ficaram em oração... foi um minuto e dezesseis segundos do meu oremos até o meu amém... um minuto não sei se dá pra vocês enxergar aí mas um minuto e dezesseis segundos...”*.

Como se trata de uma relação assimétrica entre orador e auditório, este último obedece aos ditames do primeiro. Quando o orador mostra para o auditório as razões numéricas contidas na própria oração realizada, ele está utilizando-se do lugar retórico da quantidade, pois *“um minuto e dezesseis segundos”* é utilizado para enfatizar os dados meramente quantitativos que o orador mostra ao auditório para tentar persuadi-lo mais à frente.

Então, a presença desse dado numérico (lugar retórico da quantidade) colocado logo no início do sermão oral abre o caminho para a persuasão, por esta ser o aspecto central da pregação religiosa, visto que boa parte do que for dito posteriormente será referenciado através dos números em destaque. O orador, estrategicamente, lança mão das razões quantitativas para argumentar e principalmente persuadir o auditório social.

Prosseguindo a pregação do sermão oral, o orador faz uma pergunta retórica acerca da oração silenciosa que antes fora cronometrada. Ele questiona: *“por que eu fiz isso? porque eu gostaria de trazer uma informação pra você... uma informação muito importante eu quero que você preste muita atenção...”*. O interessante é que o orador faz a pergunta e ele mesmo a responde, transmitindo para o auditório uma imagem glorificada de si mesmo, pois ele mesmo é o dono da pergunta e também da resposta. Seria preferível permitir a resposta do auditório? No caso específico, não. Se assim o fosse, o evento comunicativo do sermão oral não aconteceria de maneira organizada.

Como fora dito anteriormente, o auditório do gênero sermão oral não pode se manifestar de forma que intervenha na pregação do orador religioso, o que caracteriza uma relação de assimetria entre orador e auditório. O primeiro detém o poder da palavra; o segundo apenas ouve. Por isso, o gênero sermão oral tem por vocação um discurso em que apenas o chefe religioso pode conduzir a pregação do sermão oral.

Em seguida, o orador mostra para o auditório o motivo pelo qual ele solicitou a oração silenciosa e cronometrada: *“...enquanto você orava por uma pessoa que sofre durante um minuto exatamente dezessete crianças pelo mundo estatisticamente estava morrendo pelo efeito da fome... você entendeu o que eu falei? dezessete crianças morriam de fome enquanto você fazia essa oração... estatisticamente a cada três vírgula cinco segundos um número um pouquinho maior mas eu tô arredondando morre uma criança de fome no mundo... é um número alarmador igreja... é ou não é gente?”*.

O orador traz um dado possivelmente novo para todos os integrantes do auditório social. Por meio do lugar retórico da quantidade, o orador ressalta: *“...enquanto você orava por uma pessoa que sofre durante um minuto exatamente dezessete crianças pelo mundo estatisticamente estava morrendo pelo efeito da fome...”*. Segundo o orador, são dezessete crianças morrendo a cada minuto. O valor numérico torna o discurso persuasivo ainda mais por se tratar de crianças, já que estas são frágeis, dóceis, puras.

No mesmo excerto, percebe-se a presença do argumento (baseado na estrutura do real) pragmático. O orador mostra para o auditório que *“durante um minuto exatamente dezessete crianças pelo mundo estatisticamente estava morrendo pelo efeito da fome...”*. Observa-se com essa sequência que a fome gera uma consequência desfavorável para todos e especificamente para as crianças, qual seja, a morte. O uso do argumento pragmático por parte do orador evidencia o trágico problema da fome pelo mundo.

Após trazer esses dados sobre a mortalidade de várias crianças a cada minuto, o orador, depois de ter despertado as paixões, sentimentos, emoções (*pathos*) no auditório, novamente faz uma pergunta retórica: *“a cada três vírgula cinco segundos um número um pouquinho maior mas eu tô arredondando morre uma criança de fome no mundo... é um número alarmador igreja... é ou não é*

gente?”. O auditório fica sob a responsabilidade de aderir ou não ao questionamento feito pelo orador. No entanto, o próprio orador já criou a situação persuasiva por meio dos argumentos retóricos, por isso acredita-se que o assentimento do auditório tem grande possibilidade de acontecer.

Ao continuar a pregação do sermão oral, o orador explica para o auditório os possíveis motivos de acontecer tantas mortes de crianças pelo mundo afora. Consoante ao orador: *“muito triste... muitas dessas crianças já nascem com problemas de saúde porque a fome que a mãe vinha passando durante a gravidez e elas dificilmente vão conseguir sobreviver...”*.

Nesse momento da pregação, o orador faz uso do argumento (quase lógico) da transitividade, pois indica que os problemas de saúde que assolavam a mãe transitaram até chegar aos filhos e por isso que as crianças *“nascem com problemas de saúde”*. O argumento (quase lógico) da transitividade foi utilizado pelo orador como uma possível justificativa para as mortes das crianças.

Perto de finalizar esse primeiro momento retórico do terceiro sermão oral, o orador recorre ao argumento (quase lógico) da comparação para comparar duas realidades. O orador afirma: *“países como Serra Leoa... as crianças é::: a cada dez crianças são números antigos que eu vi a cada dez crianças apenas duas crianças conseguem chegar aos cinco anos de idade... é muito triste... e essas duas que vão chegar aos cinco anos não sabemos...”*.

O orador recorre a um país da África Ocidental (Serra Leoa) para comparar com os dados já ditos na pregação. Como se viu, o primeiro caso caracteriza-se pela morte de dezessete crianças por minuto, isso no mundo todo. No segundo caso, em Serra Leoa, de dez crianças, apenas duas conseguem chegar aos cinco anos de idade e essas duas podem ou não conseguir chegar à idade adulta. Novamente, o uso do argumento foi colocado de maneira estratégica, fazendo uma avaliação entre as duas realidades postas, mesmo sendo dados negativos por tratarem de mortes de crianças.

Novamente, o lugar retórico da quantidade é utilizado pelo orador para comparar as duas realidades, quando ele assegura: *“a cada dez crianças são números antigos que eu vi a cada dez crianças apenas duas crianças conseguem chegar aos cinco anos de idade... é muito triste... e essas duas que vão chegar aos cinco anos não sabemos...”*.

Ao utilizar o lugar retórico da quantidade, o orador procura chamar a atenção do auditório para os números alarmantes em relação às mortes de crianças. Talvez, se o orador não recorresse aos números, a argumentação não despertaria emoções no auditório social e o poder persuasivo não seria tão incisivo. Além do mais, está-se falando de mortes de crianças, o que pode aumentar a intensidade de adesão no auditório social.

Para concluir esse primeiro momento retórico do terceiro sermão analisado, o orador, novamente, recorre ao argumento (baseado na estrutura do real) pragmático, quando diz: *“o controle de natalidade é:: péssimo... a fome é terrível... e a aids que chega a atingir mais de noventa por cento da população... num dá trégua e acaba matando muitas pessoas...”*.

O orador indica para o auditório as possíveis causas de tantas mortes infantis. Segundo ele, o mau controle de natalidade, a fome, a AIDS, tudo isso tem um efeito desfavorável para toda a população: a morte de muitas pessoas, principalmente das crianças. Por isso, o uso do argumento (pragmático) mostra os efeitos devastadores que a fome provoca.

Ainda no mesmo excerto em tela, é possível visualizar a presença dos dados numéricos que entram em cena na argumentação do orador do sermão oral, quando ele argumenta: *“e a aids que chega a atingir mais de noventa por cento da população”*. Mais uma vez, verifica-se que lugar retórico da quantidade é utilizado para confirmar o discurso de mortalidade.

Portanto, o uso do lugar retórico visa levar o auditório ao assentimento da ideia transmitida pelo orador em destaque. As artimanhas persuasivas empreendidas pelo orador têm um objetivo central: persuadir o auditório social, constituído pelos fiéis e outros possíveis convidados presentes no momento da argumentação religiosa cristã.

3.4.8 Análise do momento retórico 8

Este oitavo momento retórico refere-se à narração/confirmação do sermão intitulado *“O amor ao próximo”*, em que o orador vem mostrando para o auditório social os males provocados pela fome. Agora, o orador procura despertar no auditório a atenção para o fato de que as Igrejas vêm aumentando nesses lugares

onde a fome tem devastado, mas não há uma contribuição de tais instituições religiosas para diminuir ou zerar esse mal.

Assim, mesmo com o crescimento das Igrejas em locais onde a fome impera, não há um trabalho expressivo capaz de acabar com esses índices de mortes. O orador ainda faz duras críticas para as pessoas que têm alimentos em casa e mesmo assim reclamam constantemente por não terem os melhores alimentos. Partindo desses posicionamentos, o orador vai construindo sua argumentação, como se pode ver a seguir:

...É que o número de igrejas evangélicas tem crescido principalmente nessas comunidades... aí me chama muito a atenção disso porque cresce o número de evangé/ igrejas evangélicas nessas comunidades mais pobres e a fome não diminui... por isso pergunto será que nós estamos cumprindo verdadeiramente a missão que o nosso mestre nos ensinou? eu sei que a bíblia está cheia de muitas doutrinas e ensinamentos preciosos maravilhosos que nós precisamos o mundo precisa ouvir amém? mas o mundo precisa ser saciado a sua fome... quando nós pregamos o evangelho ele tem feito a nossa obra e quão formosos são os pés daqueles que anunciam a mensagem do senhor a obra do senhor... anunciam o evangelho do senhor... mas quão formoso é o espírito de uma pessoa que sacia a fome de alguém... eu queria trazer esse dado pra você chamar a sua atenção pra o número de pessoas que estão pelo mundo passando fome... é engraçado que a gente senta na mesa pra comer eu mesmo já fiz isso muitas vezes e quando vai comer ovo pela quinta vez na semana e ainda é na quinta-feira né? o caba reclama meu Deus ovo de novo né? ovo de novo? outro dia eu tava perguntando tô com medo de ir ao banheiro e botar um ovo... sentir aquelas dores e chegar lá e botar um ovo... desse jeito aí que eu tô comendo ovo... como a gente reclama irmãos tendo barriga cheia... quando tantas pessoas estão passando fome e necessidade pelo mundo...

Fonte: *corpus* desta pesquisa.

Neste oitavo fragmento, o orador continua a pregação do sermão intitulado o amor ao próximo. De início, o orador encaixa a seguinte afirmativa: “...É que o número de igrejas evangélicas tem crescido principalmente nessas comunidades...”. Nesse trecho específico, o orador recorre ao lugar retórico da quantidade para dizer que os números de denominações religiosas cristãs têm aumentado de forma acentuada, principalmente em comunidades pobres, o que poderia ser uma contribuição para que a vulnerabilidade social pudesse ser melhorada nessas comunidades.

No entanto, o discurso do orador mostra o contrário, pois mesmo nessas comunidades pobres em que há a presença de várias instituições religiosas de linha cristã, a pobreza extrema ainda assola as pessoas. É o que se pode ver a

seguir: *“aí me chama muito a atenção disso porque cresce o número de evangélicas/ igrejas evangélicas nessas comunidades mais pobres e a fome não diminui... por isso pergunto será que nós estamos cumprindo verdadeiramente a missão que o nosso mestre nos ensinou?”*.

Ainda nesse fazer retórico, o orador utiliza-se do argumento (quase lógico) da incompatibilidade para mostrar uma contradição: mesmo existindo a presença de Igrejas nas comunidades em destaque a fome não cessa. Ora, o papel social das Igrejas é promover meios para ajudar as pessoas em diversos aspectos: social, espiritual, econômico, entre outros.

Entretanto, o orador faz uma pergunta retórica em relação a isso: *“será que nós estamos cumprindo verdadeiramente a missão que o nosso mestre nos ensinou?”*. Essa pergunta confirma a incompatibilidade, pois se estivessem atuantes, talvez as pessoas não estivessem passando por tanta miséria nas comunidades ora mencionadas.

Numa ação conjunta dos argumentos e lugares retóricos presentes no gênero discursivo sermão oral, o orador recorre ao lugar retórico da qualidade para promover o principal livro religioso do Cristianismo, quando explica: *“eu sei que a bíblia está cheia de muitas doutrinas e ensinamentos preciosos maravilhosos que nós precisamos o mundo precisa ouvir amém? Mas o mundo precisa ser saciado a sua fome...”*.

O orador argumenta que a Bíblia é um livro preciso, cheio de doutrinas, colocando-o como sendo algo único entre todos os demais livros que existem acerca da literatura cristã. Conforme o orador, a Bíblia é um livro que *“o mundo precisa ouvir amém?”*. Desse modo, o lugar da qualidade é utilizado para promover o principal livro da religiosidade cristã, ao mesmo tempo em que exclui qualquer outro que possa superá-lo em termos de raridade, unicidade.

Ainda no mesmo excerto, é possível observar que o orador, persuasivamente, se serve da figura retórica metonímia, como se pode verificar no seguinte trecho: *“mas o mundo precisa ser saciado a sua fome...”*. O orador diz que o mundo precisa se alimentar, mas essa alimentação não é de alimento, comida, mas sim da leitura bíblica.

Diante disso, o mundo, consoante ao discurso do orador, refere-se às pessoas que habitam a terra; a fome, como fora dito, é a necessidade de leitura e

compreensão das vontades bíblicas para os fiéis da instituição religiosa. A figura retórica foi utilizada como um mecanismo persuasivo para conseguir o assentimento do auditório e a própria linguagem figurativa tem como principal objetivo aumentar a intensidade da adesão.

A seguir, o orador, prosseguindo a pregação do sermão oral, encaixa a seguinte sequência argumentativa: *“quando nós pregamos o evangelho ele tem feito a nossa obra e quão formosos são os pés daqueles que anunciam a mensagem do senhor a obra do senhor... anunciam o evangelho do senhor...”*.

Nesse excerto, o orador mostra, por meio do argumento (baseado na estrutura do real) pragmático que o ato de pregar o evangelho para as pessoas gera uma consequência favorável ao pregador: ele tem os pés formosos, isto é, ele é agraciado pela divindade da religião cristã. Mais uma vez, as artimanhas persuasivas empreendidas pelo orador são postas de maneira estratégica. O orador e o contato com o seu auditório se dá nesse jogo persuasivo em que os argumentos exercem a função de persuadir.

O orador transmite para o auditório a ideia de que há a necessidade de os fiéis cuidarem daqueles que são destituídos do mínimo de recurso possível para a sobrevivência. O orador afirma: *“mas quão formoso é o espírito de uma pessoa que sacia a fome de alguém... eu queria trazer esse dado pra você chamar a sua atenção pra o número de pessoas que estão pelo mundo passando fome...”*. O lugar retórico de pessoa é evocado pelo orador, pois este lugar mostra o cuidado, o zelo pela pessoa humana e ratifica como o lado humano permanece acima de qualquer outro cuidado. Nesse sentido, o ato de saciar a fome é cuidar do corpo e consequentemente da vida do ser humano.

Depois, o orador cria um momento de relaxamento (digressão) diante do auditório social para o que enuncia: *“é engraçado que a gente senta na mesa pra comer eu mesmo já fiz isso muitas vezes e quando vai comer ovo pela quinta vez na semana e ainda é na quinta-feira né? o caba reclama meu Deus ovo de novo né? ovo de novo?”*. Além da digressão provocada pelo próprio orador, é possível verificar a presença do lugar retórico da ordem, pois segundo o orador, já era a quinta vez que ele comia ovo na mesma semana. Assim, já houve a primeira vez, segunda, terceira e a quarta, ocasião pela qual justifica a ordem dos fatos anteriores acima dos posteriores.

Ainda no mesmo fragmento anterior, o orador lança mão do argumento (quase lógico) do ridículo para efetivar a argumentação. O orador mostra que mesmo havendo alimento para comer, as pessoas reclamam porque o alimento é ovo. Conforme o argumento em destaque, isso é condenável, pois o principal existe: há alimento para saciar a fome. Mesmo com a reclamação *“meu Deus ovo de novo né? ovo de novo?”* o fato principal e a opinião aceita é que o alimento existe e não haveria a necessidade de tais reclamações. É possível entender que os efeitos persuasivos presentes no discurso do orador buscam atingir às emoções do auditório social para que este possa aderir ao que propõe o discurso proferido pelo orador do sermão oral.

Próximo de finalizar este outro momento retórico, o orador utiliza a figura retórica da comparação (símile) para exemplificar uma situação aparentemente engraçada, quando diz: *“outro dia eu tava perguntando tô com medo de ir ao banheiro e botar um ovo... sentir aquelas dores e chegar lá e botar um ovo... desse jeito aí que eu tô comendo ovo...”*. O discurso proferido pelo orador segue todo o ritual de pôr ovos de uma galinha.

A comicidade aparece como uma forma de tornar o auditório aberto ao discurso, além de promover ainda mais a confiança em uma imagem de um orador que brinca e é alegre com o seu auditório. São estratégias persuasivas utilizadas para conseguir a audiência do auditório social.

Como fecho desse momento retórico, o orador faz uso do argumento (quase lógico) da incompatibilidade para mostrar a diferença entre duas realidades opostas: *“como a gente reclama irmãos tendo barriga cheia... quando tantas pessoas estão passando fome e necessidade pelo mundo...”*.

Neste excerto, o orador indica uma contradição: a pessoa está de barriga cheia e ainda reclama, mesmo sabendo que há várias pessoas passando fome pelo mundo, a exemplo de Serra Leoa, na África Ocidental. Presume-se que o uso do argumento da incompatibilidade utilizado pelo orador visa persuadir o auditório para que este perceba a necessidade de atentar para essa contradição e não cometer a mesma incompatibilidade.

3.4.9 Análise do momento retórico 9

Este é o último momento retórico das análises que foram realizadas neste trabalho de dissertação e diz respeito à peroração do sermão intitulado “*O amor ao próximo*”. Como se viu até agora, o sermão oral é um gênero fundamentalmente persuasivo, em que o orador se vale de um leque de categorias retóricas (argumentos, lugares etc.) para construir o discurso e persuadir o auditório a que se dirige. Cada argumento empregado pelo orador aumenta a intensidade da adesão. O auditório, por apresentar um acordo prévio com o orador, pode ou não aceitar as proposições que lhe são apresentadas durante a proferição do discurso religioso cristão.

Neste momento retórico em específico, o orador traz ao discurso o nome de Madre Tereza de Calcutá, a fim de mostrar para o auditório a importância da caridade, do cuidar do outro, como a referida religiosa sempre fizera enquanto existira. Além disso, também explica a devastação que a fome é capaz de fazer com qualquer pessoa e inclusive conta para o auditório a própria experiência com a fome dentro de casa.

Como fecho do sermão oral intitulado “*O amor ao próximo*”, o orador mostra que conseguiu vencer na vida e cita uma passagem bíblica para confirmar o discurso. É possível acompanhar todos esses aspectos no momento seguinte:

...Uma das fés que mais me impressiona é de uma católica Madre Tereza de Calcutá uma das histórias mais incríveis é a história dessa mulher que amava as pessoas mas amava de um jeito que dedicou sua vida para as pessoas ela lá na Índia pegava as mulheres sujas os homens ela começou a observar que na sua missão que as pessoas a população lá é enorme... as pessoas estavam no meio da rua sujas cheias de ferida... as crianças sofrendo e ela começou a tratar aquelas pessoas amar aquelas pessoas e cuidar daquelas pessoas /.../ a fome é uma coisa terrível... a fome ACABA com o físico da gente ACABA com o espiritual ACABA com a saúde acaba com a mente... a fome é terrível... durante a minha infância pelo menos até os meus quinze anos de idade eu enfrentei a fome dentro da minha casa... a fome é terrível... terrível... mas pior que a fome é o preconceito que as pessoas tem por aqueles que passam necessidade é a pior coisa que tem /.../ nós vivíamos do que o povo doava pra gente... e as pessoas foram muito generosas com a gente... eu louvo a Deus por isso... louvo muito a Deus por isso... estudei lutei e graças a Deus não vivo mais passando essas necessidades mas sempre que eu vejo um irmão meu passar necessidade aquilo me dói é triste... eu espero que cada um de vocês coloque isso no seu coração... de dar mais valor as pessoas mais simples mais humildes... elas precisam de valor... e lembre-se quando fizestes a um destes pequeninos a mim o fizestes... não fazer nada por alguém meus irmãos... a sua religião não vale de nada... a verdadeira religião é isso cuidar dos órfãos e das viúvas...

Fonte: *corpus* desta pesquisa.

O orador inicia este último momento retórico falando de Madre Tereza de Calcutá e explica para o auditório o quão importante é o exemplo deixado por ela para todas as pessoas da cristandade. Mesmo o orador sendo de uma instituição religiosa diferente da de Madre Tereza, ele não deixa de elogiar o legado da referida religiosa católica, ao afirmar: “...*Uma das fés que mais me impressiona é de uma católica Madre Tereza de Calcutá*”. Ao trazer ao discurso o nome da religiosa cristã do catolicismo romano, o orador faz uso do lugar de essência, já que Tereza representa uma das principais mulheres de fé da Igreja cristã. Ela ocupa um lugar de essência, pois é caracterizada mundialmente como uma referência de fé para todos os cristãos.

Ao mencionar o nome da Madre, o orador indica para o auditório que a religiosa representa “...*uma das histórias mais incríveis é a história dessa mulher que amava as pessoas mas amava de um jeito que dedicou sua vida para as pessoas...*”. Nesse momento do discurso, o orador elogia a religiosa e faz uso do argumento (que funda a estrutura do real) do exemplo, pois classifica Madre Tereza de Calcutá como alguém que amava as pessoas, que tinha muita fé e que dedicou a vida para cuidar do próximo. Assim, ela configura-se em um exemplo a ser seguido por mulheres e homens de toda a cristandade. O orador recorreu a um exemplo de prestígio e reconhecido para persuadir o auditório, ao indicar as ações realizadas por Madre Tereza.

Prosseguindo a pregação religiosa do sermão oral, o orador passa a descrever as ações realizadas por Madre Tereza: “*ela lá na Índia pegava as mulheres sujas os homens ela começou a observar que na sua missão que as pessoas a população lá é enorme... as pessoas estavam no meio da rua sujas cheias de ferida... as crianças sofrendo*”. Assim, as ações caridosas realizadas por Tereza e descritas pelo orador foram postas a partir do argumento (quase lógico) a divisão do todo em suas partes. O orador começa falando que a religiosa cuidava das mulheres, dos homens e das crianças. O todo é caracterizado pela pessoa em si; as partes são as mulheres, os homens e as crianças, ou seja, Madre Tereza cuidava de todos aqueles que iam ao seu encontro ou aqueles que ela encontrava precisando de ajuda.

Ainda descrevendo as atitudes de Madre Tereza, o orador encadeia a seguinte sequência argumentativa: “*ela lá na Índia pegava as mulheres sujas os*

homens ela começou a observar que na sua missão que as pessoas a população lá é enorme... as pessoas estavam no meio da rua sujas cheias de ferida... as crianças sofrendo e ela começou a tratar aquelas pessoas amar aquelas pessoas e cuidar daquelas pessoas". O orador evoca o lugar retórico de pessoa para argumentar. O objetivo de Madre Tereza, conforme o discurso do orador, era o cuidado pela pessoa, pela vida humana. Ela oferecia cuidados, amor, zelo por cada mulher, homem e criança. Mais uma vez, o uso do lugar retórico busca persuadir o auditório social.

Após isso, o orador focaliza o discurso em um aspecto central: a fome. Ele é categórico: *"...a fome é uma coisa terrível... a fome ACABA com o físico da gente ACABA com o espiritual ACABA com a saúde acaba com a mente... a fome é terrível..."*. Ao fazer a referida afirmativa, identifica-se o uso do argumento (quase lógico) da definição, em que a fome é classificada como uma coisa terrível, que devasta tudo e todos. Além disso, o orador mostra as sequelas que a fome causa em qualquer pessoa: danifica o corpo humano, o lado espiritual, a saúde, a mente. Dessa maneira, o argumento utilizado mostra ao auditório os efeitos devastadores causados pela fome.

Ao abordar a fome, o orador traz ao discurso a sua própria experiência com esse mal que até os dias atuais assola muitas pessoas no mundo todo. Ele agora traz à tona as más experiências vividas na sua própria casa, ao afirmar o seguinte: *"durante a minha infância pelo menos até os meus quinze anos de idade eu enfrentei a fome dentro da minha casa... a fome é terrível... terrível... mas pior que a fome é o preconceito que as pessoas têm por aqueles que passam necessidade é a pior coisa que tem..."*.

Nesse sentido, com o objetivo de reforçar a adesão do auditório para o fato de que a fome é algo terrível, o orador fornece informações que aconteceram com ele mesmo durante a infância. O próprio orador sentiu na pele o que é ter fome. Diante disso, ele fez uso do argumento (que funda a estrutura do real) da ilustração para mostrar um caso particular que aconteceu com ele mesmo e persuadir o auditório no tocante ao que está sendo discutido no sermão oral.

Em seguida, o orador detalha como era a sua vida familiar e como foi ajudado por pessoas generosas: *"nós vivíamos do que o povo doava pra gente... e as pessoas foram muito generosas com a gente... eu louvo a Deus por isso..."*

louvo muito a Deus por isso...". Neste discurso, observa-se a presença do argumento (baseado na estrutura do real) a pessoa e seus atos, pois muitas pessoas tiveram a atitude de ajudar com doações a família do orador. Nesse sentido, os atos dessas pessoas foram imprescindíveis para a sobrevivência da família. Se não fossem elas, provavelmente, o orador e sua família teriam sérias dificuldades para existirem.

Depois de todo o sofrimento detalhado pelo orador, ele agora traz ao discurso a seguinte sequência: *"estudei lutei e graças a Deus não vivo mais passando essas necessidades"*. O orador argumenta que conseguiu superar os obstáculos, inclusive a fome. Assim, ele faz uso do argumento (baseado na estrutura do real) da superação, pois conseguiu, de fato, sair de uma situação de extrema pobreza. Além disso, ele afirma categoricamente que foi o estudo que deu a ele a possibilidade de superar as barreiras da vida. Os argumentos vão sendo encadeados com o objetivo de conquistar a adesão do auditório.

Mesmo vencendo as dificuldades da infância, o orador argumenta que quando vê alguém passando pelos mesmos ou piores problemas sente tristeza, como é possível observar a seguir: *"mas sempre que eu vejo um irmão meu passar necessidade aquilo me dói é triste... eu espero que cada um de vocês coloque isso no seu coração... de dar mais valor as pessoas mais simples mais humildes... elas precisam de valor..."*.

A ideia transmitida pelo orador está fundamentada no argumento (quase lógico) da reciprocidade, pois o orador mostra que ao ver um irmão passando as mesmas necessidades isso o faz lembrar de tudo aquilo que outrora também passou. Assim, as duas situações são correspondentes e o orador não quer que o mesmo mal que aconteceu com ele agora aconteça com um irmão seu.

Após o orador mostrar para o auditório que se entristece quando se depara com um irmão na mesma situação de vulnerabilidade social que um dia o próprio orador também passou, agora ele confirma o mesmo pensamento ao dizer: *"e lembre-se quando fizestes a um destes pequeninos a mim o fizestes..."*. Verifica-se que o orador lança mão do argumento (baseado na estrutura do real) de autoridade, visto que se utilizou de um texto bíblico (Mateus 25:40) para ratificar a ideia de ajudar ao próximo, principalmente em momentos de extrema necessidade, a exemplo da própria fome.

Ao apostar na expressão: “*e lembre-se quando fizestes a um destes pequeninos a mim o fizestes...*” o orador, como se viu, utilizou o argumento (baseado na estrutura do real) de autoridade, pois recorreu a uma passagem bíblica, mas também ao argumento (quase lógico) de transitividade. Ora, a passagem bíblica é dita pelo personagem Jesus, quando ele se referiu a uma grande multidão. Então, se alguém ajudar a um discípulo de Jesus (pequenino) irá, por meio da transição, ajudar o próprio Cristo. A ideia do argumento (quase lógico) de transitividade é manter essa ligação entre duas ou mais situações.

No momento final deste último excerto analisado, o orador utiliza-se do argumento (baseado na estrutura do real) do desperdício quando diz: “*não fazer nada por alguém meus irmãos... a sua religião não vale de nada... a verdadeira religião é isso cuidar dos órfãos e das viúvas...*”. O orador é categórico em dizer ao auditório que se cada um que está ouvindo a pregação religiosa se diz cristão, então há a obrigação de ajudar as pessoas que passam por necessidades adversas. A partir do entendimento do discurso do orador, se os cristãos não se ajudarem mutuamente e aos outros, a religião será vã.

Participar de todas as atividades da religiosidade cristã e não “*cuidar dos órfãos e das viúvas*” acarretará em um desperdício, pois, segundo o orador, não está seguindo os princípios da “*verdadeira religião*”. Com esse entendimento, não adianta ser religioso e negligenciar ações como, por exemplo, ajudar alguém em péssimas condições de vida.

CATEGORIAS RETÓRICAS ENCONTRADAS	TIPOLOGIA
Argumento de incompatibilidade (2) Argumento de reciprocidade Argumento a divisão do todo em suas partes Argumento do ridículo Argumento da definição Argumento de transitividade (2) Argumento de comparação	Argumentos quase lógicos
Argumento pragmático (3) Argumento a pessoa e seus atos Argumento de superação Argumento de autoridade Argumento de desperdício	Argumentos baseados na estrutura do real

Argumento do exemplo Argumento de ilustração	Argumentos que fundam a estrutura do real
Lugar da quantidade (6) Lugar de qualidade Lugar de pessoa (2) Lugar de ordem Lugar de essência	Lugares da argumentação

Quadro 6: síntese das categorias analisadas no terceiro sermão oral.

Fonte: Elaborado pelo autor desta pesquisa.

Verificou-se que o último sermão oral analisado está prenhe de argumentos quase lógicos, argumentos baseados na estrutura do real, argumentos que fundam a estrutura do real e lugares da argumentação. Mais uma vez, os argumentos quase lógicos foram os que mais predominaram nos fragmentos deste último sermão; os lugares da argumentação também tiveram grande destaque, pois o orador recorreu muitas vezes a esses lugares argumentativos; e os argumentos que dissociam noções não foram contemplados pelo orador.

3.4.10 Agrupamento das categorias encontradas

Para um melhor entendimento metodológico das análises realizadas nos fragmentos, a seguir há um quadro ilustrativo com o agrupamento das categorias retóricas encontradas em todos os momentos retóricos do gênero discursivo sermão oral, objeto deste trabalho.

CATEGORIAS RETÓRICAS ENCONTRADAS	TIPOLOGIA
Argumento a inclusão das partes no todo (3) Argumento a regra de justiça Argumento a divisão do todo em suas partes (3) Argumento da definição (6) Argumento de transitividade (4) Argumento de comparação (2) Argumento do ridículo (2) Argumento de incompatibilidade (3) Argumento de reciprocidade	Argumentos quase lógicos

Argumento de autoridade (3) Argumento a pessoa e seus atos (2) Argumento o grupo e seus membros Argumento do vínculo causal (2) Argumento pragmático (6) Argumento de superação Argumento de desperdício	Argumentos baseados na estrutura do real
Argumento o ser perfeito como modelo (3) Argumento do antimitelo (2) Argumento do exemplo (2) Argumento do modelo Argumento de ilustração (2)	Argumentos que fundam a estrutura do real
Argumento por dissociação (2)	Argumentos por dissociação das noções
Lugar da qualidade (2) Lugar de essência (3) Lugar de quantidade (7) Lugar de ordem (5) Lugar de pessoa (3)	Lugares da argumentação

Quadro 7: síntese das categorias analisadas nos momentos retóricos.

Fonte: Elaborado pelo autor desta pesquisa.

O quadro mostra o uso de uma variedade de argumentos: uns que apenas ilustram a exposição do orador; outros que indicam orientações para sua interpretação. Assim, argumentos como os denominados: comparação, ridículo, a pessoa e seus atos e todos os que apareceram numa recorrência de apenas duas vezes evidenciam o conteúdo informacional do discurso (*logos*).

São também importantes os argumentos da inclusão das partes no todo, a divisão do todo em suas partes, o de autoridade e todos os que tiveram essa recorrência, os quais apareceram como reforço argumentativo do gênero discursivo sermão oral.

No entanto, os que estão em maiores recorrências como os argumentos da definição, pragmático, auxiliados pelos lugares de quantidade e de ordem propulsionam uma caracterização do próprio gênero sermão oral em estudo. Assim, os oradores fizeram uso do argumento da definição por ser o mais importante de todos eles, pois, provavelmente, tudo o que vem à mente desses oradores passa por um processo de definição para que o auditório possa compreender as proposições apresentadas.

Completando isso, esse auditório melhor assimila se lhe forem apresentados dados numéricos, bem como ações em que haja consequências favoráveis e/ou desfavoráveis e, pelo fato de o discurso ser o sermão oral, os oradores argumentam mesmo em ordem de ascendência, conduzindo a atenção do auditório aos assuntos de linha religiosa cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho centrou-se nos estudos retóricos numa perspectiva antiga e nova, com ênfase nesta última, a fim de estudar o gênero discursivo sermão oral. Em um primeiro momento, foram apresentadas a historicidade, as categorias e algumas conceituações da Retórica. Mediante essas questões levantadas, o trabalho caminhou pelo entendimento de que a Retórica é uma arte de persuadir pelo discurso e que argumentar é fazer brilhar, vencer juntamente com outro e não contra ele.

Em um segundo momento, teorizou-se acerca dos aspectos do discurso religioso, das características do sermão oral enquanto um gênero do discurso, das definições do gênero sermão, dos elementos que constituem esse gênero e dos quatro grandes grupos de argumento. Notou-se, com isso, que o sermão é um gênero discursivo da oralidade por possuir as características elencadas por Marcuschi (2008) e por ter uma prática social e discursiva delimitadas, o que faz conexão com os argumentos, por se tratar de um gênero persuasivo.

No terceiro momento deste trabalho, foram feitos os procedimentos metodológicos e as análises dos dados. Perseguindo os caminhos qualitativos, o *corpus* foi analisado de acordo com os postulados retóricos. Considera-se o material analisado como uma possível contribuição nos estudos do gênero sermão oral pelo fato de, durante a revisão da literatura, não ter aparecido qualquer alusão a essa temática.

Este trabalho mostrou que o discurso religioso é uma esfera da atividade humana como qualquer outra e, como tal, engloba vários gêneros orais e escritos, entre eles, o sermão oral. A partir da escolha do citado gênero, realizou-se uma análise acerca das técnicas argumentativas utilizadas por oradores religiosos cristãos do agreste alagoano.

Para proceder à realização/execução do estudo, procurou-se responder às seguintes perguntas norteadoras: a) qual a importância de elementos retóricos para a efetividade comunicativa e persuasiva do gênero discursivo sermão oral? b) qual a função social e discursiva desse gênero de cunho religioso cristão? c) quais as técnicas argumentativas são utilizadas por oradores religiosos cristãos do agreste alagoano?

O gênero discursivo sermão oral apresenta elementos retóricos que contribuem para a efetividade comunicativa e persuasiva do referido gênero religioso cristão. Após as análises dos 9 (nove) momentos retóricos, percebeu-se um uso acentuado dos argumentos quase lógicos, com destaque para o argumento da definição, por ter sido o mais recorrente entre todos os argumentos quase lógicos utilizados pelos oradores.

O argumento pragmático também teve grande destaque, sendo o mais utilizado entre os argumentos baseados na estrutura do real. Entre os argumentos que fundam a estrutura do real, verificou-se que o argumento pelo exemplo foi o mais recorrente nos discursos analisados.

Em se tratando dos lugares da argumentação, destaca-se o da quantidade, pois foi o mais recorrente nos fragmentos analisados. Assim, esses elementos retóricos comprovam sua importância para a efetividade comunicativa e persuasiva intrínsecas ao gênero discursivo sermão oral.

Mediante as discussões, notou-se a importância do sermão oral na esfera religiosa cristã e que a função social e discursiva do referido gênero reside no fato de ele ser o principal veiculador da mensagem da religião cristã ao longo dos séculos. Essa investigação mostrou que o citado gênero é, entre os de linha religiosa cristã, o mais importante e praticado no domínio religioso.

Além disso, viu-se que o sermão tem a função de transmitir as ideologias, crenças, visões de mundo, doutrinas, entre outros aspectos, para os adeptos da religião, ou seja, para a cristandade em geral. Embora este trabalho tenha apresentado outros gêneros do domínio discursivo religioso (COSTA, 2009; MARCUSCHI, 2008), ratifica-se que o sermão oral é o mais importante na linha cristã, pois é por meio dele que o orador religioso se utiliza para transmitir as possíveis instruções divinas.

Assim, à luz dos postulados da Retórica, verificou-se que os oradores do agreste alagoano fizeram uso dos quatro tipos de argumento, bem como dos lugares da argumentação com vistas a convencer e persuadir o auditório social. Por isso, diz-se que, no domínio religioso cristão, especificamente nos sermões orais analisados, existem técnicas argumentativas com fins persuasivos.

No que diz respeito à utilização dos argumentos, percebeu-se que os quase lógicos foram os mais utilizados pelos oradores religiosos cristãos do

agreste alagoano, o que autoriza a pensar que essa tipologia organiza e fundamenta as estratégias de persuasão no gênero sermão oral.

Os argumentos baseados na estrutura do real, os que fundam a estrutura do real e os que dissociam noções também foram utilizados pelos oradores, mas não com a recorrência igual a dos quase lógicos. Mesmo assim, fica claro que o uso dos argumentos tem um objetivo específico: persuadir o auditório, constituído por todos os fiéis da denominação religiosa cristã, caracterizando um auditório particular.

No tocante aos lugares da argumentação, foi possível identificar o lugar da quantidade, da qualidade, da ordem, da essência, da pessoa. Todos esses lugares retóricos apontados por Abreu (2004) foram utilizados nos sermões em estudo. A utilização desses lugares da argumentação e a junção dos quatro tipos de argumento evidenciam como se organiza a persuasão no gênero discursivo sermão oral. O lugar da quantidade foi o que mais predominou, pois os oradores recorreram às razões numéricas para argumentar.

Durante a realização deste estudo foi possível entender que o sermão oral é um gênero persuasivo e que os oradores religiosos cristãos do agreste alagoano utilizam técnicas argumentativas, muitas vezes inerentes ao discurso proferido para conquistar a adesão do auditório social. Nesse sentido, o presente trabalho possibilitou um melhor entendimento sobre as técnicas argumentativas utilizadas por esses oradores do interior de Alagoas.

Os quadros ilustrativos, após as análises realizadas, evidenciam o agrupamento/síntese das categorias encontradas em todos os fragmentos analisados. É possível visualizar os quatro grandes grupos de argumento e os lugares da argumentação e entender quais categorias retóricas os oradores puderam utilizar nos discursos. Essas categorias (argumentos e lugares) foram as mais recorrentes durante as análises realizadas.

A grande contribuição (e novidade) deste trabalho foi mostrar que o sermão, um gênero discursivo da oralidade e de grande relevância social para o domínio religioso cristão, possui elementos retóricos que são utilizados por oradores religiosos cristãos do agreste de Alagoas com fins persuasivos.

Assim sendo, o objetivo dos oradores religiosos cristãos na argumentação não visa convencer e persuadir aqueles que já aceitam a crença cristã e que

seguem as doutrinas, pois eles já foram convencidos e persuadidos. Então, o objetivo é amplificar essa crença, alimentando-a semanalmente por meio das pregações religiosas nas instituições cristãs.

Para este trabalho, o *corpus* não foi analisado por completo, mas apenas destacados 3 (três) sermões orais; o auditório foi conceituado e classificado como sendo particular; nota-se que outros pontos (homogêneo e heterogêneo, heterogêneo e homogêneo) poderiam ser analisados, a exemplo da tríade aristotélica *ethos*, *pathos* e *logos*.

Outros assuntos podem constituir a continuidade de estudos dessa temática o que garante a importância de sua investigação, para estabelecer uma melhor compreensão do funcionamento do gênero discursivo sermão oral no agreste alagoano, a partir das categorias retóricas, contribuindo com as teorias acerca dos estudos retórico-argumentativos da língua/linguagem.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. São Paulo: Ateliê, 2009.

ALVES, Murilo Cavalcante. **Retórica do sermão da sexagésima**: a hermenêutica bíblica como fundamento da argumentação e do estilo. 2009. 93 f. Dissertação (Mestrado em Linguística: Literatura Brasileira) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BATISTA, Mário Sérgio. Linguagem e religião: discurso persuasivo. São Paulo: **Ciências da Religião**: história e sociedade, v. 13, n.2, p. 256-275, jul./dez. 2015.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEZERRA, Benedito Gomes. **A palavra de Deus na palavra humana**: gênero, preconceito e tradução da bíblia à luz da linguística. São Paulo: Pá de Palavra, 2019.

BOGDAN, Roberto C.; BKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRETON, Philippe. **A argumentação na comunicação**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

CATUNDA, Marcus Túlio Tomé. **Discurso, cognição e sociedade**: o discurso religioso na Igreja Universal do Reino de Deus - IURD. 2016. 211 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa. **O ensino da argumentação**: uma experiência didática com o artigo de opinião no curso de letras. 2010. 236 F. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Centro de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 15. ed. São Paulo: Ática, 2002.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DA ROCHA, M. S.; OLIVEIRA SANTOS, M. F. Os argumentos quase lógicos e os lugares da argumentação no gênero propaganda oral radiofônica. **Domínios de Lingu@gem**, v. 14, n. 1, p. 196-217, 11 fev. 2020.

EMEDIATO, Wander; FRANCO, Eduardo Assunção. Discurso religioso, argumentação e cognição da fé. In: MELO, Mônica Santos Souza. (Org.). **Reflexões sobre o discurso religioso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017.

FERREIRA, Luiz Antônio. **Leitura e Persuasão: princípios de análise Retórica**. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2017.

FIGUEIREDO, Maria Flávia et al. Pregação religiosa: uma caracterização à luz da teoria dos gêneros. **Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras**, Franca (SP), v. 5, n. 5, p. 129-153, jan./dez. 2009.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, Arly Tenório Rijo da Silva Lopes de. **Uma leitura retórico-semiótica do gênero charge no jornalismo Impresso alagoano**. 2018. 104 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Anima Educação, 2014.

HALLIDAY, Tereza Lúcia. **O que é retórica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LEACH, Joan. Análise retórica. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático** 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. Historicidade de um gênero de discurso: o sermão. In: _____. **Doze conceitos em análise de discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. **Língua, linguística e literatura**, João Pessoa, v. 1, n.1, p. 9-40, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, Mônica Santos Souza. Considerações sobre o domínio de prática discursiva religioso. In:_____. **Reflexões sobre o discurso religioso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017.

MELO, Deywid Wagner de. **Uma análise retórica do gênero defesa pública**. 2008. 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística; Literatura Brasileira) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

MELO, Deywid Wagner de. **Análise retórico-textual dos gêneros discursivos orais do judiciário: acusação e defesa**. 2013. 247 f. Tese (Doutorado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.

MEYER, Michel. **A Retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MORAIS, Eduardo Pantaleão de. **Uma análise retórico-textual da citação como argumento de autoridade no artigo científico**. 2015. 176 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.

MORAIS, Eduardo Pantaleão de. **O macroethos racional e o afetivo na argumentação do julgamento do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2019.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. (Orgs.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 3. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

NUNES, Valfrido da Silva. **O gênero carta do leitor no Jornal do Commercio de Pernambuco: uma abordagem sociorretórica**. 2012. 236 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, v. 2, n. 3. 2008.

OLIVEIRA, Almir Almeida de. Observação e entrevista em pesquisa qualitativa. In: **Revista FACEVV**, Vila Velha, nº 4, jan./jun. 2010, p. 22-27.

ORLANDI, Eni. O discurso religioso. In:_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 6. ed. Campinas/SP: Pontes, 2011.

PERELMAN, Chain; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

- PLANTIN, Christian. **A argumentação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- REBOUL, Oliver. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ROCHA, Max Silva da; SILVA, Margarete de Paiva. A linguística textual e a construção do texto: Um estudo sobre os fatores de textualidade. **Revista a Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 18, n. 2, maio/ago. 2017, p. 26-44
- ROCHA, Max Silva da; SANTOS, Maria Francisca Oliveira. Análise retórica do gênero discursivo sermão oral. **Polifonia**, Cuiabá/MT, v. 25, n.37.1, p.88-106, janeiro-abril de 2018.
- ROCHA, Max Silva da; SANTOS, Maria Francisca Oliveira. Aspectos da argumentação e da recategorização metafórica no gênero sermão oral. **Revista a Cor das Letras**, Feira de Santana/BA, v. 19, n. 2, p. 34-45, maio-agosto de 2018.
- ROCHA, Max Silva da; SANTOS, Maria Francisca Oliveira. O dialogismo no gênero discursivo sermão oral. In: MORAIS, Eduardo Pantaleão de; MELO JUNIOR, José Nildo Barbosa de; SANTOS, Maria Francisca Oliveira. (Orgs.). **Nas ondas do texto e do discurso**. Campinas/SP: Pontes, 2019.
- ROCHA, Max Silva da. Uma análise dialógica do gênero discursivo sermão oral proferido em denominações religiosas cristãs. **Memento**, Três Corações/MG, v. 10, n.2, p.1-19, julho-dezembro de 2019.
- SOUSA, Américo De. **A persuasão**. Covilhã/Portugal: Universidade da Beira Interior, 2001.
- SANTOS, Franciane da Silva. **Metáforas em reportagens da revista Época**: uma análise retórica. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.
- SANTOS, Maria Francisca Oliveira. **Aspectos do discurso religioso**. 1980. 187 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1980.
- SANTOS, Maria Francisca Oliveira. **As marcas retórico-críticas no gênero editorial**. Curitiba/PR: Appris, 2018.
- SANTOS, Maria Francisca Oliveira; ROCHA, Max Silva da. (Orgs.). **Teceres diferentes em gêneros orais e escritos**. Arapiraca/AL: EDUNEAL, 2018.
- SILVA, Severino Pedro da. **Homilética**: o pregador e o sermão. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias, 1992.

SILVA, Lucas Nascimento. **O orador Jesus Cristo e suas técnicas argumentativas**: um estudo retórico no Sermão do Monte. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

SILVA, Romildo Barros da. **Análise dos argumentos persuasivos no gênero debate político televisionado**. 2018. 176 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística: Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

SOARES, Luciano Bertulino. **Uma abordagem retórica do gênero debate em sala de aula**. 2017. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

SOUZA, Severino dos Ramos de. **Homilética**: a eloquência da pregação. Curitiba/PR: A. D. SANTOS EDITORA, 1999 [1959].

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXO 1 – NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras	()
Hipótese do que se ouviu/dúvidas ou suposições	(hipótese)
Truncamento	/
Entonação enfática	MAIÚSCULO
Prolongamento de vogal e consoante	: ou :: ou mais
Silabação	- - -
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários do transcritor	((comentário))
Sobreposição de vozes (depois de começado o turno)	[
Falas simultâneas (no início do turno)	[[
Nomes dos informantes	Uso de letras (A, X etc.)

Fonte: adaptado de Marcuschi (2003).

ANEXO 2 – TRANSCRIÇÕES DO CORPUS

Transcrição do primeiro Sermão oral

Tema: A vida dos cristãos

Orador: Líder religioso

E hoje nós temos aqui uma mensagem da palavra de Deus uma mensagem muito importante como todas as mensagens da palavra de Deus possa ser/mesmo que venha ser pregada por uma criança ou por um senhor de idade ou por uma senhora é:e não importa a cor não importa a idade não importa a pessoa que pregue a mensagem da palavra de Deus ... com certeza vai ser de grande valia para o crescimento espiritual de todos... amém? Deus... ele age em todos por todos e por meio de todos... então não importa a pessoa que está aqui na frente ministrando a palavra o que importa é a palavra que está sendo ministrada porque essa palavra é a palavra de Deus... amém? a palavra é a palavra de Deus...então Deus fala através de sua palavra... Deus fala também através da natureza os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos... mas a maior revelação de Deus... é da pessoa de Jesus Cristo... Deus revelou a nós em pessoa... em pessoa humana e Jesus se fez homem e levou essa humanidade para o céu ... no livro de Atos diz esse Jesus que subiu é o mesmo que virá... então cristo é Deus e homem e nunca mais deixará de ser Deus e homem ele será Deus e homem para sempre... ele levou a nossa humanidade ele se identificou tanto com a humanidade que ele se fez homem e levou essa humanidade para o céu... então Jesus é a maior revelação de Deus... hoje vamos falar sobre uma filosofia sobre uma frase que é muito conhecida no meio cristão né... uma frase de Marathma Gandhi não sou cristão por causa dos... cristãos não sou cristão por causa dos cristãos... marathma Gandhi... com certeza é uma das maiores personalidades não é? conhecidas no mundo de hoje... no mundo atual... é:: MAratam Gnadi ele tem uma história muito bonita né que o mundo conhece... esta/ na verdade o nome Gandhi é (...) conhecido como a grande alma... quem foi esse homem? Eu estudei um pouquinho sobre ele muito pouco... na verdade muito pouco somente para ter assim um fundamento para pregar pra os irmãos vamos trazer essa frase de... Mahatma Gandhi para a bíblia né: claro que essa frase não tem na bíblia... mas assim a/nós podemos comparar com versículos bíblicos... que possam nos ajudar a entender um pouco mais dessa frase de Gandhi num é...não sou cristão por causa dos cristãos.. Gandhi foi o idealizador e fundador do moderno Estado indiano e o maior defensor do sachiagrá sachiagrá que é o principio da não agressão (...) outra frase de grande é eu seria cristão se os cristão o fossem vinte e quatro horas por dia.. olha que frase forte a frase de Gandhi né... não sou cristãos por causa dos cristãos... ele diz eu seria cristão sem dúvida se os cristão o fossem vin-te e qua-tro horas...já imaginou como é forte essas essas frases desse homem né... nós precisamos entender algumas coisas ... pra gente tirar algumas conclusões dessa frase... primeira delas quando Gandhi fala não sou cristão ele não está se referindo é:: essa palavra cristão não está se referindo apenas a vamos imaginar uma denominação religiosa por exemplo os católicos os evangélicos os assembleianos o pessoal da congregação ou nós X... cristão é todo aquele que confessar crer em Jesus Cristo né... quem tem Jesus como o pai do cristianismo a razão da sua fé... então também posso enquadrar nós como cristãos amém? os católicos são

cristãos não é... os assembleianos são cristãos o pessoal da congregação são cristão... então essa mensagem é para todo esse grupo de pessoas que acreditam em Jesus Cristo como o pai do cristianismo ... pessoas que lutam para serem parecidas com Jesus os (argumento do modelo)cristãos na verdade deve ser cópias de Jesus ter Jesus com o seu grande mestre o seu grande senhor o seu grande Deus e o seu grande salvador ... e os cristãos eles devem se esforçar para serem o mais parecido com Jesus...então é para esse grupo (o grupo e seus membros) de pessoas que Gandhi está falando... eu não sou cristão por causa dos cristãos... com certeza Gandhi conheceu inúmeros cristãos... e Gandhi se decepcionou com o que viu nos cristãos para que ele pronunciasse uma frase como essa...não deixa dúvida fica claro isso...ele expressamente ele gostaria de ser cristão sem dúvida ele seria cristão se os cristãos vivessem o cristianismo vinte e quatro horas por dia...ele diz não sou cristão oh por causa dos cristãos então ele mostra que tinha vontade de ser cristão... outra coisa importante Gandhi ele fazia parte de um/fazia parte de outra religião não cristã ele diz eu não sou cristão ... então essa frase é de um não cristão... e ele tem um motivo para não ser cristão ... os próprios cristãos o comportamento dos cristãos na época dele os cristãos que ele conhecia ... o comportamento desses cristãos a maneira ele viu a incoerência dos cristãos com aquilo que eles professavam ... professavam uma coisa e viviam outra... tudo isso levou Gandhi a se decepcionar com os cristãos a ponto de dizer eu não sou cristão por causa deles... interessante né? Outra coisa importante essa citação ela tem aspectos positivos mas também tem negativos o que? Negativos não é? Eu concordo com Gandhi em partes... quais são os aspectos positivos que nós podemos tirar dessa frase ? essa frase é uma crítica muito severa... a a vida dos cristão não é? ao comportamento ou seja por causa do comportamento deles por causa da incoerência que eles tem porque eles professam ser/eles professam uma coisa e vivem outra...(argumento aparência x realidade) então positivamente deve-nos levar a refletir o que somos como estamos vivendo como estamos nos comportando diante do conhecimento que nós temos ... o conhecimento de Jesus ...você professa conhecer Jesus mas a tua vida prova isso que de fato você conhece Jesus? Conhecer Jesus não é só conhecer a história dele na bíblia... a tua vida denuncia se você conhece Jesus ou não conhece Jesus... eu acho muito bonita aquela parte do evangelho em que Pedro está ali negando a Jesus eu acho bonito a parte que ele nega num é... mas mesmo ele negando Jesus o que que é que as pessoas diziam? Tu és um dele porque o teu modo de falar te denuncia tu és muito parecido com ele tu andasse tanto com esse homem... tu contemplasse tanto esse homem que fosse transformado a semelhança dele... mesmo quando Pedro estava negando Jesus mesmo assim ele ainda parecia com Jesus ... e Paulo diz nós somos transformados pelo contemplar... você tem contemplado a pessoa de Jesus ? você tem tido assim uma comunhão tão profunda com Jesus a ponto de se parecer com Jesus ? as tuas palavras parecem com as palavras de Cristo? Então essa crítica de Gandhi nos leva a refletir isso: que tipo de cristãos estamos sendo? Será que as pessoas ao olharem para nós ... ao ver nosso comportamento as nossas palavras o:: é:: aonde nós andamos o que nós assistimos o nosso comportamento dentro de casa como o esposo trata a esposa como a esposa trata o esposo como os pais tratam os filhos como os filhos/ os filhos cristãos tratam os seus pais será que elas tem vontade de ser cristãos ao olhar para isso?... (argumento de reciprocidade) então essa frase de Gandhi é positiva nesse sentido ... quando você

reflete quando você analisa a sua vida e você deseja ser mais parecido com Jesus... porque o sentido da palavra cristão significa que você deve ser uma cópia de Cristo significa que eu devo ser bem parecido com Jesus... que as pessoas devem ver Jesus em mim que a minha vida deve estar oculta em Cristo que a vida de Cristo deve estar revelada em mim... esse é o verdadeiro sentido do cristianismo que Gandhi não encontrava nos cristão se é por isso que ele diz eu não cristão por causa dos cristãos e sem dúvida eu serei cristão eu tenho desejo de ser cristão ... mas eu procuro nos cristãos uma coisa que eu ainda não encontrei um cristão que viva vinte e quatro horas o cristianismo ... que palavras duras as palavras de Gandhi... é positivos nós pensarmos aceitarmos essa crítica com o desejo de mudar com o desejo de sermos verdadeiros cristãos ... as palavras de Gandhi também lembram o que Paulo diz em suas cartas né primeira coríntios capítulo onze veros um onde o apóstolo Paulo declara o seguinte sede meus imitadores como também eu sou de quem? De Cristo... sede meus imitadores olha o que Paulo diz Paulo assumiu uma responsabilidade muito grande ... você teria coragem de dizer isso que Paulo disse? Dizer é fácil sejam meus imitadores pronunciar as palavras pronunciar essa frase é fácil ... mas viver essa frase ... não é tão simples (argumento aparência e realidade) Paulo disse sejam meus imitadores Paulo dá a cara a tapa ele diz olha pra minha vida vejam o que eu sou imitador de Cristo e me imitem pois imitando a minha pessoa vocês estão imitando a pessoa de quem? (argumento de transitividade) ...de Jesus... será que as pessoas veem Jesus em nós? Olha que/essa interrogação nos perturba... será que as pessoas ao olhar para mim vê Jesus em mim? Será que as pessoas ao olhara pra você veem Jesus em você? Enquanto isso não acontecer em nossa vida amados nós podemos até declarar ser cristão mas seremos apenas cristãos professos muito diferentes dos cristão de fato de verdade... era isso que Gandhi procurava eu não sou cristão por causa dos cristãos.. essa palavra machuca não é verdade? Quando você olha pra sua vida e você ver que não alcançou esse ideal de ser um imitador de Cristo ... de não conseguir as vezes de não ser um imitador de Paulo um imitador de Daniel da bíblia um imitador de Jó... (argumento pelo exemplo de tais figuras bíblicas – o todo é Jesus e as partes os profetas) você já se decepciona imagine quando você olha para Cristo não é? ... como algumas vezes nós comentamos aqui já cheguei a comentar quando você olha para alguém ... quando você olha para alguém que mais defeitos que você aparentemente você se sente bem você se acha bem mas quando você olha para alguém que tem mais qualidade que você num é? E quando você olha pra Jesus que é perfeito? Quando nós olhamos para Jesus quando nós temos comunhão com Jesus acontece na nossa vida o que aconteceu na vida do profeta Isaías que ele teve uma visão de Cristo ele viu Jesus sentado em um alto de um trono né e as abas da sua veste cobriam o templo e serafins estava diante dele dizendo santo santo santo é o senhor dos exércitos toda terra está cheia de sua glória está em Isaías capítulo seis (...) quando você se aproxima de Jesus é que você percebe quem de fato você é quando a nossa vida pecaminosa se contrasta com a vida santa e perfeita imaculada de Cristo... nós vemos quão pequenos somos... quebra todo o nosso orgulho... toda nossa arrogância vai pro pó... precisamos melhorar... precisamos ser cristãos autênticos precisamos andar na contramão do mundo... muitas vezes nós estamos acostumado com aquilo que o mundo nos oferece... ser apenas X não resolve o nosso problema o nosso pecado... precisamos ser pessoas ligadas

a Cristo... o lado positivo da mensagem de Gandi é essa fazer você refletir rever seu conceitos... procurar: chegar mais próximo de Jesus claro que nunca seremos iguais a Jesus mas na esfera humana Deus não exige menos que santidade... e santidade não é... perfeição no sentido da palavra de você não cometer erros porque é impossível viver nesse mundo sem cometer erros... mas santidade significa você se separar para Deus se separar para um propósito quando Deus diz dízimo é santo quer dizer esse dinheiro esse dez por cento é separado para o meu propósito o sábado é santo é separado para o meu propósito então ser santo significa isso você ser separado para Deus ser consagrado para Deus... talvez seja isso que falta em nossa vida uma entrega por completa...talvez nós estejamos entregando apenas a metade de nossa vida para Deus... ou talvez não estejamos entregando nem ape/ nem men/nem ao menos a metade da nossa vida... Deus quer que você faça uma entrega por completa a ele... amém? e é por isso que Deus pediu a Abraão que ele sacrificasse seu único filho quando já era um homem velho e Sara só queria descanso sabe por que? Porque Deus chamou Abraão para ser o pai da fé... Deus deu a Abraão o privilégio do Cristo nascer de sua descendência é por isso que ele disse na tua família serão benditas ou abençoadas todas as famílias da terra porque o redentor do mundo viria da descendência de Abraão... mas Abraão apesar de altos privilégios muitas vezes ele falhou com Deus... Abraão omitiu o fato de Sara ser sua esposa...Abraão aceitou o conselho de Sara de se deitar com outra mulher alguns vezes Abraão falhou com Deus e Deus disse Abraão você precisa provar para mim para os anjos para os habitantes de outros mundos e pra todo esse mundo que você é digno de ser chamado pai da fé... e quando Deus pediu para Abraão sacrificar o seu filho ali foi ... ali foi a forma de Abraão se redimir... quando Abraão estava disposto a descer o cutelo Deus diz agora Abraão sei que tu temes a Deus porque tu não me negastes o teu único:... filho talvez amados nós estejamos ainda como Abraão antes desse momento... faltando alguma coisa nosso cristianismo as vezes é um cristianismo fraco... nós fazemos algumas coisas boas mas nos acostumamos a fazer algumas coisas que aos olhos de Deus são ruins... e nós não fazemos nenhum esforço... nós muitas vezes não fazemos nenhum esforço... muitas vezes nós nos rendemos ao mundo... nos entregamos com facilidade... não estamos dispostos a resistir a tentação atendemos os clamores do nosso corpo... os clamores da carne... a carne pede pra gente o que é errado e a gente aceita a gente não luta não faz como Paulo que é esmurrado o seu próprio corpo (argumento por exemplo) ... então quando você pensa no que Gan/Gandi disse por esse lado que é positiva a mensagem dele na sua vida faz você rever observar o que precisa melhorar (...) se você diz que é de Jesus você deve andar como Jesus... será que nós estamos andando como Jesus andou? Será que nós estamos vivendo como Jesus viveu? Será que o nosso comportamento familiar é:: o comportamento familiar de Jesus? Será que a administração dos bens que Deus coloca em nossas mãos... é da maneira como Jesus administrava os bens que Deus colocava nas mãos dele?... será que o nosso pensamento são parecido com o pensamento de Jesus? Será que como diz Paulo nós temos a mente de Cristo? Paulo diz que os cristãos tem que ter a mente de Cristo (...) nós somos como um palco onde as pessoas assistem um espetáculo nosso um espetáculo da nossa vida... que espetáculo estamos apresentando para o mundo? Que espetáculo estamos apresentado para os seres angelicais? Será que eles sentem orgulho do espetáculo que nós apresentamos ou será que eles vertem

lágrimas?... pelo espetáculo horrível que nós apresentamos?... quantos anjos assistem o espetáculo da nossa vida? Qual é a reação deles dentro das decisões que tomamos? E que decisões temos tomado em nossas vidas? Pense de forma positiva no discurso de Gandi na frase dele... eu seria cristão sem dúvida se os cristãos o fossem vinte e quatro horas por dia... olha o que o Gandi disse... em outras palavras eu tenho o maior desejo de ser cristão eu só não sou ainda porque eu não encontrei ainda na terra nenhum cristão que viva o cristianismo vinte e quatro horas por dia... o lado negativo desse discurso de Gandi é a segunda parte do nosso sermão... tem um lado negativo também... muitos hoje... fariam parte da igreja hoje se a igreja tivesse preparada para receber aquelas pessoas e que elas não fazem/elas não entram na igreja hoje porque se entrasse talvez se decepcionaria e sairia da igreja... tem um/tem uma historinha é::: de um camarada que ele abandonou a igreja e o pastor foi visita-lo e disse irmão porque você abandonou a igreja? Ele disse olha eu abandonei a igreja porque eu estava querendo encontrar dentro/eu queria que a igreja fosse perfeita mas a igreja não é perfeita.. e aí o pastor disse muito bem...aí ele disse vou procurar uma igreja perfeita o pastor disse tudo bem procure mas o dia que você encontrar não faça parte dessa igreja porque no dia que você fizer parte dessa igreja ela vai deixar de ser uma igreja perfeita para ser uma igreja::... imperfeita... o lado negativo do discurso de Gandi é isso porque não existe pessoas perfeitas... Jesus falou que é inevitável que venham o que? Os escândalos... onde existir pessoas existira imperfeições (argumento de transição) ... não existem igrejas perfeitas... claro que nós temos que lutar para ser o mais parecido com Jesus... São Francisco de Assis disse pregue o evangelho e se for preciso u-se palavras... a sua vida tem que ser o verdadeiro sermão...a sua vida tem que ser o verdadeiro sermão... o lado negativo do discurso de Gandi é porque muitas pessoas a semelhança de Gandi... muitas pessoas guardem isso na mente de vocês tomam decisões erradas por causa do comportamento errado... algumas pessoas tem vontade de fazer parte do povo de Deus mas quando observa a vida de algum membro aqui da igreja diz rapaz eu vou nada ser daquela igreja olha como aquela pessoas se comporta... ou seja erram por causa do erro das outras pessoas... outra coisa importante... na igreja o exemplo a ser seguido não são as pessoas que estão dentro da igreja... porque todas elas são pecadoras... mas o exemplo perfeito de Jesus ESSE deve ser o modelo a ser seguido... Jesus Cristo... todos que estão aqui... todos vocês... eu também... todos nós espiritualmente somos como doentes e aqui essa igreja o hospital cada um de nós embora sejamos bons em alguma coisa nós temos muitos pontos fracos e nós estamos aqui para ser tratados por Jesus que é o nosso médico... amém? então esse é o lado negativo do discurso de Gandi quando ele diz olha eu deixo de ser cristão por causa de alguns cristãos... se nós analisarmos direitinho essa/essa frase... a gente vai perceber que existe muita coisa negativa nessa frase... existe coisas positivas que fazem refletir? Existem mas existem muitas coisas negativas... porque você deixa de tomar uma decisão de seguir a Jesus por causa de pessoas... e cristo ele nos disse eu sou o exemplo sigam a mim OLHAI para mim e sejam salvos... porque que cristo disse olhai para mim? Porque só ele é o modelo... porque nele você não vai encontrar nenhum defeito... porque dele você vai encontrar exemplos para todas as áreas da tua vida...ele deu exemplo de tudo... e ele pisou em solo humano pecador... mas foi perfeito... ele é o verdadeiro exemplo [...].

Transcrição do segundo Sermão oral

Tema: A paz

Orador: Líder religioso

Querido hoje eu quero falar um pouquinho a respeito de paz... paz... é uma coisa que todos nós queremos todos nós precisamos... o indivíduo pode ter um caminhão de dinheiro... se ele não tiver paz não adianta nada... ele pode:: estar com um baita de um emprego né... ser um executivo aí ganhando muito dinheiro... se não tiver paz não resolve nada... pode tá na melhor casa... se não tiver paz... ele pode tá fazendo uma viagem internacional dos sonhos... se ele não tiver paz no coração... a gente precisa de paz pra poder trabalhar bem pra poder se relacionar corretamente com os nossos filhos... com o nosso cônjuge... com os nossos pais a gente precisa de paz pra poder estudar e ir bem na faculdade... a gente precisa de paz pra poder dirigir no trânsito... a gente precisa de paz paz de espírito paz de alma... né... as vezes tem campanhas aí né paz no trânsito... a gente precisa de paz... né... quando um país está em guerra a gente vê o tamanho do sofrimento das pessoas... bomba pra tudo quanto é lado... prédios destruídos gente sofrendo... gente angustiada... GUerra que seria o antônimo de PAZ... nossa... é a ausência de paz é:: desesperador... leva ao sofrimento angústia e:: a gente encontra Jesus sendo apresentado como o príncipe da paz...Isaías no capítulo nove verso seis... é um texto bastante conhecido de todos nós falando a respeito de Jesus... né... Isaías um profeta messiânico... falando a respeito da vinda do Messias... declara assim no verso seis de Isaías nove porque um menino nos nasceu um filho se nos deu e o governo está sobre os seus ombros e o seu nome será maravilhoso conselheiro Deus forte pai da eternidade e príncipe da paz... príncipe da paz... eu não sei se você sabe mas nos estados unidos aproximadamente setenta MILHOES de pessoas não conseguem dormir... insônia... sabe o que é isso? setenta milhões de pessoas num país e não conseguem dormir... sem paz na alma... sem paz no coração... colocam a cabeça no travesseiro tentam dormir e não conseguem... esses dias achei interessante uma charge que o indivíduo falava assim interessante né que pra você dormir primeiro você precisa fingir que tá dormindo... (risos) reparou isso? Não tá dormindo mas tem que fingir até a hora que pega no sono... agora pense você tentando dormir e não consegue... tentando dormir e não consegue... acho que todos nós já passamos uma vez ou outra por uma situação como essa... é horrível... você tem horário no outro dia tuas atividades é uma da manhã e você não conseguiu dormir ainda... uma e meia e nada... duas horas você já não sabe mais o que fazer... agora você imagine setenta milhões de pessoas num único país com insônia... sabe o que é isso? há uma palavra grega chamada madamerimna... sabe o que que é merimna? é mente dividida... e uma frase interessante que dizia assim a pessoa que está em um lugar com a cabeça em outro lugar na verdade ela não está em lugar nenhum... gente com a mente dividida... tá aqui mas tá pensando no amanhã... tá aqui mas tá preso no passado... tá aqui mas gostaria de estar em outro lugar em uma... gente... é essa essa desestruturação mental ela é destruidora... é o indivíduo que tá no trabalho mas tá pensando em que tem que fazer o almoço... isso vai minando as nossas energias... é o indivíduo que tá na academia mas tá preocupado com outra coisa... você sabe que há estudos CLAROS na neurociência que dizem que o ser humano NÃO consegue fazer duas coisas ao mesmo tempo... é:: com a

mesma eficiência que faria de maneira única aquela coisa... não dá:: você quer se dividir vai perder força... e tem gente que desdobra em quinze... é claro que vai fazer mal feito todas as quinze coisas... e a gente brinca né que as mulheres conseguem fazer muitas coisas e que o homem mascar chicletes e subir a escada rolante ao mesmo tempo... né... que é muito complexo pro homem... não... é assim pra todos... a gente precisa ter FOCO... se a gente tiver com a mente dividida... vai estudar amigo... ESTUDA... você vai dormir... dorme... você vai interagir nas redes sociais... interaja... você vai assistir um jogo... assiste o jogo... você vai trabalhar... trabalha... FOCO... não é porque você tem que alcançar melhores resultados apenas... é porque isso é bem pra você... mente dividida destrói... mente dividida enfraquece... mente dividida é... mina as tuas energias... então o príncipe da paz ele veio trazer calma ao teu coração... CALMA a tua mente que anda tão acelerada... num é essa síndrome do pensamento acelerado... estamos ansiosos... angustiados... estressados...sem PAZ... mas hoje eu quero tornar a apresentar a você o príncipe da paz... ele recebe essa titularidade... essa titulação melhor dizendo... essa titulação... por que? porque ele é o embaixador da paz... onde ele chega a paz é implementada... isso significa dizer pra você caro amigo... que se você não tem PAZ você precisa de CRISTO... porque ele que vai trazer a paz... não é conseguir um emprego... que vai trazer paz pra você... não é só o teu filho sair das drogas que vai trazer paz pra você... isso faz parte de um conjunto de elementos... mas quando o príncipe da paz se estabelece a lógica se inverte... e a gente vai entender isso um pouquinho mais a frente... eu queria mostrar pra você aquilo que seria uma aparente contradição bíblica... certo... mas a gente vai perceber que a própria bíblia se explica... e deixa isso CLARO pra você... okay? O texto agora que eu gostaria que você acompanhasse comigo está no novo testamento... no livro de mateus no capítulo dez... mateus dez verso trinta e quatro... é um texto bem conhecido também de todos nós... mateus dez verso trinta e quatro... a bíblia palavra do Senhor... é:: ela declara Jesus falando pra você dizendo assim... é Jesus falando... NÃO penseis que vim trazer paz a terra... não vim trazer paz... mas espada... e aí... por isso que eu falei... uma aparente contradição né... como é que pode o príncipe da paz vem a essa terra e ele declara... ELE que tá dizendo ... não é uma interpretação de um discípulo nada... é ele que tá dizendo não pensem que eu vim trazer paz a terra... não vim trazer paz mas espada... espada é o que? guerra conflito divisão... mas pastor x o senhor acabou de dizer pra gente que a mente não pode tá dividida... vem Jesus com espada que é pra dividir... que é pra cortar separar... que é símbolo de GUERRA... por que que o príncipe da paz que excede o entendimento humano segundo filipenses... por que que ele traz isso aqui?... ESPADA... e ele diz olha não pense que eu tô trazendo paz... eu não tô trazendo paz... eu tô trazendo guerra... e aí dá uma confusão na mente da gente... vocês se lembram quando os anjos anunciaram a volta de Jesus... eles falaram PAZ na terra aos homens de boa vontade... a... o DESEJO do céu é que a gente tenha paz... JESUS é apresentado como príncipe da paz... e o próprio Cristo diz assim oh... peraí.. não pensem que eu vim trazer paz a vocês... eu não vim trazer paz... eu vim trazer espada... e aí a gente pode ficar meio confuso porque a gente precisa de paz... a nossa mente precisa ter foco... ter concentração em cada uma das coisas... ahh... a gente precisa deixar a angústia de lado... confiar em Jesus.. porque foi o que Cristo disse não andeis ansiosos por coisa ALGUMA... tragam as suas angústias... tragam os seus medos... tragam as suas inseguranças... se

alguém está cansado e sobrecarregado venha a mim disse Cristo... eu trarei alívio a vocês... darei alegria paz descanso... ora... é contraditório... e aparentemente é... mas a gente precisa entender a lógica:: da paz que o céu oferece pra você e pra mim... e esse conceito ele é bem explica::do e bem detalhado e as coisas ficam mais claras e evidentes pra você e pra mim quando a gente lê João catorze vinte e sete... João catorze vinte e sete ainda no novo testamento né... Mateus Marcos Lucas João... João no capítulo catorze... ahh no verso vinte e sete... e olha só o que diz aqui... João catorze vinte e sete... também é:: Jesus declarando... e ele diz assim... deixo com vocês... a paz... a minha paz lhes dou... não lhes dou... ahh.. não lhes dou a paz como o mundo a dá... e isso é importante... que o coração de vocês não fique angustiado nem com medo... amigo a palavra de Deus diz deixo-vos a paz a minha paz lhes dou mas não dou como o mundo a dá... porque na MENTE humana... na mente no coraÇÃO das pessoas paz é ausência de guerra... paz é quando tudo tá bem... por que? porque nós somos extremamente reativos e previsíveis... se tudo tá bem eu tô bem... se tudo tá mal eu tô mal... se me elogiam eu fico feliz... se me criticam eu fico triste... essa é assim que a gente reage... se me batem eu não gosto... se me fazem um carinho eu fi/ eu fico alegrinho é assim que é... se o indivíduo é:: me prioriza aí eu fico feliz... se ele não me prioriza eu fico triste... as nossas reações elas são previsíveis e sempre é:: diretamente proporcionais aquilo que aconteceu... boa notícia alegria... notícia ruim tristeza... nós somos previsíveis a previsibilidade humana e suas reações é ÓBVIA de mais... então assim se eu tô em guerra lógico que eu tô em conflito... se eu tô em guerra eu tô angustiado... se eu tô em guerra então eu vivo... aí Jesus diz assim olha... é:: eu vou dar a paz pra você... mas eu não vou te dar como o mundo a dá... a visão do mundo é essa... ausência de guerra... eu vou trazer paz pra você no meio da tempestade... você vai tá no meio do tiro cruzado pra todo lado... fogo amigo... é é... tiro de bazuca... é TUDO... mas você vai tá em paz... é isso amigo... porque problemas dificuldades angústias nós vivemos um grande conflito é o bem e o mal lutando dentro de nós a cada instante a cada momento... a cada segundo a gente sente o poder do mal tentando INvadir o nosso coração e criar raízes ali... e a gente tem que tirar essas ervas daninhas... é uma luta pra você é uma luta pra mim... é um grande conflito é uma GUERRA entre o bem e o mal que é travada na sua mente no seu coração... é travado dentro da sua casa é travado no lugar onde você trabalha... no lugar que você estuda... é travado no meio dos teus familiares dos teus amigos... dos teus inimigos... é assim... agora Jesus Cristo que é o príncipe da paz ele diz assim eu vou deixar a paz mas não é como o mundo pensa... é uma outra paz... vocês vão ter problemas angústias Jesus nunca mentiu pra ninguém... ele disse nes-te mun-do terei aflições ... mas tenha bom ânimo eu venci o mundo... e QUEM estiver comigo é MAIS do que vencedor não é isso que romanos oito diz? Estou bem certo de que nem a morte nem a vida nem anos nem principados nem altura nem profundidade NADA pode me separar do que? do amor de Deus que está em Cristo Jesus o nosso senhor... então se NADA me separa desse vencedor eu posso ter problemas ter an/angústias... há situações que eu não sei reagir... há momentos que eu não sei como entrar e como sair... há situações onde eu não tenho nenhuma possibilidade de resolução... mas se EU permaneço com Cristo a despeito dos problemas das lutas e das angústias eu vou estar em paz... o casamento pode tá acabando e você em paz... os problemas acontecendo e você em paz... Pastor isso não é meio insano? Pro

mundo é:... não deveria reagir assim pastor o casamento tá acabando é um momento triste é um divórcio... nada acho que é mais triste do que o divórcio... é a ruptura separação laços quebrados mágoa... tanta coisa ruim... mas algumas pessoas apesar de todas essas circunstâncias elas conseguem ter paz... não é que elas estejam felizes não é que elas estejam concordando ou alegre não é nada disso não estão comemorando... mas é um indivíduo que no meio da resiliência do momento mais difícil da vida dela... ela tem paz... pastor isso é muito difícil... não disse que era fácil... mas eu quero lembrar a você de Estêvão por exemplo o primeiro mártir... ele enquanto recebia pedras dizia pai perdoa eles não sabem o que estão fazendo... PAZ no meio do momento mais angustiante de sua vida... quando a gente lê a história dos dos patriarcas né ... dos patriarcas não dos dos primeiros cristãos... Tiago foi o PRIMEIRO dos discípulos a ser martirizado... e antes dele ser queimado.. dele ser degolado na verdade.. é: o seu algoz ia degolá-lo confesse e reconhece Jesus Cristo como o seu salvador... ele é degolado decapitado junto com Tiago... PESSOAS que nos momentos mais angustiantes da sua vida estavam em paz... MÁRTIRES que foram queimados VIVOS imagine você tá aqui vivo tudo bem com você cheio de madeira graveto ao teu redor e colocam fogo... você vai queimando de baixo pra cima... e muitos deles cantavam... PAZ nos momentos mais difíceis da vida humana... é hora de você buscar o príncipe da paz... é hora de você clamar a Jesus... clamar para que esse PRÍNCIPE que é o EMBAIXADOR da paz inunde o teu coração... você tá sem emprego busque o príncipe da paz porque quem te sustenta não é o emprego é Jesus... é Deus... você tá vivendo um momento muito angustiante da tua relação com o teu filho com a tua filha converse e chame o príncipe da paz... ELE vai acalmar o teu coração... ele vai colocar você em descanso... venham a mim TODOS os que estão cansados e sobrecarregados... EU aliviarei vocês... pegue o meu jugo ele é leve é sua::ve... me dá aqui você não aguenta mais... você chegou no teu limite você já pensou em tirar a vida... você já pensou em acabar com tudo... você preferia morrer... não tem nem CORAGEM de tirar a vida mas era isso que você queria... PORQUE hoje a situação tá muito escura... querido convide o príncipe da paz pra ele fazer morada no teu coração e na tua via... diga assim Senhor pegue o volante eu não consigo mais dirigir minha vida só tô batendo em tudo que... eu pareço um elefante na:: loja de cristal tô derrubando tudo... tudo que eu pego eu estrago... nada dá certo... CONVIDE o príncipe da paz...você vai passar por problemas dificuldades angústias... claro que vai... CLARO que vai... me mostre UM herói da fé que não passou por luta dificuldades crise existencial problemas dificuldades... TODOS passam mas qual era o segredo deles? ELES viviam com o príncipe da paz bem juntinho deles... então no meio da angústia... no meio dos momentos mais conflituosos eles tinham paz... eu acho que é isso que você precisa hoje não é? Paz... paz não dá pra comprar no mercado amigo... mas a paz pode trazer alegria pra você serena... pode trazer um leve sorriso sabendo de que Deus está no comando de TUDO... TUDO... NADA do que aconteça na sua vida é desimportante pra Deus... NADA... NADA... cada detalhe é significativo... cada detalhe é importante... é por isso que ele faz um convite a você... Jesus convida a você recuperar a sua estrutura emocional... ele convida você a pra que você volte a ter paz... ele convida você a sorrir novamente.. ele te convida pra ser salvo pelo sangue precioso dele... ele te convida pra que você seja uma nova criatura... uma nova pessoa um novo ser... você pode zerar o cronômetro da tua vida agora em Cristo Jesus... ele pode

reescrever sua história ele pode mudar seu dna ele pode apagar suas memórias ele pode reestruturar tudo o que existe aí na sua vida... o que você precisa fazer é aceitar esse convite maravilhosos... esse Jesus que não se cansa de te amar... que se preocupa com você e quer o melhor pra você [...].

Transcrição do terceiro Sermão oral

Tema: O amor ao próximo

Orador: Líder religioso

Eu vim aqui para nós estudarmos a palavra de Deus... é:: você pode abrir a sua bíblia no livro de São Tiago? Você pode me fazer esse favor? São Tiago... a igreja também está bem diferente muitas caras novas né? Uma bênção de Deus... Tiago encontraram aí ? Tiago? (...) mas antes de fazer a leitura eu queria fazer uma algo diferente com vocês... vou esperar todo mundo encontrar... é lá no finalzinho da bíblia... Tiago::o dois... Tiago capítulo dois... eu queria pedir aos irmãos que se pudessem se colocar em pé um minutinho aí pra nós fazer uma prece ao senhor... pode ser? Muito bem... é:: eu queria que você pudesse pensar nesse momento nos vamos orar em alguém... em algumas pessoas pessoas que estão com alguma dificuldade com algum problema sofrendo passando necessidade quem sabe:: sofrendo pela fome ou pela violência.. tudo bem? Alguém está com algum problema de saúde... queria que você pensasse aí... todo mundo conhece alguém que está sofrendo talvez alguns que esteja sofrendo esteja aqui talvez agora no nosso meio então eu vou lhe dá um minuto pra você aí onde você está fazer a sua prece por essa pessoa... tudo bem? Pode ser? Tá ok... então oremos ao senhor... louvado seja Deus pode sentar...eu cronometrei aqui exatamente o tempo que vocês ficaram em oração... foi um minuto e dezesseis segundos do meu oremos até o meu amém... um minuto não sei se dá pra vocês enxergar aí mas um minuto e dezesseis segundos... por que eu fiz isso? porque eu gostaria de trazer uma informação pra você... uma informação muito importante eu quero que você preste muita atenção... enquanto você orava por uma pessoa que sofre durante um minuto exatamente dezessete crianças pelo mundo estatisticamente estava morrendo pelo efeito da fome... você entendeu o que eu falei? Dezessete crianças morriam de fome enquanto você fazia essa oração... estatisticamente a cada três vírgula cinco segundos um número um pouquinho maior mas eu tô arredondando morre uma criança de fome no mundo... é um número alarmador igreja... é ou não é gente? Muito triste... muitas dessas crianças já nascem com problemas de saúde porque a fome que a mãe vinha passando durante a gravidez e elas dificilmente vão conseguir sobreviver... países como serra leoa... as crianças é::: a cada dez crianças são números antigos que eu vi a cada dez crianças apenas duas crianças conseguem chegar aos cinco anos de idade... é muito triste... e essas duas que vão chegar aos cinco anos não sabemos... o controle de natalidade é:: péssimo... a fome é terrível... e a aids que chega a atingir mais de noventa por cento da população... num dá trégua e acaba matando muitas pessoas... mas queridos dezessete crianças morrem a cada minuto de fome no mundo... é um número muito triste e alarmante o qual nós devemos ter uma visão sobre isso... oitocentas mil pessoas nesse momento aqui no nosso país está passando algum tipo de fome... é um número muito alto ou não é um número alto? A maioria dessa população está nas

favelas e nos lugares é:: aonde não existe habitação é:: preparada pra eles... e o engraçado é que o número de igrejas... engraçado pra não dizer outra coisa né? É que o número de igrejas evangélicas tem crescido principalmente nessas comunidades... aí me chama muito a atenção disso porque cresce o número de evangé/ igrejas evangélicas nessas comunidades mais pobres e a fome não diminui... por isso pergunto será que nós estamos cumprindo verdadeiramente a missão que o nosso mestre nos ensinou? Eu sei que a bíblia está cheia de muitas doutrinas e ensinamentos preciosos maravilhosos que nós precisamos o mundo precisa ouvir amém? (...) Mas o mundo precisa ser saciado a sua fome... quando nós pregamos o evangelho ele tem feito a nossa obra e quão formosos são os pés daqueles que anunciam a mensagem do senhor a obra do senhor... anunciam o evangelho do senhor... mas quão formoso é o espírito de uma pessoa que sacia a fome de alguém... eu queria trazer esse dado pra você chamar a sua atenção pra o número de pessoas que estão pelo mundo passando fome... é engraçado que a gente senta na mesa pra comer eu mesmo já fiz isso muitas vezes e quando vai comer ovo pela quinta vez na semana e ainda é na quinta-feira né? o caba reclama meu deus ovo de novo né? Ovo de novo? Outro dia eu tava perguntando to com medo de ir ao banheiro e botar um ovo... sentir aquelas dores e chegar lá e botar um ovo... desse jeito aí que eu tô comendo ovo... como a gente reclama irmãos tendo barriga cheia... quando tantas pessoas estão passando fome e necessidade pelo mundo... antes de eu ler o texto eu gostaria de lembrar vocês o que está por vir natal sem fome um dos programas mais bonitos que a igreja X desempenha a cada ano... arrecadando alimentos... eu quero conta pra vocês a nossa experiência... nós tomamos uma decisão entre nós de não não entregar cestas básicas as pessoas mas entregar feiras pras pessoas... suficiente pra que a pessoa pudesse passar um mês a família pudesse passar um mês... e essa era a nossa intenção.... dois mil e dezesseis nós nos organizamos e:: foi uma bênção mas infelizmente nós só conseguimos fazer quatro feiras pra entregar as pessoas... e nós entregamos as quatro feiras e aquilo me doeu eu fiquei triste porque eu gostaria que o resultado fosse outro fosse melhor então em dois mil e dezessete nós nos reunimos e dissemos irmãos nós precisamos mudar vamos melhorar e então tomamos a decisão de alugar um veículo simplesmente arrecadarmos alimento e arrecadarmos entre nós alimento e tomamos a decisão de sair pedindo alimento nas casas das pessoas... um grupo de jovens de irmãos corajosos saíram arrecadando a gente fez uma campanha muito grande bonita os irmãos também contribuíram e nós reunimos naquele ano ano passado reunimos dezessete feiras para alimentar dezessete famílias durante um mês e foi uma bênção amém? Dezessete famílias foram alimentadas o ano passado... esse ano espero em deus que a gente dobre né? Quanto mais melhor... quanto mais a gente puder ajudar melhor... mas eu quero contar pra vocês a cena que me aconteceu... a cena que eu tenho chamado e testemunhado sobre isso como o dia mais infeliz da minha vida... e olha que eu já tive um bocado de dia triste na vida... eu já perdi dois filhos... por aborto da minha esposa... foram dias muito tristes pra mim já perdi pessoas da minha família que eu amo já passei fome... chegar em casa e muitas vezes não ter o que comer já testemunhei outras vezes aqui pra vocês... mas aquele dia foi o pior dia da minha vida... nós saímos pra entregar as feiras entregamos em vários lugares e fomos entregar em uma comunidade... a maioria das feiras a gente ia entregar na comunidade próxima da cidade... /.../ nós fomos entregar na casa de uma mulher

que às vezes ia a igreja mas sempre ajudávamos essa família né? Marido mulher e acho que uns cinco filhos todos pequenos todos pequenos a maioria deles assim na idade da minha pequenininha que vocês viram que veio aqui a frente... chegamos na casa daquela mulher foi uma cena muito triste porque ali o que tinha... não tinha onde eles dormir não tinha onde eles sentarem... é:: o que tinha era um colchão que se transformou num tapete por causa do uso... tava com tanto uso que virou tapete... era onde eles dormiam naquele colchão dessa finura e eles dormiam ali se enrolavam do jeito que dava e a família toda junta acabava que um esquentava o outro... uma casa de taipa... as condições de vida terríveis não tinha fogão não tinha mesa a casa caindo os pedaços... então a gente inclusive nos reunimos e é:: conseguimos um fogão pra eles bujão conseguimos cama colchão ajudamos no que nós pudemos fazer... só não construímos uma casa pra eles porque a casa não era deles se fosse deles a gente tinha planos e tava se organizando pra levantar nem que seja um quatinho pra eles ficarem mas infelizmente a casa não era deles então a gente ficou com medo eles tinham o bolsa família mas compraram a casa com o cartão do bolsa família você entendeu a situação? Eles deram o cartão do bolsa família pra o dono da casa de taipa caindo os pedaços deu o cartão e a pessoa sacava e eles não tinham nada... o marido infelizmente é::: uma pessoa é::: viciada em drogas... um drogado quase sempre drogado e a mãe com uma reca de menino eles tinham em torno de vinte e dois vinte e três anos de idade cada um mas a aparência de trinta pra quarenta anos por causa do descuido do sofrimento... e as crianças eram as mais que me doíam porque as crianças eram criadas assim tinham um sofrimento muito grande apesar de que a mãe é muito cuidadosa ela é muito cuidadosa com as crianças mas infelizmente né não tínhamos como fazer mais por eles... nós chegamos de carro carro do pastor o pastor foi com a gente... chegamos de carro lá com a feira e com o bujão nós entramos pra dentro entreguei a feira passamos ali pela rua rua abandonada entregamos ali a feira oramos eu inclusive me emocionei bastante porque:: vi a minha/o meu passado ali parecia que eu tava me vendo ali naquela casa quando eu era criança nós tivemos uma vida semelhante e::: aí eu já saí um pouco bem emocionado por causa da situação mas quando eu saí pra fora eu vi uma das cenas mais horríveis que um ser humano pode ver e ali foi com certeza o momento mais triste da minha vida porque a frete de cada uma das casas ali tinha a família na frente... pessoal saiu pra fora das casas e ficaram olhando... a gente olhava aquelas crianças sentadas as mães ali sentadas nas calçadas com as crianças e com um olhar de esperança como quem acho que o semblante imaginava que dentro daquele carro nós tínhamos mais feiras mais comida alimento pra oferecer pra aquelas famílias foi muito difícil porque a gente ligou o carro e um olhava um pra cara do outro e não sabíamos o que fazer que atitude tomar porque infelizmente não tínhamos o que fazer não tínhamos mais nada pra oferecer enquanto nós saíamos as pessoas olharam pra gente e alguns até diziam não tem não uma pra mim? E uma das famílias eu conhecia alguns tinham sido meus alunos né? Os filhos daquelas senhoras foram meus alunos quando eu ensinava uns oito nove anos atrás... e::: ela falou pra mim professor eu também tô precisando o senhor não tem aí não pra mim? Foi um dos dias mais difíceis da minha vida eu garanto pra vocês eu não vou esquecer jamais os olhos daquelas crianças e o rosto daquelas mães jamais vou esquecê-los eles passam na minha cabeça sempre eu não consigo esquecer o sofrimento e a dor de uma pessoa que passa fome... meus irmãos nós vivemos numa realidade muito difícil e

muito dura em nosso país e pra acabar de completar temos um inverno esse ano que não foi dos melhores eu fico imaginando o tamanho da fome que nós teremos esse ano verão de dois mil e dezenove... eu fico imaginando como será... difícil para as pessoas... eu louvo a deus porque todos aqui são pessoas bem alimentadas... irmãos o meu apelo nessa manhã é pelo seguinte... nós não podemos matar a fome do mundo é impossível nós salvamos aquelas dezessete crianças que morrem a cada minuto mas eu acho que juntos podemos fazer diminuir a fome de pelo menos uma dessas crianças... ao invés de dezessete podem ser apenas dezesseis... eu quero levar uma mensagem em torno desse caminho... eu fico a observar como nós seres humanos somos tendenciosos a dar mais honra as pessoas que tem condições financeiras igual ou melhor do que a nossa como somos tendenciosos ao imaginar que as pessoas são boas porque elas tem sucesso... é como a gente mesmo saber que elas não são tudo isso mas a gente sempre pela posição pelo que ela é ou pelo que ela representa a gente costuma dar mais honra a essas pessoas... e como os pobres são rejeitados essa é a realidade os pobres são rejeitados são maltratados e quando falo pobre não tô falando de nós... nós não somos pobres comparados a esse que estou falando eu estou falando daqueles que não tem nada que vivem na miséria e são muitos... que nem tem chega na igreja muitas vezes com a roupa velha fraca sujou malcheirosos eu falo daquelas pessoas que estão no mundo e não tem nada não tem o que comer não tem dinheiro pra comprar um sabonete... eu falo dessas pessoas como elas não são bem vistas diante da sociedade...meus querido irmãos por favor nunca rejeite uma pessoa dessa igreja.. ame-a independente de quem ela seja... um outro dia chegou lá na igreja em Craíbas (incompreensível) e eu estava pregando e quando eu vi a cena eu não consegui me conter eu precisei tomar uma atitude ninguém tomou uma atitude ficou todo mundo parado olhando achando que aquilo era normal chegou uma pessoa mal vestida de chorte de sandália chorte velho né sandália surrada a camisa surrada eu vi que suja né? Eu que vi que tinha bebido um pouco não estava completamente sóbrio é::: ele entrou na igreja e eu acho que quando ele olhou todos ali sentiu que não havia espaço pra ele ali e então ele veio sentou no chão ele sentou no chão eu queria que alguém tomasse qualquer iniciativa mas ninguém tomou iniciativa eu tive que largar o microfone larguei o microfone não pensei duas vezes larguei fui lá pegar na mão e disse não o seu lugar não é aqui e sentei ele no primeiro banco da igreja o seu lugar é aqui e aproveitei a oportunidade para falar com os irmãos e disse NUNCA JAMAIS vocês deixem uma pessoa sentar no chão da igreja a não ser que não tenha cadeira pra ele sentar mas NUNCA JAMAIS uma pessoa deve se sentir menosprezada ao ponto de sentar no chão numa igreja na casa onde for isso é uma humilhação não importa se ele estar bêbado se ele estar sujo se ele é pobre ele tem que sentar na frente ou em qualquer outro lugar mas ele tem que se sentir bem querido e amado... e aí aconteceu uma circunstância bem parecida só que ao inverso nós construímos a nossa igreja lá em Craíbas graças sim a maior parte a doações de um empresário construiu praticamente toda a igreja somos muito grato a ele... construiu a igreja doou os bancos doou o som ele realmente nós funcionamos hoje por conta dele... e ele sempre ia aos sábados visitar a igreja no início ele ligou pra irmanzinha que ele tinha mais contato e disse eu estou chegando sempre avisava a ela estou chegando ele e a família sempre sentava nos dois últimos bancos não gostava muito de aparecer ele sempre ficava lá no final ouvindo terminava o culto ele saia mal falava com as pessoas

ele não gostava de aparecer então é:: a irmanzinha me chamou e disse X fulano me ligou agora e tá vindo aí... amém seja bem-vindo agora tem uma coisa eu disse o que é? Sempre senta nesse último banco aí... mas que jeito eu vou pedir pra eles saírem do último banco pra quando o irmão chegar ele poder sentar onde ele sempre senta? Eu digo irmão não dá não... esse irmão vai sentar aonde? Tem vários bancos vazios se ele não quiser sentar nos bancos ele fique em pé ele senta no chão agora eu jamais vou pedir uma pessoa pra sair aqui não tem canto marcado... queridos irmãos eu sei que ela não fez por mal mas quantas vezes a gente quer agradar as pessoas e na maioria das vezes essas pessoas são aqueles que mais nos oprimem?... são as pessoas que mais faz mal pra gente... a gente quer agradar ao patrão... o patrão quase não paga o salário direito é ou não é? É a realidade do nosso brasil ou não é? Não paga o salário direito não dá os direitos que a gente merece... é:: nosso chefe muitas vezes nos humilha mas se ele chegar na igreja a gente quer dar o melhor lugar pra ele... você já parou pra pensar nisso aí? Me incomodou muito nessa construção não sei algumas vezes me incomodou muito eu não comentei com ninguém mas me incomodou eu me senti mal me incomodou quando nós estávamos construindo aqui a igreja... quando nós estávamos construindo e as vezes chegava o pastor acho que ele nem é mais pastor aqui... chegava o pastor aqui tirava foto muntava na moto e ia embora ou no carro ia embora... esse cara tem que vir aqui e pegar na enxada e trabalhar com a gente eu pensava assim... eu acho que a gente precisa se colocar no pé de igualdade com todo mundo todos os que estamos aqui somos iguais precisamos nos amar e nos querer e amar as pessoas que não estão aqui no nosso meio também... receber trata-las com carinho com amor... a gente precisa amar as pessoas independente do que elas são... uma das fés que mais me impressiona é de uma católica madre Tereza de Calcutá uma das histórias mais incríveis é a história dessa mulher que amava as pessoas mas amava de um jeito que dedicou sua vida para as pessoas ela lá na Índia pegava as mulheres sujas os homens ela começou a observar que na sua missão que as pessoas a população lá é enorme... as pessoas estavam no meio da rua sujas cheias de ferida... as crianças sofrendo e ela começou a tratar aquelas pessoas amar aquelas pessoas e cuidar daquelas pessoas /.../ a fome é uma coisa terrível... a fome ACABA com o físico da gente ACABA com o espiritual ACABA com a saúde acaba com a mente... a fome é terrível... durante a minha infância pelo menos até os meus quinze anos de idade eu enfrentei a fome dentro da minha casa... a fome é terrível... terrível... mas pior que a fome é o preconceito que as pessoas tem por aqueles que passam necessidade é a pior coisa que tem... /.../ nós vivíamos do que o povo doava pra gente... e as pessoas foram muito generosas com a gente... eu louvo a Deus por isso... louvo muito a Deus por isso... estudei lutei e graças a Deus não vivo mais passando essas necessidades mas sempre que eu vejo um irmão meu passar necessidade aquilo me dói é triste... eu espero que cada um de vocês coloque isso no seu coração... de dar mais valor as pessoas mais simples mais humildes... elas precisam de valor... e lembre-se quando fizestes a um destes pequeninos a mim o fizestes... não fazer nada por alguém meus irmãos... a sua religião não vale de nada... a verdadeira religião é isso cuidar dos órfãos e das viúvas [...].